

**PEDRO ADILSON DA SILVA ROCHA**

**O SENAI NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DE SEUS ALUNOS: UM  
ESTUDO SOBRE EGRESSOS QUE SE TORNARAM INSTRUTORES**

**DOUTORADO EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO**

**Pontifícia Universidade Católica  
São Paulo  
2005**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

**O SENAI NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DE SEUS ALUNOS: UM ESTUDO  
SOBRE EGRESSOS QUE SE TORNARAM INSTRUTORES**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutorado em Educação - Psicologia da Educação, sob a orientação da Profa. Dra. Mitsuko Aparecida Makino Antunes.

Pedro Adilson da Silva Rocha

São Paulo

2005

## **Banca Examinadora**

---

**Profa. Dra. Mitusuko Aparecida Makino Antunes**

---

**Profa. Dra. Heloisa Szymanski**

---

**Profa. Dra. Marisa Todescan Baptista**

---

**Profa. Dra. Laurinda Ramalho de Almeida**

---

**Prof. Dr. José Roberto Heloani**

## DEDICATÓRIA

Ao meu pai José Pereira Rocha, in memoriam, por tudo que ele representou e ainda continua a representar na vida de seus familiares.

A minha mãe Maurina Pereira Rocha, não apenas pelo incentivo aos meus estudos, carinho e amor, mas um ícone de matriarca na família, pelo seu admirável caráter, perseverança, capacidade de unir e cultivar valores sócio-moral e emocionais que a tornam um ser especial e inesquecível.

Aos meus queridos irmãos, Zoraide, Solange, Lina, Dulce, Humberto, pela sintonia fina da amizade, carinho, união e fé que nos mantêm unidos nos mais diferentes momentos de nossas vidas.

Aos meus sobrinhos, cunhados, pelo carinho, torcida, amizade, incentivo, carinho e força que são uma constante em nossa relação.

A Maria Isabel pela sua forte presença e força de incentivo, otimismo e credibilidade nos mais diferentes momentos.

Aos meus amigos, acima de tudo pelo que representam como seres humanos belos e admiráveis em sua essência.

Àqueles que foram e continuam a ser meus preciosos mestres e alunos na compreensão e enriquecimento das relações humanas.

A todos que foram e continuam a ser significativos em minha vida, pois representam parte daquilo que continuo a acreditar e buscar constantemente.

A todos vocês, com seus diferentes modos de ser, fazer e existir no mundo, direta e indiretamente, possibilitaram-me questionamentos, reflexões, buscas, enfim, vivenciar diferentes experiências, situações diversas e oportunidades ímpares que deram um sentido especial a minha vida e a este trabalho que é fruto de contribuições de parte de tudo aquilo que vocês representam para mim.

## AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

À Profa. Dra. Mitsuko Aparecida Makino Antunes, orientadora desta tese, pela acolhida, paciência, respeito, confiança e apoio às minhas idéias e capacidade de desenvolver o tema, sem a qual não teríamos realizado esta caminhada. Eu não poderia deixar de dizer a pessoa dedicada, fiel, presente e especial que és, pela amizade que amadureceu no tempo e tornou-se ímpar, despertou estímulos e oportunidades para discutir e aprofundar a temática. Este trabalho representa parte significativa da professora amiga e reconhecida pesquisadora.

A Profa. Dra. Heloisa Szymanski, pelos pertinentes questionamentos e valiosas contribuições na ocasião do meu exame de qualificação. As observações e sugestões feitas foram de fundamental importância para redirecionar a problemática e reorganizar o texto.

A Profa. Dra. Marisa Todescan Baptista, cuja intervenção clara, objetiva e carinhosa acrescentou ao nosso trabalho maior riqueza, prazer e humanidade.

A Profa. Dra. Laurinda Ramalho de Almeida, pela disponibilidade em participar da banca de defesa dessa tese e pelas significativas contribuições que dará para o amadurecimento do tema.

Ao Prof. Dr. José Roberto Heloani, pelo incentivo, apoio, amizade e principalmente pelos competentes e seguros questionamentos, sugestões feitas ao meu exame de qualificação, contribuindo para a melhor realização deste trabalho.

À amiga Irene Medeiros de Castro, pela acolhida ao programa, atenção e carinho que sempre demonstrou e acima de tudo pelo que ela representa como competente profissional e admirável ser humano, uma amizade singular que preservo com muito carinho.

À amiga Cecília França, pelo carinho, lealdade e confiança da sua amizade, dedicação, torcida e força, nos momentos que solidarizamos nossas preocupações, inseguranças, estresse, temores e inquietações compartilhadas no percurso dessa jornada, cujo caráter e dignidade, é sem dúvida, um dos seus mais preciosos legados.

Ao Marcos Antonio Lucci, pelo incentivo em todas as horas, atenção, apoio, carinho, amizade, força e inquietações compartilhadas no percurso dessa jornada.

Aos amigos Delcínio Ricci e Isane Pereira da Silva, pela contribuição no fornecimento de conteúdos da pesquisa, amizade, incentivo, torcida e relatos importantes de suas experiências.

Ao Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI, pela acolhida e colaboração, pelo fornecimento de material de pesquisa para elaboração do presente trabalho.

Aos colegas e amigos do SENAI que contribuíram no fornecimento de material, que foram indispensáveis às reflexões e produção da tese.

Aos professores entrevistados do SENAI, que, com atitude de atenção, disponibilidade, generosidade e confiança, compartilharam histórias de vidas de singularidades e significativas experiências. Suas histórias de vida trouxeram significativa riqueza a produção do conhecimento, que permitiu compreender os caminhos que contribuem na busca de criar novas formas de viver.

À CAPES, agradeço pelo financiamento parcial desta tese.

*“O SENAI mudou completamente a minha vida. Você passava a ter um tratamento digno, tinha esportes, aulas teóricas, convivia com pessoas que estavam trabalhando em outras fábricas. Eu acredito que, se não foram os três anos mais importantes da minha vida, foram anos que eu, efetivamente guardarei para sempre, porque foram três anos em que eu me senti gente... Foi o paraíso! A impressão que tenho é que conquistei o direito de cidadania quando entrei no curso de Torneiro Mecânico. O SENAI foi a melhor coisa que apareceu na minha vida. Por quê? Porque eu fui o primeiro filho da minha mãe a ter uma profissão, o primeiro a ter diploma do até então curso primário, eu fui o primeiro filho da minha mãe a ter uma geladeira, o primeiro a ter uma casa e um carro. Se eu não tivesse um curso do SENAI possivelmente eu não teria sido dirigente sindical. Quem sabe, eu seria igual a milhões de pessoas que estão aí perambulando.”*

*“Eu queria dizer para vocês que o SENAI é uma marca na minha vida. Eu, graças ao SENAI, mudei o meu destino. Foi o SENAI que me deu uma profissão, foi por conta do SENAI que eu arrumei um emprego razoável, foi por conta do SENAI que eu deixei de ganhar o salário mínimo, foi por conta do SENAI que eu fui para São Bernardo, foi por conta do SENAI que virei dirigente sindical, foi por conta do SENAI que criei tudo mais na minha vida. E, foi por conta do aprendizado que tive no SENAI que eu cheguei a Presidente da República”.*

**Luiz Inácio Lula da Silva**

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo identificar a contribuição do SENAI, como instituição educativa, na constituição da identidade de seus ex-alunos, particularmente daqueles que exercem ou exerceram a função de instrutores dessa escola.

Com uma contextualização histórica da instituição, pudemos ter um panorama sobre o que foi pensado e planejado para essa escola desde quando foi criada e de como isso se deu na experiência dos entrevistados. O vínculo estreito entre a formação oferecida pelo SENAI e o mercado de trabalho, mais precisamente a indústria, oferece a direção dessa formação proposta. A modalidade de pesquisa utilizada foi a qualitativa, pode ser a mais adequada à natureza deste estudo.

Os procedimentos de coleta de dados contaram com os seguintes instrumentos: *análise documental* – teve por objetivo identificar as diretrizes propostas pelo SENAI. O material analisado foram relatórios anuais publicados pela instituição, que forneceram informações sobre seus pressupostos norteadores, como concebe os alunos, as famílias e o que pretendem oferecer como formação ao alunado. Foram realizadas nove *entrevistas não estruturadas* com ex-alunos do SENAI, (instrutores ou ex-instrutores da instituição), que deram informações importantes de como a instituição marcou suas vidas; utilizou-se da narrativa de história de vida.

Os dados obtidos nas narrativas de história de vida foram organizados, analisados e interpretados em categorias temáticas, estabelecidas *a posteriori*, apresentadas resumidamente em dois quadros comparativos.

Na análise dos dados emergiu uma contradição muito presente nessa dinâmica SENAI. Se por um lado a instituição foi pensada para abastecer o mercado industrial de produção, conforme constatamos em nossa pesquisa, não há dúvida que é também uma oportunidade de escolarização, que garante emprego o que por sua vez possibilita a superação das condições de origem.

O vínculo afetivo intenso que se estabeleceu entre os sujeitos da pesquisa (instrutores do SENAI) e os alunos foi fundamental para orientá-los quanto a sua importância, sua dignidade, a esperança que os docentes têm no sentido de verem seus alunos bem colocados, gerando um contexto propício para o desenvolvimento de identidades autônomas, contrariando assim a própria proposta do SENAI como instituição. A disciplina rígida, o rigor na aceitação de seus alunos aponta para a constituição de identidades subservientes. No entanto, a intensidade do vínculo afetivo contribui para promover uma outra possibilidade que é a da autonomia. Essa força afetiva pode ser constatada em quase a totalidade das entrevistas realizadas nesta pesquisa.



## ABSTRACT

This work has focused on identifying the contribution of SENAI, as an education institution, in the constitution of the identity of its alumni, particularly those who work or have worked as instructors at that school.

With a historical contextualization of the institution, we could have an overview of what had been thought and planned for the school since it was created and how it happened in the experience of the interviewed people. The close bond between the formation offered by SENAI and the work market, more precisely industry, offers the direction of such proposed formation. The modality of research here carried out was the qualitative one, on account of being the most adequate to the nature of this study.

The procedures of the data collecting counted on the following instruments: *documental analysis*, which had as objective to identify the guidelines proposed by SENAI. The material analyzed were annual reports issued by the institution, which provided information on the orienting presumptions., how it conceives students, their families, and what they intend to offer as formation to its pupils. We also carried out nine *non-structured interviews* with alumni of SENAI (instructors or ex-instructors at the institution), who provided important information on how the institution marked their lives; we used the life history narrative.

The data achieved from the life history narratives were organized, analyzed and interpreted in thematic categories, *a posteriori* defined, summarized in two comparative tables.

In the data analysis a contradiction very present in the dynamic SENAI emerged. Although, on one hand, the institution was thought of for providing the industrial market of production, as we could notice in our research, there is no doubt that it is as well an opportunity for schooling, that guarantees employment, what makes possible the overcoming of the origin conditions.

The deep affective bond that was established between the subjects of the research (instructors at SENAI) and students was fundamental for orienting them concerning their importance, their dignity, and the hope that teachers feel about seeing their students well employed, generating a context propitious for the development of autonomous identities, thus opposing the very proposal of SENAI as an institution. The rigid discipline, the strictness in the acceptance of its students points to the constitution of subservient identities. However, the intensity of affective bond contributes for promoting another possibility which is the one of autonomy. That affective strength can be noticed in almost the totality of the interviews carried out in this research.

## SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO.....12

**CAPÍTULO I - A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO SENAI.....37**

**CAPÍTULO II - MÉTODO.....93**

2.1 – Teoria do Método.....93

2.2 - Procedimentos Metodológicos.....94

2.3 - A Escolha dos Participantes.....94

2.4 - Procedimento e coleta de dados.....95

2.5 – Procedimento de Análise e Interpretação de Dados.....98

**CAPÍTULO III APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....101**

3.1 - Apresentação dos sujeitos.....101

3.2 - Caracterização geral dos sujeitos.....102

3.3 - Caracterização específica dos sujeitos.....112

3.3.1 -Quadro 01.....113

3.4 – Caracterização dos sujeitos em porcentagem.....116

3.4.1 – Quadro 02.....116

3.5 - Narrativas das Histórias de vida.....	117
<b>3.6 - Categorização dos Dados.....</b>	<b>119</b>
<b>1. Família: ascendentes.....</b>	<b>119</b>
1.1 Origem.....	119
1.2 Família de origem.....	123
1.3. Família Constituída.....	126
1.4. Família no SENAI.....	131
<b>2. Trabalho.....</b>	<b>133</b>
2.1.Trabalho Precoce.....	134
2.2.Trabalho / estágio durante os estudos no SENAI.....	136
2.3 Trabalho após o curso do SENAI.....	138
2.4. Trabalho atual .....	141
<b>3.6 Escolarização.....</b>	<b>144</b>
3.6.1Antes do SENAI.....	145
3.6.2 Durante o curso no SENAI.....	158
3.6.3 Depois da conclusão do curso no SENAI.....	153
<b>3.7 Trabalho como instrutor do SENAI.....</b>	<b>156</b>
<b>3.8 Significado e o sentido do SENAI na vida dos sujeitos.....</b>	<b>159</b>
3.8.1. Quadro 3.....	161
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>170</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>182</b>

## INTRODUÇÃO

Meu interesse por pesquisar a modalidade de ensino profissional oferecida pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI deve-se a minha história de vida pessoal e profissional. Quando adolescente, fui aluno do SENAI no curso de Reparador de Circuitos Eletrônicos; para mim, essa oportunidade foi percebida, na época, como de fundamental importância na construção de minha trajetória profissional. Entrar no SENAI era um sonho de muitos garotos. Desde os meus nove anos de idade alimentava o sonho de um dia vir a ser aluno dessa escola. Eu tinha dois amigos vizinhos que estudavam no SENAI e falavam que tinham muito orgulho e prazer em estudar lá, assim como estariam garantindo seu futuro, o que me influenciou muito nessa escolha. Eles afirmavam que seus pais faziam muitas referências ao SENAI, dizendo que *“o futuro do garoto está em ser um dia aluno dessa escola, em conseguir uma profissão para garantir-se no mercado de trabalho”*. A maneira entusiasta de falarem do SENAI fazia-me sonhar com a possibilidade de vir a ser um aluno dessa instituição.

O futuro que eu projetava para mim, nessa ocasião, estava estreitamente vinculado à idéia de ser aluno do SENAI; era como um projeto de vida. Essa época foi marcante para mim, abrindo esse caminho como possibilidade de formação. Essa escola era vista de forma tão valorizada, que os garotos sonhavam em pertencer a seu quadro de alunos, o que lhes traria respeito e consideração, da família e da sociedade. Parecia que fazer um curso lá nos dava o direito de sermos integrados à sociedade de forma mais digna.

Para toda comunidade SENAI, ser aluno dessa instituição de ensino profissional representava uma oportunidade ímpar, um passaporte para um emprego garantido no competitivo mercado de trabalho. A partir do momento que o jovem fosse indicado por uma empresa, ingressava nessa instituição de ensino, que era mantida e administrada pelas organizações empresariais. Estas, por sua vez, passavam a ter prioridade nas indicações de candidatos aos mais diversos cursos que o SENAI oferecia. Os meninos com carta de apresentação dada pelas empresas tinham facilitada sua entrada na escola. Os cursos oferecidos estavam comprometidos com o suprimento das necessidades de mão-de-obra qualificada.

A possibilidade de realizar um curso no SENAI era vista como alternativa possível de ingressar em uma empresa multinacional, com bom cargo e salário, mas o fato de eu não ter conseguido uma “carta de apresentação”<sup>1</sup> ao SENAI, ou melhor, não ter sido indicado por nenhuma empresa, isso reduzia minhas chances, ou melhor, deixava patenteado que minhas possibilidades de conseguir indicação de uma empresa no decorrer do curso seriam mínimas. Infelizmente, até o momento do processo seletivo, não havia conseguido uma carta de apresentação de nenhuma empresa, mas fiquei na esperança de que poderia vir a consegui-la.

Ao ingressar na Escola SENAI Hermenegildo Campos de Almeida, sem carta de apresentação, pude constatar a preocupação e a dedicação que tinham com o aluno. Procurava-se, por meio de

---

<sup>1</sup> A carta de apresentação era um documento que a empresa oficializava, perante o SENAI, seu interesse na inscrição do garoto ao exame seletivo em uma das escolas para um dos cursos oferecidos, sendo que a aprovação do jovem resultaria no “contrato de aprendizagem industrial”, que seria feito entre a empresa, SENAI e o pai ou responsável pelo aluno.

reconhecida qualidade de ensino técnico-profissional, capacitar seus alunos para um exigente mercado de trabalho e com isso responder ao acordo feito com as indústrias. Isso era conseguido por meio de aulas teóricas, práticas, educação física e música (fanfarra) e uma rígida disciplina que deveríamos obedecer, o que envolvia as atividades em sala de aula, oficina, atividades esportivas, horários de entrada e saída, comportamento dentro e nas proximidades da escola, atitudes de respeito para com os professores, colegas e funcionários; impostas pela escola; afinal, não era nada diferente daquilo que as empresas exigiam. Os alunos deveriam apresentar um “exemplar comportamento”, sendo que o não cumprimento incorria em punições disciplinares diversas, sabidamente conhecidas pelos alunos, pais (responsáveis) e empresas. A aplicação de advertências era de responsabilidade do Departamento de Serviço Social e Psicologia que, primeiramente, tinha o objetivo de conscientizar e orientar o aluno e, posteriormente, quando se fazia necessário, informar aos pais ou responsáveis e a empresa que mantinha o vínculo de contrato de aprendizagem industrial, informando sobre o comportamento e aproveitamento do aluno, assim como de possíveis suspensões e até mesmo de medidas mais drásticas como, em último caso, a expulsão do aluno.

Assim, havia uma preocupação em fazer o aluno enquadrar-se em uma política educacional estabelecida, para construir uma atitude de respeito às normas e regras, de obediência, de subserviência em relação aos superiores e às autoridades e suprir as necessidades do mercado de trabalho. Não por acaso toda essa estrutura apresentada pela escola SENAI viria ao encontro do modelo previamente estabelecido pelas organizações que tinham expectativas no

desempenho dos alunos que seriam formados por essa escola, de tal maneira a enquadrá-los nas exigências das políticas de produção. Pode-se pensar que o aluno contava com a preocupação e a dedicação dos professores e da instituição, não por interesse no crescimento, no desenvolvimento ou autonomia do aluno, mas por estarem comprometidos diretamente com as indústrias, com o mercado e com o capital.

Aqui cabe uma ressalva. De fato, o plano diretor do SENAI foi planejado e construído tendo como referência as necessidades do mercado produtivo e das empresas. No entanto, a maioria dos instrutores dessa escola era formada por seus ex-alunos, que possuíam sentimentos similares ao seu alunado em relação à instituição, ou seja, gostavam da estrutura dela, acreditavam na inserção social possibilitada pela formação técnico-profissional e nutriam muito respeito e consideração pela instituição. Sendo assim, colocavam muita paixão em seu trabalho, envolviam-se com seus alunos de tal maneira que acabavam desenvolvendo um vínculo afetivo, muitas vezes sequer previsto pelo plano diretor da escola. A afetividade que nos unia, além de intensa, dava-nos uma referência de consideração e importância tanto para nossos instrutores, que se mostravam atenciosos e dedicados conosco, quanto para a sociedade em geral.

A política identitária do SENAI, conforme os dados obtidos para esta pesquisa, demonstra que sua estrutura e critérios de seleção e avaliação priorizam o aluno que não questiona, que obedece e se adapta ao sistema de regras e normas da instituição. A identidade almejada pela instituição é de um aluno que saiba executar uma tarefa,

uma profissão, de maneira exemplar, isto é com competência técnica, que desenvolva habilidades, conhecimentos e atitudes diante de situações que vão ocorrer em sua prática profissional. No entanto, seu sistema de funcionamento e seu plano de ação deixam claro que não interessa para a instituição nem para as empresas que a mantém acolher meninos com histórico familiar de sindicalismo, envolvimento político de qualquer espécie, pois compreende o SENAI que essas características poderiam obstaculizar o ritmo de produção profissional, ou mesmo ser geradora de algum constrangimento ou reivindicações por parte dos empregados em relação à empresa que os empregou. A fim de evitar esses contratemplos, consta no Plano de Ação da Instituição que os meninos poderão ser absorvidos para estudo na escola, desde que sejam apresentados por alguma empresa, por carta, ou prestem os exames de seleção propostos, mas ficando estes sujeitos ao número de vagas abertas por cada unidade, além de preencherem os critérios estabelecidos, como: ter sido apresentado por pai ou responsável, possuir 13 anos de idade, estar cursando no mínimo a sexta série do ensino fundamental e com histórico de notas acima da média e aprovação no exame de saúde física.

Entendo que a afetividade construída nas relações que estabelecíamos entre os colegas e instrutores era intensa, a ponto de descortinar uma outra direção constitutiva de identidade. Tinha a função de amálgama que nos impulsionava, nos enchia de energia para buscar aprimoramento, conhecimento e conquistar lugares promissores em termos profissionais. Ouvíamos sempre que poderíamos vir a ser muito bons profissionais e conseguir colocações em empresas multinacionais, que davam condições para uma vida material tranqüila e subsídios para



desenvolvermos outras habilidades muito valorizadas em nossa sociedade, como o domínio de outros idiomas. Devido à integração proporcionada pelo SENAI, ao sentimento de pertencimento a uma instituição, muitos tinham a esperança de retornar à instituição com uma função como a de instrutor, como nossos professores. Eles haviam começado como nós, como alunos, e depois a escola os havia chamado de volta para que dessem continuidade ao projeto de formação de seus alunos. Todos, de um modo geral, nutriam muito orgulho e satisfação pelo reconhecimento explicitado em suas contratações como instrutores de novos candidatos.

Nós, alunos, víamos o SENAI não apenas como uma escola preocupada em oferecer qualidade de ensino profissional, mas como uma segunda família, na qual tínhamos espaço para sermos ouvidos e orientados para os problemas que interferiam em nosso aproveitamento do curso. Assim, não era incomum que problemas pessoais e familiares fossem acompanhados e orientados por psicólogas e assistentes sociais, com o objetivo de ajudar o aluno e contribuir para seu aprendizado. Criava-se um ambiente em que os alunos eram assistidos não somente na parte técnico-profissional, mas também vivenciavam um vínculo afetivo de envolvimento intenso, construído nas relações que estabelecíamos com os professores, funcionários e colegas. Com isso, tínhamos a impressão de estarmos junto com pessoas que nos queriam bem, que se ajudavam mutuamente e que tinham condições similares de vida. Esse período de socialização, com muito envolvimento afetivo, dava a essa experiência uma importância fundamental em nossa formação, fazendo com que comparássemos a instituição a um porto seguro, dentro de uma sociedade profundamente desigual, vista como

exigente, com relações efêmeras e com um mercado de trabalho altamente competitivo.

Eu diria que, em um momento inicial e importante da minha vida profissional, o SENAI exerceu um papel de fundamental importância em minha formação, no desenvolvimento de atributos como responsabilidade, disciplina, dedicação, obediência, despertando interesse e incentivo ao estudo e à vida profissional.

Embora o SENAI tenha um compromisso com as indústrias e com o mercado produtivo e apresente normas e regras rígidas de obediência, devo salientar que, como toda instituição humana, apresenta contradições. Estas podem ser pensadas como constitutivas de uma situação de pertença social, da importância profissional atribuída pela escola, o que abre caminhos em direção contrária às condições de subserviência. Os indivíduos ao adentrarem o SENAI vivenciam uma estrutura bem montada, com muitos profissionais para oferecer orientação aos alunos, possibilitando que estes experimentem uma relação de importância que pode despertá-los para construir outros planos para suas vidas, superando a direção apontada pela instituição quanto à constituição de identidades heterônomas.

Minha primeira experiência de trabalho, com registro em carteira, foi aos treze anos, na função de auxiliar de escritório numa indústria de autopeças, no departamento de recursos humanos-RH. Nesse departamento identifiquei-me com o setor de treinamento e desenvolvimento de pessoal, não somente pelos meios que a empresa utilizava para orientar os novos funcionários para sua identificação,

adaptação e permanência na empresa, como, principalmente, por ser um processo educacional de curta duração, aplicado de maneira sistemática e organizada, por meio do qual os funcionários adquiriam conhecimentos, atitudes, comportamentos e desenvolvimento de habilidades em função de objetivos definidos pelo levantamento das necessidades que demandavam aprendizagem.

Aos 16 anos de idade tive a oportunidade de trabalhar em uma empresa de ramo de atividade diferente, engenharia de construção civil, uma experiência importante. Como já tinha algum conhecimento na área administrativa e RH, fui novamente alocado nessa área, mais precisamente em treinamento e desenvolvimento de pessoal, porque já tinha um certo conhecimento. Como precisava trabalhar, acabei aceitando. Fiquei por dois anos nessa empresa, tempo suficiente para que ajudasse no amadurecimento de meu interesse pela área e decidisse prestar vestibular para Psicologia.

Essa decisão foi tomada em função de minha curiosidade e vontade de ter oportunidade de estudar temas que seriam utilizados e vivenciados em meu dia-a-dia, profissionalmente ou não. Encantava-me ter acesso a um conhecimento que contemplava sentimentos, emoções, aprendizagem, relacionamento interpessoal, filosofia, sociologia, pois poderia relacioná-los de forma direta com minha vida. A sensibilização que obtive no decorrer do curso abriu-me muitos caminhos, permitindo que eu estivesse mais atento a algumas questões de meu cotidiano. Cursar Psicologia, sem dúvida nenhuma, proporcionou-me mais conhecimento sobre mim mesmo e sobre o mundo no que vivia. Passei a ser visto de forma diferente pelas pessoas de meu convívio e abri

novas possibilidades de trabalho. Enfim, foi uma mudança significativa que ocorreu em minha vida.

Após essa experiência na empresa, fui convocado para o serviço militar, Aeronáutica, ao mesmo tempo que, no período noturno, cursava Psicologia. Ao entrar no curso certifiquei o quanto foi importante a convivência com os profissionais da área de recursos humanos, dos conhecimentos que adquiri nos anos que trabalhamos juntos, bem como de sua influência para determinar a escolha do curso.

No curso de Psicologia as disciplinas que me chamavam mais a atenção e que mais me motivavam eram aquelas que se relacionavam à Psicologia Educacional e Organizacional, certamente pela experiência que havia vivido anteriormente.

No decorrer de minha formação em Psicologia, tive oportunidade de trabalhar em empresas de diferentes ramos de atividade, na mesma área, isto é, Recursos Humanos, principalmente porque não queria perder o foco de minha formação.

Minha experiência foi gradativamente construída em diversos cargos que ocupei e até mesmo em projetos sociais dos quais participei; porém, obtinha mais realização como instrutor de treinamento, tanto na elaboração de programas de desenvolvimento de habilidades, como principalmente na atuação como professor, função que assumi em seguida.

Ser professor permitiu-me vivenciar um tipo de relação muito interessante. Eu conhecia essa relação pela perspectiva de aluno, mas a vivência como docente me fez rever posturas, valores e meu enfoque sobre essa relação. Ser referência para os alunos é muita responsabilidade. O compromisso com minha qualificação, desenvolvimento, aprendizagem e atualizações constantes assumiram uma proporção muito maior do que antes. Percebi, já nessa ocasião, que o respeito ao aluno, a crença em sua capacidade e o trabalho voltado para seu desenvolvimento funcionavam como uma força motriz que os impulsionava a buscar conhecimento. Tinha muita satisfação quando notava pequenos avanços em meus alunos, pois traduzia essa condição como resultado de um trabalho para o qual eu havia contribuído. Experimentei a sensação de que, ao mesmo tempo em que os alunos aprendiam e se desenvolviam, eu também aprendia e me desenvolvia. De fato, nessa época, compreendi não só a responsabilidade de ser professor, como tive a oportunidade de vivenciar essa relação tão ímpar. Sentia-me competente, tendo contribuído com os alunos e, simultaneamente, percebia que eles também contribuía com meu desenvolvimento. Passei a ser visto e respeitado como professor. Mais uma vez vivi metamorfoses na constituição de minha identidade.

A partir do momento que obtive mais conhecimento e experiência em Recursos Humanos, senti-me motivado a fazer especialização nessa área. Após a conclusão do curso de especialização, oportunamente viria a ser convidado por escolas técnicas profissionalizantes para lecionar no antigo segundo grau (técnico em administração), atualmente ensino médio e, anos depois,

em cursos de graduação em Administração de Empresas, Ciências Contábeis, Comércio Exterior e Turismo, as disciplinas Psicologia Aplicada, Comportamento Organizacional e Administração de Recursos Humanos.

Nas diferentes empresas em que trabalhei tive a oportunidade de passar por diversas funções, como: auxiliar de escritório, instrutor, analista e supervisor de treinamento, desenvolvimento de pessoal e gerente de recursos humanos. Nessa experiência em RH, chamavam-me atenção os processos pedagógicos que os profissionais do setor de treinamento utilizavam nos cursos que eram desenvolvidos, implantados e avaliados nas mais diferentes áreas da empresa, objetivando resultados determinados para curto e médio prazos, bem como no atendimento das diferentes necessidades para a melhoria da produtividade. Contribuí na implantação de projetos de treinamento para desenvolver habilidades, atitudes e comportamentos dos funcionários, que precisavam ser capacitados para atividades que fossem de interesse da empresa e de que havia uma carência. Cada uma dessas funções que exerci trouxe acréscimos e reconstrução da imagem que tinha de mim mesmo, além de experimentar modificações, transformações na forma como os outros me viam. Essa condição era sentida de forma prazerosa, no que diz respeito às minhas promoções e conquistas profissionais e pessoais. De acordo com o referencial de Ciampa sobre identidade, esse é um processo de metamorfose que implica movimento constante. Quanto às minhas experiências até aqui relatadas, posso dizer que, hoje, vejo claramente em minha trajetória esses movimentos que me oportunizaram a re-significação de minha condição social, intelectual, afetiva, visão de mundo e de consciência.

Isso não se deu como processo de mera reposição, mas de superação das condições que tinha no início de minha vida, assim como de superação do momento acima relato.

Assim, atuei também como Instrutor de Treinamento, com responsabilidades em implantar, lecionar e avaliar programas de treinamento para os mais diferentes departamentos da empresa. Nesse cargo, minha responsabilidade compreendia principalmente: coordenar as atividades relativas aos jovens aprendizes das Escolas SENAI, com as quais a empresa mantinha vínculo de contrato de aprendizagem industrial. Tinha também sob minha responsabilidade as relações de ordem legal entre as partes envolvidas, tais como empresa, escola, pais e responsáveis pelos jovens aprendizes, assim como o estabelecimento do contrato de aprendizagem Industrial. Essa nova função previa encaminhar, acompanhar e supervisionar o desenvolvimento teórico e prático dos alunos nas escolas SENAI, atividades estas que também deveriam acontecer com o estágio prático que os jovens fariam, no período de férias da escola SENAI, nos diferentes departamentos da empresa. Em síntese, havia um vínculo com o “menor aprendiz”<sup>2</sup>, por um período de três anos (“contrato de aprendizagem industrial”), que legalmente ocorria entre o aluno (pai ou responsável), a empresa e a Escola SENAI, que fosse do interesse da empresa e desejo do aluno. Ele poderia escolher dentre as alternativas que eram oferecidas a partir das necessidades da produção industrial.

---

<sup>2</sup> A nomenclatura “menor aprendiz” é utilizada pela agência de formação profissional SENAI, no contrato de aprendizagem Industrial, como forma de referir-se aos alunos dos Cursos de Aprendizagem Industrial - CAI.

Na condição de coordenador dos jovens que estudavam no SENAI, minha responsabilidade compreendia desde o processo seletivo até a conclusão do curso, alocando os jovens nos mais diferentes departamentos; depois de formados, já na condição de qualificados profissionais, fazia a alocação dos jovens, considerando o curso realizado, função e setores da empresa que tinham necessidade de ocupação daquela mão-de-obra.

Ressalto aqui uma experiência ocorrida em uma empresa de grande porte com um jovem aprendiz, que depois de ter passado por um exigente e competitivo processo seletivo e aprovado como um dos melhores candidatos ao Curso Mecânico Geral, por um incidente teve sua permanência abreviada na empresa. Esse estágio prático compreendia as férias escolares do SENAI; os alunos trabalhavam na empresa, cumprindo horário comercial, ou melhor, das 8h às 17h30. Em seu segundo estágio prático, esse aluno, ao passar pela revista feita periodicamente pelos guardas na portaria da empresa, foi surpreendido ao encontrarem em sua mochila uma ferramenta da empresa, que havia sido colocada propositadamente por um colega de trabalho. Na condição de coordenador dos aprendizes fui logo informado do fato; procurei intervir, alegando a inocência do jovem, quando a gerência de recursos humanos exigia demissão por justa causa por tratar-se de furto.

Pelo fato de acreditar na veracidade dos fatos expostos pelo jovem, bem como por conhecer seus familiares, argumentei de todas as formas favoravelmente a ele, quando a diretoria determinou que o jovem



fosse imediatamente demitido por justa causa, como exemplo a todo e qualquer funcionário que fosse surpreendido roubando a empresa.

Após contatos com a diretoria do SENAI, relatando o ocorrido, solicitei que o jovem fosse admitido por outra empresa, dando-lhe oportunidade de concluir seus estudos e formação profissional, minimizando algum tipo de ônus psíquico, emocional, social ou profissional. Isso foi possível em função de seu aproveitamento e das melhores recomendações possíveis, que por si só falavam a favor do jovem, que eram suas notas de aproveitamento em sala de aula e em oficinas.

Esse jovem destacou-se como um dos melhores alunos do SENAI, bem como na empresa em que foi admitido. Posteriormente, foi selecionado por um rigoroso processo seletivo para trabalhar em uma empresa multinacional automobilística e obteve uma das primeiras colocações no vestibular para o Curso de Engenharia Eletromecânica; obteve avaliações favoráveis para conseguir promoções internas, assim como na conclusão com méritos de seu curso superior.

Mediante os resultados obtidos na empresa, foi enviado a fazer curso no exterior, onde ficou por dois anos, retornando ao Brasil, falando fluentemente duas línguas estrangeiras, tendo obtido promoção de cargo e atualmente cursando mestrado em uma universidade pública.

Quanto a mim, a diretoria da empresa tomou conhecimento de que eu havia contrariado as determinações recebidas, impedindo a

demissão por justa causa do garoto e solicitado à escola SENAI que o transferisse para outra empresa. Esse fato culminou na minha demissão.

O SENAI, nessa ocasião, atendeu minha solicitação de transferência para o aluno, pois entendeu a situação e os argumentos apresentados. Diante das características e habilidades apresentadas pelo jovem que a instituição ajudou a formar, somadas às defesas apresentadas a favor do garoto e a falta de provas para incriminá-lo naquela ocasião, a instituição de ensino mostrou-se continente com seu aluno, assumindo uma postura diferente daquela solicitada pela empresa. Eu, como funcionário da empresa e mediador da contratação do aluno junto ao SENAI, por não ter feito o que me haviam mandado, tive destino diferente.

Interessante notar a posição que o SENAI adotou, sendo uma instituição mantida pelas empresas. Entre considerar as observações da empresa em relação ao aluno e minhas considerações, ex-aluno SENAI, essa instituição colocou-se em uma posição favorável ao menino e a minha visão da situação, demonstrando com isso a importância que davam a mim e ao garoto, pois pertencíamos àquela escola e isso fez toda a diferença.

Como eu já vinha lecionando há alguns anos e havia feito vários investimentos para a docência, seja assumindo mais responsabilidades com uma instituição de ensino superior, com alunos, em cursos de especializações, envolvimento em projetos acadêmicos, bem como a busca de mais conhecimento em pesquisa, senti a

necessidade de aprofundamento dos estudos, o que levou a dar continuidade em minha vida acadêmica com mestrado e doutorado.

Gostaria de destacar a experiência enriquecedora dos últimos quinze anos como orientador de trabalhos acadêmicos. Muitos alunos vêm me escolhendo como orientador para suas monografias e o que relatam é que se sentem motivados não só pelo reconhecimento que têm de minha qualificação, mas também pela maneira com que estabeleço relação com eles. Desde o início trabalhamos juntos, para elaborar um problema de pesquisa, orientação de pesquisa bibliográfica, redação de texto, discussões e debates sobre o método mais adequado, observando sempre o respeito ao processo do outro e minha função, que é de orientá-los nessa empreitada. Essa experiência de construir conhecimento com os alunos tem me dado muita satisfação, além do reconhecimento pela qualidade do trabalho que produzimos. Mais uma vez, vivencio um tipo de relacionamento pautado na promoção de ambas as partes.

No mestrado desenvolvi pesquisa sobre "Os Cursos Vocacionais no SENAI: Uma contribuição aos estudos sobre as relações entre Psicologia e Educação no Brasil nos anos 40", e a partir daí começou a se esboçar o tema de doutorado. Investigar a maneira como o SENAI contribuiu para a formação da identidade no SENAI, para mim, é um desafio de mão dupla, pois é retomar minha própria trajetória de formação, possibilitando reflexão sobre a constituição de minha identidade, ao mesmo tempo que busco compreender, no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, o plano identitário que tem para seus alunos e os compromissos estabelecidos pela instituição.

Os cursos vocacionais do SENAI foram pensados para poder acompanhar os alunos na escolha que fariam dentre as habilitações oferecidas pela instituição. Anteriormente à implantação dos referidos cursos, os alunos entravam na instituição aos 14 anos de idade; a partir daí estes passaram a ser absorvidos aos 13 anos, para que tivessem tempo de decidir que profissão gostariam de ter. Como o projeto político pedagógico do SENAI previa o desenvolvimento de habilidades e profissões técnicas que preenchessem as carências do mercado produtivo, a instituição oferecia os cursos que estivessem diretamente ligados aos interesses das indústrias. O aluno, ao entrar no SENAI, recebia informações que fossem interessantes sobre os cursos e era incentivado a escolher algum deles e seguir seus estudos. Essa orientação tinha compromisso com a distribuição do número de estudantes para os cursos oferecidos, de maneira a não causar um desequilíbrio entre os postos ofertados pelo mercado de trabalho, seja o excedente ou carência de mão-de-obra. Com isso a escolha feita pelos alunos não era uma escolha livre, mas determinada pelos cursos oferecidos pela instituição de acordo com as necessidades apontadas pelo mercado de produção.

As reflexões sobre o projeto SENAI e o interesse da Psicologia Organizacional, na década de 1940, pela Educação, evidenciada no ensino técnico comprometido em atender as urgências e necessidades das organizações, levaram-me a questionar como o SENAI contribuiu para a constituição da identidade dos trabalhadores oriundos dessa instituição. O sentimento de agradecimento e pertencimento expresso por grande parte daqueles que estudaram no SENAI reaparece a cada

nova conquista, pois esses atribuem à instituição os méritos de tê-los preparado para a inserção social. Esse dado demonstra a importância dessa agência de formação profissional na constituição das pessoas como tais. A partir dessas reflexões senti-me desafiado a compreender como esse processo se dá.

O objetivo da pesquisa de mestrado foi discutir as relações entre Psicologia, Educação e Trabalho no Brasil. O pioneirismo do SENAI em Seleção e Orientação Profissional deu-se a partir de experiências ocorridas anteriormente no Liceu de Artes e Ofícios e na Estrada de Ferro Sorocabana, na figura do engenheiro Roberto Mange. Dividida inicialmente em três setores: Estudos e Planejamento, Orientação e Seleção Profissional e Verificação de Eficiência, a Divisão de Seleção foi posteriormente ampliada com os Cursos Vocacionais, que compreendiam o *adestramento* elementar em trabalhos manuais e pesquisas sobre orientação profissional, desenvolvidos por meio de estudos sobre: antecedentes escolares, situação social, condições anátomo-fisiológicas, provas de personalidade, vocação, aptidões e capacidades, rendimento em aulas e oficinas de trabalhos manuais e, finalmente, atitude em aula, oficinas e demais atividades escolares.

O SENAI idealizou meticulosamente os Cursos Vocacionais com a filosofia da formação do *homem integral*, pois tinha como pretensão criar um leque de opções para o aluno, a partir das necessidades do mercado. Embora o aluno pudesse escolher o curso que faria, seu processo de escolha estava condicionado às possibilidades oferecidas pela agência de formação profissional que, por sua vez, se vinculava aos interesses das empresas.

Essa experiência demonstra como os conhecimentos e as técnicas de Psicologia foram largamente utilizadas em projetos de Educação para o Trabalho.

A partir dessas observações foi possível compreender as relações entre a Psicologia e o Trabalho, que mais do que uma partilha de objetivos focam a interação e as necessidades exigidas pela sociedade, permitindo que não somente o SENAI, mas qualquer outra instituição de ensino preocupada com a formação profissional, pudesse oferecer ao mercado de trabalho jovens profissionais em condições de responder à exigência da tecnologia empregada, bem como aos objetivos de crescimento, desenvolvimento e modernização dos mais diversos ramos de atividade industrial.

Partindo dessa contextualização, analiso as contradições entre o que a instituição pretende desenhar para seus alunos e o que, efetivamente, para alguns significou a experiência de ser aluno do SENAI no processo de constituição de suas identidades.

Esboço aqui minhas preocupações em relação à formação profissional a partir de minha vivência como educador de jovens e adultos, tendo como foco a participação de uma instituição educacional na constituição da identidade de seus alunos.

Identidade, neste trabalho, será entendida de acordo com a proposta teórica de Ciampa (1996), ou seja, como processo histórico e

social, que se constitui na relação entre sujeito e mundo. Esse fenômeno engendra-se no bojo de dois processos opostos, que se constituem numa unidade de opostos em constante movimento e articulação, que são a identificação e diferenciação. É na dinâmica entre esses dois elementos, sem que um sobrepuje o outro, que emerge o processo de identidade, que é entendida como processo de metamorfose contínua que se dá ao longo da vida.

Ao ingressar no SENAI, conforme o exposto acima, passei a me identificar com as pessoas que participavam diretamente da instituição. Por outro lado, vivi simultaneamente a experiência de passar a ver aqueles que não eram participantes da instituição como os “outros”. Éramos “nós do SENAI” e os outros, ou seja, aqueles que não eram da instituição. Meu grupo de pertencimento havia mudado e com isso modificou minha forma de ver o mundo e minha forma de inserção na sociedade.

A constituição de identidade é um processo; de sua constituição participam a sociedade, a cultura, as posições sociais expressas nas relações entre os indivíduos. Ciampa (2003) considera mais um elemento para caracterizar a identidade, o movimento emancipatório. A emancipação é fruto de um processo que visa libertar o sujeito de condições que o impedem de fazer escolhas e responsabilizar-se por aquilo que corresponde a sua consciência. É construída por uma seqüência de ações e decisões de uma pessoa, proporcionando-lhe autonomia.

O ser humano constrói-se como tal em um processo contínuo, dinâmico e relacional com o mundo. Nesse processo de construção estão implicadas questões relativas à corporeidade, pensamento, linguagem, emoções, afetos, consciência, enfim, as condições de vida. O conjunto desses elementos constitui a subjetividade humana.

Um dos pressupostos deste trabalho é que o ser humano constitui seu psiquismo no processo social, histórico e cultural em que está inserido.

Essa concepção considera também a idéia de que a construção do psiquismo se dá de forma única. Intersubjetividade é um dos fatores fundamentais nessa construção e reconstrução da identidade e do processo de individuação por que passa o ser humano. (Berger e Luckmann, 1985).

Os autores acima citados afirmam que é no processo interativo que o ser humano interioriza a realidade subjetiva que será exteriorizada no e pelo processo de objetivação. Portanto, a partir desse referencial, entendemos que a exteriorização, objetivação e interiorização são três momentos do processo dialético e contínuo da experiência social.

Identidade como processo histórico e social se dá fundamentalmente como produção de sentido. É entendida como processo que articula nossa vivência social, constituinte do ser humano como indivíduo e como pertencente a uma ou mais coletividades, considerando a relação dialética, em que a sociedade, como estrutura e conjunto de relações intersubjetivas propriamente ditas, nos constrói e é por nós construída, através de nossas ações. A identidade, portanto, é



um processo constante de formação e transformação. Ela é construção e reconstrução constantes, no dia-a-dia do convívio social, na multiplicidade das experiências vividas. Apesar de todas as possíveis forças contrárias, a possibilidade da progressiva humanização é definida como *movimento emancipatório*, como possibilidade de transformação. Esse movimento pode ser observado e compreendido na linha do tempo do desenvolvimento da humanidade, posto que é difícil ser identificado em fatos tomados isoladamente (Ciampa, 2001).

O indivíduo é um permanente transformar-se. A questão “Quem sou eu?” acompanha não somente a trajetória individual, mas o movimento da realidade, construído socialmente. Segundo Ciampa:

*“Cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. Uma vida-que-nem-sempre-é-vivida, no emaranhado das relações sociais. Uma identidade concretiza uma política, dá corpo a uma ideologia. No seu conjunto, as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas por ela. A questão da identidade, assim deve ser vista não como questão apenas científica, nem meramente acadêmica: é, sobretudo uma questão social, uma questão política” (1996:127).*

Ao assimilarmos as relações em que vivemos como referência para pensar, olhar e sentir a nós mesmos e, conseqüentemente, para pensar, olhar e sentir o mundo, assumo a posição do grupo ao qual pertencemos. Com isso estabelecemos, a partir de um lugar na sociedade, dado com um a priori, as condições de nossa existência, que fundamentarão a constituição da identidade individual e coletiva. Quando essas condições nos impõem uma jornada de trabalho, conhecimentos específicos para desenvolver, habilidades técnicas e uma infinidade de outras restrições, discriminações, hierarquias de

valores utilizadas e valorizadas no coletivo social, o sujeito pode não estar vivendo essa vida de acordo com suas escolhas, mas simplesmente, sem dar-se conta disso, está sendo levado pelos determinismos imputados pela sociedade a sua condição social, ou seja, repondo papéis.

Ciampa (2003) recorreu à idéia identidade-metamorfose-emancipação para nomear explicitamente a necessidade da busca de um sentido, de uma direção. Diante da percepção de que as idéias contidas no conceito identidade-metamorfose estão se tornando justificativa e pressuposto teórico para a ampliação da colonização dos indivíduos, seja pelo poder econômico ou outro interesse qualquer, que não tem nenhum interesse na busca de autonomia ou na superação das dificuldades ou limites dos indivíduos, é fundamental afirmar que é justamente essa busca que dá a direção emancipatória que procuramos.

Esse referencial teórico não só propicia a reflexão crítica e fecunda sobre o tema, mas também permite a inserção da temática pesquisada, bem como sua continuidade, vislumbrada neste projeto, no campo da Psicologia da Educação, como afirma Gatti (1998):

*"Ao nos preocuparmos com os modos pelos quais as pessoas se desenvolvem, enquanto consciências, identidades, do nascimento à sua morte, naquilo que é construído na interação de outros com ele para pô-los em sintonia com uma dada cultura no que ela privilegia como conhecimento valorizado, como base para a sobrevivência humana, num trabalho interativo e intencional, estaremos no âmbito do que se poderia denominar, como campo de conhecimento, de "psicologia da educação". (p. 11)*

Nosso objeto de estudo e análise será compreender qual foi a contribuição que o SENAI ofereceu, como instituição educacional voltada à formação de mão-de-obra, à constituição da identidade de seus egressos, tendo como foco aqueles que se tornaram seus instrutores.

A escolha dessa agência de formação profissional deu-se não somente por seu pioneirismo na formação de muitos jovens brasileiros, dentre os quais o atual Presidente da República, ex-aluno dessa instituição de ensino no Curso de Tornearia Mecânica, como principalmente pela proposta educacional (Projeto Político Pedagógico), pelo método de trabalho realizado durante décadas, pelos resultados obtidos e por representar uma das mais importantes instituições de ensino técnico no país.

Esse quadro despertou meu interesse em pesquisar como se constituem as identidades dos trabalhadores oriundos dessa instituição de formação profissional, levando-me a elaborar a questão norteadora do meu doutorado: Qual a contribuição da Escola SENAI, como agência de formação profissional, na constituição da identidade de seus alunos, particularmente daqueles que se tornaram instrutores dessa instituição.

## CAPÍTULO I - A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO SENAI

Antes de expormos a história da Educação Profissional no SENAI, julgamos pertinente que se retroceda, brevemente, para a história do ensino Profissional no Brasil, contextualizando a trajetória histórica da escola SENAI como agência formadora de mão-de-obra.

O Ensino Profissional no Brasil, mesmo que timidamente, começa a ganhar espaço ainda no Período Imperial, não muito diferente do que ocorria na Europa. Assim, introduziram-se aqui as primeiras corporações de ofício, que dariam a partida para a formação de mão-de-obra qualificada e especializada do país. Os primeiros educadores do ensino profissional foram os mestres de ofício, que tinham por incumbência ensinar o ofício aos jovens aprendizes em suas próprias tendas, com base em sua prática e anos de experiência que possuíam em determinada atividade. Os trabalhos eram de responsabilidade de mestres e aprendizes, em sua grande maioria manuais, mas a coordenação e o controle das corporações eram exercidos pelas Câmaras Municipais, que além de especificar e nomear os mestres encarregados de transmitir os conhecimentos técnicos das profissões, tinham como responsabilidade regular os salários dos trabalhadores (Cunha, 2000).

Vale lembrar que, efetivamente, a história do ensino profissional no Brasil começou em 1909, quando um decreto de Nilo Peçanha criou vinte escolas estaduais de aprendizes artífices, destinadas a formar nos *"filhos daqueles que eram considerados pobres e abandonados à própria sorte, ocupações que os tirassem das ruas, da vadiagem,*

*ignorância, crime e cultivasse hábitos de trabalhos e benefícios à sociedade*". (Cunha,2000)

Essas escolas, desde suas origens, tinham como objetivo central afastar os filhos das famílias empobrecidas "da ociosidade, da ignorância, da escola do vício e do crime", além de formar hábitos de trabalho profícuos. É possível entendermos com isso as expectativas que se tinha em relação a essas pessoas e os preconceitos que se nutria em relação a elas. Os "valiosos" hábitos a que se refere o autor é qualificado segundo a ótica social, ou seja, tendo em vista a manutenção da ordem política, social e econômica vigente.

Fazia-se necessário o estabelecimento de um plano que impedisse os pobres de sucumbir à marginalidade, em vez de ser o objetivo central dessas instituições a formação e a inclusão social da pessoa humana. A educação, nessas instituições, tinha mais especificamente um caráter preventivo do que formativo. De acordo com esse pressuposto, fica claro que a marginalização era atribuída, nessa ideologia, aos filhos da pobreza. Com isso, cristalizava-se um estigma<sup>3</sup> em relação a essa camada social e liberavam-se os mais favorecidos, como se as dificuldades econômicas e sociais que o indivíduo enfrentasse fosse prenúncio de deformação de caráter. Essa distorção de entendimento é perigosa, pois obscurece nossa capacidade de julgar com critérios mais próximos da realidade (Cunha,2000).

Na concepção da época, a formação profissional tinha a finalidade de ocupar os pobres para que eles não atrapalhassem os ambientes urbanos. A educação profissional propugnada pelos

---

<sup>3</sup> De acordo com Goffman (1988). entende-se estigma nesse trabalho como atributo que desqualifica, desfavorece e/ou desacredita alguém no âmbito da sociedade.

industrialistas, por sua vez, tinha um objetivo de pedagogia social, visando à formação de colaboradores para seu projeto, tecnicamente preparados e conscientemente dispostos a participar de sua viabilização histórica.

Nas sociedades capitalistas, os sistemas de ensino atribuíram papéis diferenciados aos indivíduos, objetivando seus pressupostos, preconceitos e estrutura de poder; ao grupo detentor da propriedade coube também o monopólio do saber, enquanto aos componentes da classe trabalhadora ficou reservado o aprendizado das primeiras letras e cálculos simples, para habilitá-los a desempenhar as funções produtivas que lhes cabiam. Dessa forma, a sociedade estabeleceu uma classificação, uma hierarquia de poder, distribuído de forma desigual entre as pessoas. A posição social determinava como seria usufruído o conhecimento, os bens culturais, pois isso se dava de forma bastante diferenciada entre os indivíduos. De certa forma, com essa estruturação social ficava garantida a ordem vigente, capacitando as pessoas, através do processo “educativo”, a assumir os papéis sociais prescritos a elas.

Por sua vez, o ensino Industrial, desde os primeiros anos da República, não entrava sequer na pauta das preocupações do governo, em âmbito federal, que cuidava exclusivamente do ensino secundário e superior, isto é, da educação para as elites. Aos Estados cabia legislar e organizar o ensino primário e profissionalizante.

O sistema educacional brasileiro desenvolveu políticas que pudessem atender à demanda da população, a partir de duas

concepções básicas: de um lado representava uma sociedade escravocrata de onde acabara de sair a República, de outro, dava continuidade em representar, no fundo, a continuação de antagonismos e conflitos em torno da centralização e descentralização do poder. A ausência de uma estrutura mais consciente e o excessivo choque de idéias e da falta de interesses em comum na elaboração de políticas educacionais que melhor atendessem aos interesses nacionais, culminaram, por sua vez, em uma desorganização completa na construção do sistema educacional (Romanelli, 1986).

Essas conseqüências trariam reflexos negativos, seja no adiamento da reestruturação do sistema educacional brasileiro, como principalmente dando continuidade à velha educação acadêmica e aristocrática, que privilegiava poucos, e, o mais grave, na displicente importância dada à educação popular. Assim, estava alicerçada a estrutura e a organização da sociedade. O limiar de novos rumos na educação somente foi possível a partir do momento em que essa estrutura tradicional, imposta pelo Estado, começou a dar sinais de enfraquecimento e ruptura (Romanelli, 1986). Essa preocupação com a educação acadêmica em detrimento de outros níveis de ensino dá indicativos de uma organização educacional focada em interesses de uma minoria dominante, detentora de poder econômico, político e social, que privilegia seus interesses de classe e sustenta uma ideologia baseada na desigualdade de valor entre as pessoas, atribuindo maior importância às atividades intelectuais do que às atividades manuais. Com isso observa-se a repetição de um sistema

organizacional e valorativo desenhado através da história das sociedades.

O impulso à industrialização no Brasil, a partir da década de 1920, incentivou ações da intelectualidade local no sentido de redirecionar as prioridades educacionais. A história atesta o quanto a educação esteve desde sempre alinhavada aos interesses econômicos e sociais, pois estes ditam as diretrizes que aquela deve seguir. A educação voltada ao desenvolvimento da pessoa, de sua humanidade, de sua autonomia, só tem espaço quando esses interesses da macro-estrutura os corrobora. Também a emergência das classes médias urbanas fez aumentar, ao final daquela década, a pressão pela ampliação da rede de ensino, ao mesmo tempo em que o analfabetismo aparecia como o grande mal a ser erradicado.

Abarcando informações sobre todos os níveis de ensino no Estado de São Paulo, o inquérito promovido por Fernando Azevedo, reivindicando a realização de uma reforma constitucional, fundamentou diversas propostas, que iam desde a criação de universidades em São Paulo até a erradicação do analfabetismo. Também o ensino profissional foi enfatizado em suas conclusões:

*"A seu ver, o fato de este tipo de ensino não estar submetido a um conjunto de idéias fundamentais, a um plano de organização (...), indicava que ainda não havia compreendido o alcance do ensino técnico e profissional num plano integral de educação. Era urgente colocar o ensino em função de novas necessidades sociais e industriais e de preparar o elemento nacional para as atividades técnicas. (...) A luta contra o analfabetismo deveria ser associada a uma campanha em favor do ensino técnico elementar obrigatório (agrícola ou fabril). Como medida mais prática e razoável, sugeria estender a obrigatoriedade do ensino técnico elementar, para depois ampliá-la à educação técnica*



*pós-escolar para moças e rapazes entre 14 e 16 anos, que não se destinam aos cursos secundários e superiores" (Pires, 1991:121)<sup>4</sup>.*

Segundo a citação, podemos observar o mecanismo social de exclusão/inclusão. Em um primeiro momento a sociedade exclui, obstaculizando a inserção de determinados indivíduos, provenientes das classes desfavorecidas, em posições mais valorizadas na organização social. Com isso cria-se uma dificuldade e, conseqüentemente, abre-se possibilidade de incluí-los de forma perversa na estrutura social, reservando a eles posições que os levam a aceitar subempregos, preocupados com a própria sobrevivência e de seu grupo familiar. A educação técnica era prevista para aqueles que não se destinavam aos cursos secundários e superiores, principalmente por dificuldades e obstáculos criados pelo sistema, para garantir a ocupação de funções que a classe dominante não se sujeitaria, apesar de reconhecê-las como fundamental para a manutenção da ordem vigente.

Roberto Mange, como diretor do Liceu de Artes e Ofícios e estudioso dos problemas da qualificação profissional, foi chamado a se pronunciar nesse inquérito, juntamente com Theodoro Braga e Paulo Pestana, que eram ligados ao movimento educacional renovador. Para Mange, os trabalhadores brasileiros tinham: *"(...) apreciáveis qualidades fundamentais de caráter e indiscutíveis aptidões para o trabalho, faltando-lhes apenas uma orientação segura, perseverante e metódica que lhes viesse abrir novos horizontes e incitá-los à atividade" (1926:15).*

É importante lembrar que um dos critérios para aceitação de alunos no SENAI era não terem se envolvido com qualquer partido

---

<sup>4</sup> Entrevista ao Projeto Memória, SENAI-SP, 1991.

político e não terem história de reivindicações. Sendo assim, é possível pensarmos que dentre as “apreciáveis qualidades fundamentais de caráter” estariam a aceitação de condições, a passividade, a subserviência. A atividade a que Mange se refere não é a atividade de pensar criticamente, nem autonomamente, mas a atividade traduzida pelo trabalho técnico especializado, com qualidade de excelência, transformando o operário potencial, proveniente das classes empobrecidas, em operário padrão. Esse padrão era pensado como ideal sob o ponto de vista do empregador e isso fazia com que as oportunidades de emprego fossem facilitadas para os indivíduos possuidores dessa formação no SENAI, o que acabava criando a ilusão do SENAI, como instituição “educativa”, ser uma enorme vantagem, uma conquista supervalorizada para determinada classe social, ou seja, os desfavorecidos. Esse ocultamento da sociedade de classes e a consciência de oportunidades diferenciadas para cada classe não aparece na experiência cotidiana das pessoas, delineando o caráter ideológico, obscurecendo a ideologia capitalista dominante em nossa sociedade. O fato de que a realidade se desenhava dessa forma não significava que não havia contradições, pois são elas inerentes ao real. O próprio presidente atual do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, assim como outros representantes de sindicatos, tiveram parte de sua educação na instituição SENAI, o que mostra que apesar desse espaço ser pensado para formar e integrar na sociedade pessoas subalternas, passivas, desinteressadas por política, o ser humano, vivendo as condições histórico-sociais da exploração de sua força de trabalho, pode se constituir na direção contrária aos propósitos institucionais.

Outro fato foi a elaboração de um documento que procurou traçar as diretrizes de uma política educacional para o País, o chamado

*"Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova"*, publicado em 1932. Esse documento apresentava com convicção a idéia de que o ensino deveria ser renovado, para que o homem brasileiro pudesse adaptar-se e responder aos desafios de uma nova realidade.

No campo da educação, os debates desencadeados pelos partidários da Escola Nova e a publicação do Manifesto, em 1932, certamente tiveram peso significativo, levando, também pela primeira vez, a Constituição a dedicar um capítulo inteiro ao tema: *"À União competia traçar o Plano Nacional de Educação, cujas leis básicas ficaram desde logo fixadas. A Educação foi proclamada como direito social, assim como o trabalho, devendo ser administrada pela família e pelos poderes públicos"* (Venâncio Filho, 1984:914).

Mais tarde, no Estado Novo, embora a educação tenha tido um caráter inequivocamente centralizador, durante a gestão Capanema (1934/45) o ensino brasileiro passou a funcionar de maneira mais ordenada.

Além das ações ministeriais para organizar o ensino formal, o ensino profissional passou a fazer parte da pauta de preocupações do governo, ou seja, após aprender a ler e a escrever, este deveria ser o caminho a ser trilhado por uma parcela determinada da sociedade.

A crescente demanda por mão-de-obra, no início dos anos 1940, trazia a questão de qualificação para o trabalho industrial. Segundo Gentil Palmiro, funcionário da Divisão de Ensino do SENAI-SP:

*"o Brasil tinha que partir para fazer suas coisas. A indústria começara a crescer, mas não tinha mão-de-obra preparada, qualificada, era pelo processo de aprendiz: admitiam um menor, que ficava ao lado do mestre, ia vendo como ele fazia, e com isso levava muito tempo. Então os chefes da indústria, agora pressionados pela necessidade de ampliar a indústria e fazer peças e artigos tão bons quanto os dos países estrangeiros, pediram para o Governo fazer uma entidade de ensino de que os próprios industriais participassem. Essa idéia dos chefes de indústria foi capitaneada pelo engenheiro Roberto Simonsen, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo - FIESP, e pelo engenheiro Euvaldo Lodi, presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI). Esses dois homens foram os dois colaboradores do doutor Roberto Mange no campo político, verdadeiros negociadores para a criação do SENAI" (Palmiro, 1989)<sup>5</sup>.*

A estrutura do SENAI nasceu a partir das pressões e necessidades emergentes do capitalismo que se instalava e das possibilidades de se ter uma produção nacional, em substituição às importações. A participação dos industriais garantiria as condições e habilidades almejadas por elas.

As idéias e propostas, entretanto, custavam a transformar-se em ações efetivas. Em meados da década de 1930, o problema passou a ser considerado mais diretamente, quando o governo Vargas incumbiu uma comissão de elaborar um programa destinado a ampliar e consolidar o sistema de ensino profissional, principalmente aquele relacionado às atividades industriais. Entre os integrantes dessa comissão estavam: Roberto Mange, Lourenço Filho, que então presidia o INEP - Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos e Joaquim Faria Goes Filho, discípulo e íntimo colaborador de Anísio Teixeira.

A Constituição do Estado Novo, de 10 de novembro de 1937, expressou alguma mudança no velho conceito assistencialista-

---

<sup>5</sup> Entrevista ao Projeto Memória, SENAI-SP, 1989.

correlacional do ensino profissional, aproximando-o da concepção defendida pelos industrialistas, prevendo mecanismos de envolvimento direto das indústrias e associações de classe, certamente defensoras de objetivos mais amplos para a formação profissional.

No artigo 129<sup>6</sup> do princípio constitucional de 1937 estava previsto que, para a infância e a juventude desprovidas de recursos necessários à educação em instituições particulares, a Nação, os Estados e os Municípios assegurariam, por meio da fundação de instituições públicas de ensino em todos os seus graus, a possibilidade de receberem educação adequada às suas faculdades, aptidões e tendências vocacionais. O ensino pré-vocacional e profissional destinado às classes menos favorecidas constituir-se-ia no primeiro dever do Estado. É das classes menos desfavorecidas que saem os trabalhadores braçais, que sustentam uma grande fatia da produção capitalista. O Estado, comprometendo-se a cuidar da educação dos filhos dos desfavorecidos, promove uma ação que de certa forma garante essa demanda de trabalhadores, tão necessários para a engrenagem econômica.

Aqui dá para analisar que aos pobres seria dada a “oportunidade” de terem uma profissão que fosse de interesse do mercado e do Estado, que definiriam as condições e o currículo

---

<sup>6</sup> Art. 129° - À infância e à juventude, a que faltarem os recursos necessários à educação em instituições particulares, é dever da Nação, dos Estados e dos Municípios assegurar, pela fundação de instituições públicas de ensino em todos os seus graus, a possibilidade de receber uma educação adequada às suas faculdades, aptidões e tendências vocacionais.

O ensino pré-vocacional e profissional destinado às classes menos favorecidas é, em matéria de educação, o primeiro dever do Estado. Cumpre-lhe dar execução a esse dever, fundando institutos de ensino profissional e subsidiando os de iniciativa dos Estados, dos Municípios e dos indivíduos ou associações particulares e profissionais. É dever da indústria e dos sindicatos econômicos criar, na esfera de sua especialidade, escolas de aprendizes, destinadas aos filhos de seus operários ou de seus associados. A lei regulará o cumprimento desse dever e os poderes que caberão ao Estado sobre essas escolas, bem como os auxílios, facilidades e subsídios a lhes serem concedidos pelo poder público (Fonseca, 1986:211-212).

necessário a ser apropriado pelos jovens. Em síntese, estamos diante de uma concepção de homem, de uma Política de Identidade traçada pela macro-estrutura da sociedade, que desvela uma ideologia. Aos pobres serão reservadas as funções de empregados braçais, operários, que seriam meramente executores, como forma de integrá-los no processo produtivo. Em suma, estariam afastados da possibilidade de pensar e criticar, devendo obedecer aos preceitos da base do processo industrial a partir da escola da Administração Científica. Aqui temos desenhada uma situação política, pois o estabelecimento de um determinado currículo, específico da instituição SENAI, evidencia que o Estado cuida de estabelecer o que é prioritário a ser ensinado para esses alunos, para esse público.

Em 1939, o Decreto-lei 1.238 estabelecia a obrigatoriedade da instalação de refeitórios e cursos de aperfeiçoamento profissional nas indústrias que tivessem mais de 500 operários, o que provocou resistência da elite industrialista, a partir da FIESP. Habilmente, Simonsen, então presidente da FIESP, compromete-se a encaminhar ao governo um parecer da entidade sobre o assunto. Nesse relatório, ele defenderia a criação das escolas profissionais, situadas em bairros industriais, divididos por zonas, nas quais ingressariam todos os operários, mediante seleção pré-vocacional, vocacional ou psicotécnica.

No parecer do IDORT, por sua vez, Roberto Mange sugeria que os cursos fossem criados pela própria indústria ou pelas corporações de classe, operárias e patronais, submetidos às normas do governo federal, que participaria financeiramente do sistema com o mesmo valor aplicado pelo setor industrial.

Por outro lado, o Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, Valdemar Falcão, sugeriu ao governo que a indústria fosse a responsável natural pelo programa de formação profissional do operário, poupando o Estado de investimentos; com a aprovação de Vargas, regulamentou a instalação e o funcionamento dos cursos profissionais pelo Decreto 6.029, de 26 de julho de 1940.

No ano seguinte, Getúlio Vargas convocou Roberto Simonsen, Euvaldo Lodi e Valentim Bouças para definirem as bases do sistema. Para desenvolver o trabalho, valeram-se da colaboração de Roberto Mange, João Luderitz e Joaquim Faria Goes Filho, elaborando uma proposta assentada em dois pontos essenciais: valorizar a intenção do governo de criar escolas profissionais e desenvolver o ensino técnico em geral, admitindo-se que ao Estado deveria caber, de fato, a função principal na formação do homem. Essa formação, segundo o que aponta a história de nossa sociedade é diferente para os grupos que compõem a estrutura social. O conhecimento é distribuído de forma desigual, dependendo da origem e condição social das pessoas. Isso tende reforçar as posições originalmente ocupadas pelas pessoas pelo nascimento, dificultando a passagem de uma classe social para outra, principalmente no que diz respeito ao movimento de ascendência.

A formação era estritamente técnica, sem intenção de contribuir para o desenvolvimento do pensar crítico, pois esse não era o objetivo dessa instituição de ensino profissionalizante. O compromisso primeiro do SENAI era de atender as carências do mercado de trabalho de mão de obra qualificada e nos interesses da indústria. Quantos aos alunos, cabe a eles observarem e se adaptarem ao regimento das regras internas da instituição, que enfatiza as questões de disciplina,

obediência e respeito pela hierarquia, obtidos através de um conjunto de idéias que levam o indivíduo a pensar que ele só conseguirá ser alguém respeitado na sociedade, com autonomia financeira, se for capaz de apropriar-se dos princípios e regras de conduta ensinada pela instituição. O encadeamento de relações se dá de forma que o aluno sente que deve honrar tanto a indicação que teve por parte de alguém que quer o melhor para ele, como também a instituição SENAI, sendo grato pela oportunidade de se inserir no mercado de trabalho, com certa respeitabilidade técnica, ainda que isso muitas vezes possa significar seu encerramento em uma posição de operário, obstaculizando outras possibilidades.

A identidade pressuposta nessa trama de relações estava submetida a um conjunto de normas, regras e procedimentos previamente estabelecidos que a direcionava para a subserviência, sem intenção clara de desenvolvimento integral do ser humano, como pensar, refletir, discutir, planejar, organizar, decidir, para alcançar emancipação, autonomia e responsabilidade, pois para aqueles que ocupam funções de empregados de uma indústria o que importa é sua habilidade técnica, que prepara produtos de qualidade valorizados pelo mercado capitalista, e não outras habilidades como reflexão e crítica, porque estas são entendidas como desencadeadoras de problemas futuros para o empregador.

Havia (e ainda há) uma interação dinâmica entre esferas políticas e econômicas, que ocorria também na educação em geral e, especificamente, na educação profissional. Embora aquela não possa ser reduzida a esta, o papel que a escola exerce, como um dos aparelhos de Estado, está fortemente relacionado aos problemas



centrais de acumulação e legitimação enfrentados pelo Estado e pelo modo de produção capitalista.

Criava-se, assim, o SENAFI - Serviço Nacional de Seleção, Aperfeiçoamento e Formação de Industriários, mantido por contribuição das indústrias, estabelecendo-se uma taxa por operário, a ser cobrada pelo IAPI - Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários. Ao governo, pelos Liceus Industriais, caberia a formação de técnicos e professores para as escolas profissionais. Além disso, as empresas com mais de 500 operários estavam liberadas da obrigação de montar os cursos profissionais previstos pelo Decreto-lei 1.238.

Restava elaborar as bases legais para pôr o sistema em funcionamento, o que se fez rapidamente: o Decreto 4.048, de 22 de janeiro de 1942 criava o SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários, enquanto o Decreto-lei 10.009, de 16 de julho de 1942, aprovava o regimento da entidade, mudando seu nome para SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

O SENAI é, portanto, uma instituição de ensino industrial, criada por lei federal, em 1942, cuja manutenção se processa pela contribuição obrigatória da indústria, com 1% sobre o montante da folha mensal de pagamento dos empregados. A orientação do trabalho emana de um Conselho Nacional e de Conselhos Regionais, tendo como presidentes, respectivamente, o Presidente da Confederação Nacional da Indústria e os Presidentes das Federações de Indústrias dos Estados.

Nota-se que a representação nesses conselhos não previa a participação das famílias ou mesmo representantes dos alunos. Fica evidente o caráter unilateral e o compromisso da Instituição com a produção, governo, mercado e indústria.

O SENAI é uma instituição nacional e se divide em regiões pelo país. O Estado de São Paulo compõe a 6ª Região. Há relativa independência para os trabalhos de cada departamento regional, salvo naquilo que for expresso em leis e decretos do Governo Federal ou resoluções do Conselho Nacional da entidade.

O SENAI, cuja finalidade é ministrar cursos de aprendizagem para jovens empregados na indústria, para tornar possível a consecução de seus objetivos dispõe de um corpo de funcionários, que compreende professores, instrutores de ofício, diretores de escolas, auxiliares, assistentes e assessores, técnicos, médicos, dentistas, assistentes sociais, psicólogos, contadores, economistas, técnicos industriais de várias especialidades, pessoal administrativo e pessoal de obras.

Em São Paulo, a Divisão de Seleção e de Orientação Profissional é um órgão divisional dentro do SENAI, como outros que se dedicam a diferentes trabalhos, tais como: Divisão Administrativa, Divisão de Ensino, Divisão de Cadastro e Controle, Divisão Médica, Divisão de Serviço Social, Divisão de Obras, Divisão de Contabilidade. Há ainda 4 grandes inspetorias de zona, cobrindo toda a região onde atua o SENAI. Todos esses órgãos subordinam-se à Diretoria Regional e a um Conselho Regional.

Roberto Mange, ao montar a estrutura administrativa da instituição, provavelmente já esperava sua rápida expansão, tanto que, assim que se instalam as primeiras escolas do SENAI, surgem os Inspectores de Zona, destinados a auxiliar a Diretoria Regional no gerenciamento da rede escolar.

A organização da Divisão de Seleção foi inspirada nos estudos e experiências anteriores de Roberto Mange, dando à instituição o necessário suporte para a formação de um quadro de funcionários e um corpo de alunos adaptados às funções que cada um deveria desempenhar. Racionalidade e eficiência, princípios assimilados por quem ensina e por quem aprende, resultaram no modelo SENAI de formação profissional.

Dividida inicialmente em três setores - Estudos e Planejamento, Orientação Profissional e Seleção Profissional e Verificação de Eficiência, a Divisão de Seleção foi posteriormente ampliada com os Cursos Vocacionais e com a Adaptação Profissional de Cegos.

Ao desenvolver atividades inéditas no Brasil, a Divisão de Seleção Profissional distinguiu-se pelo pioneirismo. Nas palavras de Oswaldo de Barros Santos, que chefiou a Divisão por longo tempo,

"(...) o SENAI era o primeiro em todos os assuntos referentes (...) a problemas de pessoal. Não havia equivalente no País. Tudo o que o SENAI fazia era objeto de intensa curiosidade. (...) As visitas eram até programadas na Divisão de Seleção, porque eram tantas que atrapalhavam o serviço. A gente dava cursos para o pessoal da indústria porque eles nunca tinham ouvido falar em testes de trabalho, em análise profissional, nada disso.

Isso tudo era de outra galáxia, o SENAI estava em outra galáxia. (...) Todos nós, do SENAI, que entramos nessa época (década de 40), tínhamos de fazer estágios. (...) O que sente um operário trabalhando? Qual sua dificuldade? Quando a gente fazia análise profissional e ia numa indústria consultar um operário sobre as qualidades necessárias para exercer uma determinada tarefa, ele sempre dizia: "golpe de vista". Tudo era uma questão de "golpe de vista". Então você tinha que traduzir isso numa aptidão. Mas o que ele queria dizer com "golpe de vista"? Você tem que fazer o trabalho para saber. Então, a gente fazia!" (Santos, 1990:12)<sup>7</sup>.

A análise profissional, ou análise ocupacional, minuciosamente detalhando o ato de trabalhar, constituiu sempre, no modelo SENAI, instrumento básico para a formulação e o planejamento de currículos, programas, cursos etc., capazes de contemplar as necessidades da formação profissional e de treinamento:

*"Falava-se muito em aptidão, definida como uma disposição inata que predispõe à aquisição de uma capacidade. Aptidão mais treino seria igual à capacidade profissional da pessoa. (...) Não adiantava nada o indivíduo ter aptidão se não fosse treinado. (...) Por outro lado, para chegar a ser treinado, no caso tornar-se um aluno do SENAI, era preciso passar nos testes de seleção. (...) Na Divisão de Seleção criava-se uma bateria de testes psicológicos para selecionar, entre uma gama de pessoas que se candidatavam (...). Esta sempre foi também, uma questão básica para o SENAI. Porém, selecionar com eficácia trazia dúvidas e dificuldades: talvez seja um conceito um pouco egoísta de seleção, porque dava-se sempre preferência aos bons. E o que fazer com os que eram "os menos bons" (Pires, 1991:68)<sup>8</sup>.*

Quando se concebe a aptidão como algo inato, revela-se um determinismo que, segundo esse ideário, pouco se pode alterar. Um conceito como aptidão, tão difícil de ser entendido, mesmo nesse universo de idéias, hoje tão contestado, mostra a arbitrariedade com que eram, ou foram, feitas as seleções para o ingresso no SENAI. Ao que

---

<sup>7</sup> Entrevista ao Projeto Memória, SENAI-SP, 1990.

<sup>8</sup> Entrevista ao Projeto Memória, SENAI-SP, 1991.

parece, na esteira de uma tradição psicológica, que se fundamentava em testes como instrumento classificatório, comparativo, discriminatório, atribuindo aos indivíduos qualidades ou desqualificando-os com instrumento tão contestável e inconsistente no que diz respeito a revelar o potencial do indivíduo.

Já as antigas críticas a esse material de testagem, que imputou rótulos, estigmas e desmerecimento a uma enorme parcela da população para a qual foram usados as qualificações “bom” ou “menos bom”, adjetivos são frágeis e que mostram um vazio de compreensão. O que é bom para um contexto pode ser péssimo para outro. Dentro do universo do SENAI, segundo o exposto até aqui, o que poderia ser considerado bom? Os altos índices de passividade? A falta de condições de crítica? A pobreza de articulação verbal e ou escrita? Os altos índices de subserviência em relação à estrutura interna da instituição que se revela, ainda hoje, extremamente hierarquizada e autoritária?

É comum nos trechos transcritos nas citações a expressão treinar, isso, ao meu ver reflete as intenções da Instituição em ensinar procedimentos de realização de tarefas sem o compromisso com a reflexão e o questionamento, ou mesmo em propiciar condições de inovação, criatividade.

A ênfase dada à eficácia é própria de uma filosofia, de uma ideologia que reifica o material, o ter, a produção e o capital, deixando de lado o aspecto de formação e constituição do sujeito como único e plural.

A preocupação com a instituição de um personagem como operário padrão, tão valorizado nessa estrutura, é exemplo suficiente para a exaltação do cumprimento de uma receita prévia, de maneira unificada, sistematizada e viciada de executar tarefas.

Na Divisão de Seleção, todo esforço era dirigido para a elaboração de instrumentos, os mais adequados possível, para testar candidatos às mais variadas ocupações; assim, o SENAI abria caminhos no campo da psicologia industrial:

*"(...) a bateria de testes começava com conhecimentos gerais, porque se achava que era importante pesquisar o mínimo de português e matemática; fazia-se também uma avaliação do nível de aptidão de uma pessoa, quer dizer, era preciso saber o nível mental, ainda estava em voga o conceito de QI. (...) Em 1945, o prof. Mira y Lopez veio ao Brasil e deu um curso sobre a psicologia da época e como se podia usá-la a serviço do ensino e da seleção. (...) Nesta ocasião, já estava em processo de elaboração pelo prof. Barros o teste de nível mental AG-3" (Pires, 1991:69)<sup>9</sup>.*

O sujeito era visto como algo cristalizado, caracterizado pelo imobilismo, e como um produto capaz de ser captado pelo teste psicológico.

O homem era visto como tendo uma essência única, própria do ser humano, quer dizer, nascendo bom, puro e que a sociedade poderia "moldá-la" de acordo com sua configuração.

Esse teste tinha por finalidade: *"obter a medida da habilidade intelectual para trabalhos de tipo teórico-prático"* (Santos, 1968:41). Nota-se que aqui fica evidenciado o desconhecimento de que a

---

<sup>9</sup> Entrevista ao Projeto Memória, SENAI-SP, 1991.

inteligência como categoria conceitual é controversa e que a habilidade mental se constrói na medida em que o indivíduo é exposto a diferentes tipos de conhecimento e experiência. A isso podemos acrescentar que as pessoas com oportunidades de estudo, de trabalho, que as levem a pensar e a resolver não somente questões de ordem prática, cotidiana, mas refletir sobre questões sociais, políticas, econômicas, existenciais, têm expandidas suas capacidades intelectuais, que as favorecerão em muitas situações vividas, pois desenvolverão criticidade sobre sua localização social, a estrutura da sociedade em que vivem e a partir daí poderão conscientizar-se de outros possíveis caminhos a serem seguidos. De certa forma, pelo exposto até aqui, o SENAI, como instituição, como estrutura comprometida com a produção industrial cercou-se de muitas formas para impedir, ou dificultar essa postura crítica, pois asseguravam a obediência, o controle e a satisfação dos alunos e famílias usuários da instituição. Isso daria mais tranquilidade e garantia de abastecimento da mão-de-obra necessária para a manutenção da ordem vigente e dos interesses produtivos.

Sua utilização gradativamente extrapolou o âmbito do SENAI.

Ele:

*"(...) foi parcialmente construído pela Divisão de Seleção (...), resultando de um longo trabalho, iniciado em 1944, e para o qual, de início, foram construídas oito formas (de testes) diferentes. Escolhida uma delas, por condições de ordem técnica e de facilidades práticas, fez-se uma recomposição em teste definitivo, depois da análise dos itens e verificação de suas condições de precisão e validade" (Santos, 1991:22)<sup>10</sup>.*

---

<sup>10</sup> Entrevista ao Projeto Memória, SENAI-SP, 1991.

Esse “rigor científico”, adotado pela Divisão de Seleção para validar os instrumentos por ela utilizados, era redobrado em função da própria especificidade do SENAI. Ultrapassando os limites do ensino ferroviário, que lhe servira de modelo, a seleção tinha de avançar em suas pesquisas para abranger diversas áreas industriais.

A ligação necessária entre as novas descobertas da Psicologia e o dia-a-dia do SENAI era estabelecida, principalmente, pela Seção de Estudos e Planejamento da Divisão de Seleção, encarregada das pesquisas e estatísticas para elaboração e validação dos testes a serem empregados, tanto na seleção de alunos quanto na seleção de pessoal.

Além dos testes propriamente ditos, era necessária a elaboração de outros instrumentos para o andamento dos trabalhos, conforme relata Pires:

*"O SENAI procurou fazer uma classificação profissional, um trabalho de catalogação, após uma análise exaustiva, para saber: o advogado, que tipo de inteligência deve ter; e o professor, o mestre de obras, o engenheiro, o prespontador, o cortador de calçados, etc. E nós chegamos a classificar todas as profissões dentro das chamadas características psico-ergológicas de cada uma. Então, o indivíduo podia ser classificado como do tipo inteligência verbal, espacial ou abstrata; mas havia também a possibilidade de ele ser verbo-espacial, espaço-verbal, abstrato-espacial e assim por diante. Mas seria uma temeridade um profissional basear-se apenas em métodos psicométricos, principalmente testes, e esquecer a parte de personalidade. Há indivíduos que tem todas as características psico-ergológicas para exercer uma profissão e não a exercem por uma questão de estímulo interior. Então, é preciso ver através das entrevistas. Por isso, o nosso processo era completo e abrangia também entrevistas psicológicas com os candidatos para deduzir, sem saber quais eram suas aptidões, os seus resultados nos testes" (1991:70)<sup>11</sup>.*

---

<sup>11</sup> Entrevista ao Projeto Memória, SENAI-SP, 1991.



Esses outros instrumentos subjetivos, que o SENAI utilizava-se no processo seletivo dos candidatos a “menores aprendizes”, demonstravam certa preocupação em identificar valores emocionais essenciais.

Verificamos que a parte das recomposições no campo médico-psicológico que resultam em novas modalidades terapêuticas, que nada mais fazem do que gerir riscos sociais pela administração autoritária de populações marginalizadas, e propor administrar fragilidades individuais, com exercícios de caráter aparentemente lúdico, nos quais o “potencial humano” desenvolve-se pelo “capital racional”, produz uma cultura psicológica de massa para consumidores que buscam formas de felicidade e de sociabilidade perdidas (Patto, 2000).

O processo de preenchimento de cargos na instituição era outra das atribuições do setor, chefiado à época por Tércio de Mattos:

*"(...) partíamos inicialmente da identificação do cargo para depois fazer a avaliação e a escolha de candidatos para ocupar as vagas" (Mattos, 1991). E o prof. Barros complementa: "usava-se uma bateria composta de testes de conhecimento, testes de aptidão e testes práticos, no caso de professores, uma aula, além das entrevistas, que eram a parte final. A partir daí, os candidatos eram confrontados com outras exigências. Eram necessários, por exemplo, professores para escolas da capital e do interior; então havia condições locais que faziam com que a gente escolhesse um candidato e não outro. Mas, o pior problema para nós era a seleção de instrutores. O João Baptista D'Ávila, da Divisão de Ensino, chegava para mim e dizia: "olha, está aberta a inscrição para instrutor de tecelagem e não tem ninguém; para instrutor de ferramentaria e não tem ninguém! Quer dizer não tinha candidato. (...) Ah! é a questão de salário; vamos falar com o diretor se aumenta o salário, o que é que pode ser feito". "Não! O salário é esse, não pode ser mais, é a classificação". (...) Então criava-se um problema tremendo para a seleção" (Santos, 1991:25)<sup>12</sup>.*

---

<sup>12</sup> Entrevista ao Projeto Memória, SENAI-SP, 1991.

Em outro âmbito, a preparação dos docentes para o desempenho de suas funções, atividade hoje conhecida como desenvolvimento de pessoal, era feita pela Divisão de Seleção. Analisando os documentos do SENAI, não é difícil perceber a importância que teve a Psicologia no estudo do perfil do aluno, seja fornecendo subsídios para o processo de seleção dos candidatos nos mais diversos cursos, na orientação vocacional e nos esforços em pesquisas, cuja finalidade era subsidiar modernos métodos de Educação Profissional.

A autonomia do SENAI procede de sua independência econômica, o que lhe garante uma estrutura e funcionamento peculiar. Os recursos oriundos do Instituto de Pensões e Aposentadoria dos Industriários<sup>13</sup>, colocados à disposição do SENAI, permitiu o aprimoramento de técnicas, garantindo a dinâmica do processo de "ensino-aprendizagem" e a integração do profissional ao mercado de trabalho.

Foi significativa a participação da empresa na formação profissional, pois isso permitiu a busca de soluções mais rápidas, com a vantagem da desvinculação do sistema burocrático que domina o país, o que efetivamente facilitou não apenas a expansão de estabelecimentos congêneres, como também agilizou métodos e técnicas de ensino e captação de recursos econômicos, isto é, com investimentos contínuos em seu parque industrial e na qualificação da

---

<sup>13</sup> Decreto-Lei 4481, de 16/07/1942 - dispõe sobre a aprendizagem dos industriários, estabelece deveres dos empregadores e dos aprendizes relativamente a essa aprendizagem e dá outras providências.

mão-de-obra, a empresa ganhava mais condições para se estabelecer em um mercado competitivo.

A importância atribuída ao SENAI não decorre apenas do momento de sua criação, mas se mantém até hoje, dada sua eficiência e preocupação com o ensino profissional em todo o país, especialmente nas regiões onde o movimento industrial foi mais rápido e intenso.

A instituição SENAI posicionou não só a formação de mão-de-obra especializada, mas também contribuiu para o aumento da competência técnica, num país cujas perspectivas econômicas eram significativas, uma vez que a possibilidade de continuar a sustentar o crescimento industrial, via importação, era insustentável.

Na verdade,

*“(...) a aprendizagem técnica desenvolvida pela escola SENAI não está no objeto industrial, mas o antecede, realiza e ultrapassa, desenhando e projetando uma história que não se limita à reprodução verbal de mecanismos, mas que representa a materialização de relações sociais”. (SENAI, 1992:6-7)*

As ações dessa escola devem ser consideradas sob o foco da produção e reprodução da sociedade capitalista e, nesta perspectiva, há de se considerar não apenas o caráter técnico de organização institucional, mas também as questões ideológicas que

estão imbricadas no interior de todo o processo de educação do trabalhador.

Sua função social mantém-se fiel aos objetivos propostos desde sua criação, que é de integrar na sociedade os filhos das famílias empobrecidas, oferecendo posições de trabalho úteis ao sistema produtivo e propiciando uma educação nos moldes de obediência, subserviência, gratidão, vinculando diretamente as condições oferecidas pelo SENAI e a constituição de identidades, numa determinada direção.

A organicidade do sistema, o predomínio de uma metodologia apropriada, os esforços para formação de mão-de-obra de qualidade às necessidades, a estruturação de um currículo adequado aos objetivos propostos, aliados à disponibilidade de recursos e às necessidades que demandavam as empresas, foram importantes para sua eficiência.

Certamente seus objetivos decorriam de suas próprias necessidades e, por isso, o empreendimento educacional que nascia teria que ser, antes de tudo, uma forma de investimento bem proposto, para ser bem sucedido. Foi assim que surgiu o SENAI, que tinha como proposta um desafio de natureza educacional, profissional, cultural e moral num contexto social incapaz de formar a mão-de-obra necessária à indústria, coadunada com objetivos de responder às novas solicitações da política econômica vigente.

O aprendizado direto nas próprias oficinas, diante da máquina e sob a orientação de peritos no assunto, tinha a vantagem de ser mais rápido e econômico para a aquisição de um conhecimento prático e, por isso mesmo, eliminando os custos de uma aprendizagem teórica mais duradoura.

Fora dos moldes acadêmicos, da estrutura inflexível dos sistemas tradicionais de educação, a formação dada pelo SENAI encontrava-se mais próxima dos interesses da indústria, que era formar a mão-de-obra no menor tempo possível, reduzindo ao máximo os custos da aprendizagem.

A escola SENAI apresentou, no decorrer de sua história, a tendência de seguir orientação e modelos estrangeiros. Contudo, há que se considerar que a transplantação de modelos têm seus lados negativo e positivo. De acordo com Castro, ao se referir à questão da transplantação de modelos internacionais, aponta que:“

*(...) quando estas soluções são transplantadas para outros países, há o risco de se tornarem caricaturas de sua versão de origem. Sem defeitos se apresentam de forma agravada e suas vantagens são atenuadas”. (1994:244)*

Contudo, há que se considerar que a transplantação de modelos tem como lado positivo que é importante aprender o desenvolvimento de novas tecnologias e a fabricação de novos equipamentos com outros países.

Voltado exclusivamente para a formação profissional, incorporou a seu currículo algumas disciplinas teóricas somente quando elas apresentassem relação com a aprendizagem do ofício, seu objetivo primeiro. O SENAI possibilitava certa racionalização de recursos, pois não era necessário que cada empresa criasse seu próprio curso, uma vez que todas poderiam utilizar os mesmos recursos materiais e humanos, contribuindo, para isso, com uma pequena parcela de seu capital, que garantia a manutenção desse sistema de ensino. Essa nova realidade permite afirmar que o SENAI surgiu como "empresa pedagógica"<sup>14</sup>, sendo " (...) *essência de sua configuração os componentes empresariais e pedagógicos*". (Nascimento, 1980:38)

Essa concepção de "empresa pedagógica" ressalta a necessidade de formação integral do ser humano, valorizando a posse do conhecimento consolidado, estimulando ao mesmo tempo o desenvolvimento do espírito criador, aprendendo os princípios básicos que regem as ciências e pretendendo que se desenvolva no indivíduo a capacidade de aplicá-los ao plano técnico.

Assim, a partir da incorporação do conceito "*escola para o aluno*", a organização física da escola SENAI procurou atender às necessidades da educação integral: "*Escola não é um simples amontoado de salas. É algo mais que isso: é um estabelecimento que deve levar em conta a psicologia do aluno e suas necessidades*", (Roberto Mange, *informativo SENAI*, 1953:16).

---

<sup>14</sup> "Empresas pedagógicas" são "organizações estruturadas com o objetivo de produzir bens e serviços, promovendo a formação profissional sistemática para as ocupações que integram normalmente o quadro de pessoal qualificado nas empresas de sua categoria", in SENAC, Departamento Nacional, Relatório Anual, 1977.

A preocupação do SENAI com a formação profissional do aprendiz, era ampla. Nesse sentido, afirma Santos:

*“Ao preparar os educandos com vistas à realidade do processo ensino-aprendizagem, a educação deveria favorecer o desenvolvimento do ser humano, no sentido mais amplo, de sorte a permitir a organização de sua vida no tempo e no espaço. A educação, nesse caso, possibilitaria ao homem formar-se como homem, diante das possibilidades que a sociedade lhe apresenta sob a forma de constantes desafios”.*  
(1991:41)

Embora a preocupação com o desenvolvimento do ser humano seja válida, não é isso que se observa na constituição do SENAI, nem no passado, nem na contemporaneidade. A maneira de se expressar de uma grande parcela de alunos do SENAI nos dias de hoje, seja verbalmente, na escrita ou leitura, é muito precária, haja vista que os próprios instrutores possuem essa dificuldade. Essa característica deixa claro que o domínio da língua, da expressão de idéias e sentimentos não tem prioridade nesse plano de ensino, contrariando assim essa suposta preocupação com a formação integral do aluno SENAI.

Entre as mais diversas atuações no cenário político, econômico e social, sem dúvida uma das mais importantes foi o desenvolvimento industrial, em período decisivo para o Brasil. A FIESP, atuando como líder de classe, tinha como proposta o entendimento entre patrões e trabalhadores, a defesa dos princípios de organização científica do trabalho (sua campanha em favor do taylorismo, fordismo e do sistema de Fayol, os únicos métodos capazes de fazer crescer a riqueza, barateando a produção, elevando a produtividade e

aumentando os ganhos, reduzindo-se com isso os conflitos internos da fábrica, pela cooperação entre patrões e operários) e uma concepção de Estado inspirada no modelo norte-americano, que propiciava o estabelecimento de um tipo de Estado que, a seu ver, melhor se adequava à realização do projeto econômico-social defendido pelos industrialistas brasileiros.

Essa redução de conflitos foi baseada no aumento de cooperação e melhor remuneração. E como ficam as questões relacionais de poder, hierarquia que impactaram diretamente na constituição de identidades, tanto de patrões quanto de empregados nas relações que se estabelecem? E como é pensada a questão do valor atribuído as pessoas?

Numa época em que nas fábricas predominava a força bruta e não se questionava nada, o pensamento de Taylor foi de importância fundamental. O trabalhador, embora participasse dos resultados, normalmente não participava da formulação dos processos ou das decisões que levariam a uma melhor produtividade. Ele só precisava obedecer ao que o gerenciamento determinava, podendo ganhar um salário que melhor correspondesse ao desempenho de suas funções.

O sistema de Taylor baseava-se na “visão científica” bastante “ingênua” do começo do século, servil das idéias positivistas originadas de premissas epistemológicas do racionalismo moderno, que pressupõe uma simbiose hierárquica entre ação e teoria, daí a dificuldade em se aceitar o conflito, o que permite entender a valorização dada por Taylor



à hierarquia, à disciplina e ao controle por parte dos que sabem, pois “saber é poder” (Heloani, 2002).

Segundo o prisma crítico apresentado por Heloani, temos que:

*"A Administração Científica no Brasil foi utilizada de forma simplificada e até aparentemente contrária ao conjunto de princípios desenvolvidos pelo próprio Taylor. A versão brasileira da administração científica absorveu, sobretudo, as técnicas e conceitos relativos à construção de mecanismos disciplinares de controle sobre o trabalhador, centralizou decisões nos segmentos politicamente mais leais ao capitalista e ainda assegurou os meios para aumentar a intensidade de extração da mais-valia" (2002:71).*

Na percepção de Heloani, o fordismo:

*"(...) apresenta um projeto de gestão da economia ao propor que a elevação da produtividade fosse repassada aos salários. Esse aumento do poder aquisitivo encoraja a expansão dos investimentos, aumentando a produtividade, que será repassada novamente para os salários, que elevam o consumo. (...). Como consequência o modelo fordista induz a generalização do consumo de massa para o conjunto da economia. A reprodução da força de trabalho se transformaria em parte integral da reprodução do capital. Desse modo, a generalização do aumento de consumo abriria novas frentes de acumulação para o capitalista" (2002:53-54)*

As leituras e pesquisas nos mais diversos cursos superiores sobre a escola de administração científica (escolas clássicas) era uma prática obrigatória, principalmente para os cursos de Administração, Economia e Engenharia; por isso não é difícil entender a identificação e a utilização do taylorismo por Simonsen e Mange, propostos para o SENAI e para a indústria.

Em 1916, Simonsen fundou e assumiu a presidência do Centro de Construtores e Industriais de Santos, que tinha como principais objetivos a organização de um cadastro do operariado, a criação de um serviço de assistência e seguro para os trabalhadores e a fundação de escolas de aprendizagem profissional. O trato com essas obras propiciou a Roberto Simonsen uma visão panorâmica da realidade brasileira: a pobreza do país. A superação da pobreza generalizada dependia, segundo ele, do desenvolvimento industrial, concebido como um projeto que ultrapassava interesses e limites de produção.

A solução do maior problema nacional residia na utilização apropriada e na conservação dos recursos naturais, no aperfeiçoamento profissional e na melhoria do fator humano e na aplicação da técnica, ou seja, modelo de industrialismo sugerido por Roberto Simonsen que, a bem da verdade, estava atrelado à educação. Havia muitas pressões para que ocorressem mudanças; em função disso, o então Ministro da Educação, Francisco Campos (1930-32), responsabilizou-se diretamente pela reforma educacional, dando também atenção ao ensino técnico-profissional, particularmente o industrial e comercial.

Note-se que mesmo nessa reforma a ênfase e o compromisso continuam sendo com as necessidades de mercado, tanto industrial quanto comercial. Isto não é difícil de entender, uma vez que a prioridade do governo seria a expansão do processo de industrialização, o que justifica investimentos amplos na formação de

mão-de-obra. Isso fazia parte de um processo que tivera início na Europa, com a Revolução Industrial.

Essa reforma propiciou o surgimento daquela que seria a primeira entidade na América Latina voltada para as questões do trabalho – o IDORT - Instituto de Organização Racional do Trabalho. Inaugurado em 23 de junho de 1931, era administrado por uma comissão constituída por Roberto Mange, Lourenço Filho, Armando de Salles Oliveira, J. O Monteiro de Camargo, Henrique Dumont Villares, Geraldo de Paula Souza, entre outros. Seu objetivo básico era o de centralizar e coordenar o intercâmbio de idéias, experiências e pesquisas entre os estudiosos e interessados no problema do trabalho; a aplicação dos métodos científicos e sistemas de trabalho que, por sua organização administrativa adequada e uma orientação racional do trabalhador, viessem resultar na melhora da qualidade do produto, baixa no preço de custo e melhor remuneração do operário, com mais conforto e melhores condições higiênicas do trabalho; a transformação juntar-se-ia pela cooperação íntima das classes e camadas sociais, tornando-os colaboradores na construção de um mesmo objetivo: o "bem comum". Esse bem comum deve ser bem compreendido; não se trata de comum a todos na sociedade, mas somente a uma parcela dela, representante da classe dominante.

O trabalhador é visto como um elemento necessário na produção, porém não se reporta a ele como um ser humano pensante, autônomo e responsável pelas mudanças e até mesmo pelas contribuições significativas que faz ao processo produtivo, mas, como elemento que deve fazer sua parte para não desandar o processo,

quer dizer, como lhe foi determinado, ser um mero executor de tarefas.

O IDORT surge com o objetivo de centralizar todos os esforços de difusão dos princípios e métodos de administração científica. O surgimento desse instituto representou para o ideário dos industriais paulistas o início de uma nova organização social: a sociedade de consumo de massa. O crescimento e a institucionalização dos princípios tayloristas e fordistas foram vistos pelo capital como instrumentos necessários para elevar o consumo da produção através da diminuição dos preços, aumento de salários e eficiência da produção (Heloani, 2004).

Rapidamente, o IDORT transformou-se na principal agência de propagação da organização racional do trabalho no Brasil, desempenhando o papel de centro intelectual do industrialismo para as questões relativas à racionalização, o que também significava participar diretamente da redefinição das funções do Estado na condução do processo de industrialização. Nesse sentido, as ações do IDORT se fizeram sentir a partir da elaboração, pela divisão de Organização Técnica do Trabalho, dirigida por Roberto Mange, de um projeto especial destinado a organizar o Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional - CFESP.

Mais uma vez, temos aqui reforçada a idéia de compromisso com as leis de mercado e a negligência quanto ao desenvolvimento do gênero humano como totalidade. Novamente a adaptabilidade é valorizada, o que nos permite entender que essa

característica é fundamental para que seja possível desenvolver o projeto proposto. A adaptabilidade traz uma dupla possibilidade de compreensão. Ao mesmo tempo que se mostrará importante para a nossa existência e sobrevivência no mundo, no entanto, quando assume níveis demasiadamente altos pode nos encerrar em uma condição de passividade, obediência e subserviência que coloca em risco a emancipação, fortalecendo a condição de colonização e dependência.

A formação parece que seguia o caminho do fordismo e do Taylorismo, com a economia gestual e passos rigidamente traçados para a garantia de eficiência, economia de tempo e maior produção. Foi a partir daí que surgiu a idéia de operário padrão, ou seja, aquele que executava suas atividades com disciplina, eficiência, resignação e um índice considerado excelente de produtividade, o que levou as empresas um plano de premiação aos funcionários que se destacavam nos resultados de produção.

A presença de Roberto Mange, como se vê, é recorrente em quase todos os episódios voltados à organização do trabalho; há sua participação desde o planejamento até a direção das entidades que antecederam a fundação do SENAI, bem como deste também.

Oswaldo de Barros Santos, psicólogo e ex-chefe da Divisão de Seleção e Orientação do SENAI-SP, recorda:

*"O Dr. Mange (...) no Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional, como é que ele se abastecia de pessoal? Ele pedia*

ao Instituto de Educação<sup>15</sup> da Universidade de São Paulo alguns alunos que se haviam destacado na parte de psicologia. E toda essa equipe pioneira do Dr. Mange veio de lá; um após o outro, conforme, iam-se formando. Indicados por Noemi Silveira, uma grande psicóloga da época. Eu fui um dos alunos indicados, em 1937. Então, a minha formação é pedagógica. Psicologia se estudava nos cursos de Pedagogia, porque não havia cursos de formação de psicólogos. Lidávamos com testes, com medidas de nível mental, medidas de personalidade e de adaptação do homem ao trabalho. Daí é que surgiu uma porção de pessoas que se tornaram especialistas nessa área (...) O Dr. Mange lecionava também na Escola de Sociologia e Política e eu fui aluno dele lá, onde aprendi muito a respeito da Psicologia Aplicada ao Trabalho" (1990:34, o grifo não consta do original)<sup>16</sup>.

Os testes de QI, de medidas de personalidade e de adaptação do homem ao trabalho têm em sua história a idéia de classificação das pessoas. Na II grande guerra mundial eles foram largamente usados para determinar quem eram as pessoas aptas para ocupar cargos de comando, de planejamento estratégico de guerra e quem seriam aqueles aptos a ocupar as fileiras de soldados, destinados a obedecer ordens e, se necessário, defender seus superiores com a própria vida. Nesse contexto de emergência dos testes psicológicos o pressuposto era de que os indivíduos não sendo iguais deveriam ocupar posições diferentes de acordo com suas limitações e possibilidades, concepção esta que acarretava ações discriminatórias.

Assim, o SENAI surgiu com a missão de dar uma resposta rápida à questão da preparação do trabalhador industrial, cuja produção encontrava-se em ritmo acelerado. Os "*Cursos de Emergência*", de curta duração, foram dedicados à formação de mão-de-obra em áreas mais críticas, como mecânica, calderaria, ferraria, solda, fundição,

---

<sup>15</sup> No Instituto de Educação da Universidade de São Paulo

<sup>16</sup> Entrevista ao Projeto Memória, SENAI-SP, 1990.

eletrotécnica. As necessidades do esforço industrial levaram também à criação de uma série de cursos rápidos ministrados nas próprias fábricas, buscando aperfeiçoar a qualificação da mão-de-obra, sem interromper o curso de produção. Mas, como o ritmo de expansão industrial era muito grande, havia dificuldades mesmo na implantação dessas atividades: Ferreira ressalta que:

*"a solicitação que o SENAI fazia para matrículas de alunos era, regra geral, muito mal recebida, porque você imagina, numa época como aquela, de 42, em plena guerra, com toda a produção das empresas sendo vendida de qualquer maneira, fabricasse o que fabricasse, tudo era vendido, as empresas naturalmente reagem negativamente ao fato de ter que mandar um garoto para o SENAI, seu empregado, e pagar a ele o salário, e ele não trabalhar" (1989:134)<sup>17</sup>.*

O que emerge a partir dessas ações do SENAI é sua submissão às leis de mercado, e como instituição formadora de mão-de-obra, esforça-se em atendê-lo no tempo e espaço desejado. Se este não é exigente em relação ao produto, então não se tem uma produção com qualidade, e daí, não se tem preocupação e compromisso com formação, educação, com pessoas. A força e o poder do capital é que determina a ordem.

A união da teoria com a prática do pensamento com a ação, funcionava em mão dupla: os professores de matérias teóricas faziam estágios nas oficinas e os instrutores recebiam orientação didática para trabalhar com os alunos. O recrutamento de docentes de matérias teóricas, feito geralmente por anúncios em jornais, tanto da capital quanto do interior, era facilitado pelo fato de existirem no Estado os Institutos de Educação, com um padrão de ensino de qualidade. O

---

<sup>17</sup> Entrevista ao Projeto Memória, SENAI-SP, 1989.

SENAI adotava o sistema de concursos, com provas práticas e teóricas, e escolhia, por classificação, os melhores.

*"Eu me lembro muito bem de que eu soube do SENAI através de um anúncio no jornal. Eu era professor em Mococa, isso por volta de 1943, e passei um telegrama para o SENAI, Rua Boa Vista, 68. Alguns dias depois, recebi um telegrama dizendo que eu deveria comparecer ao SENAI num determinado dia para fazer a prova.(...) Vim a São Paulo, fiz minha prova e levei um primeiro susto, porque as provas eram feitas por opção de disciplina. Então, havia um concurso para professor de Ciências, um para professor de Matemática, um para professor de Desenho. E eu descobri que havia 468 inscritos para a cadeira de Ciências. (...) Voltei para minha Mococa e estava absolutamente certo de que sobre 468, as minhas possibilidades eram muito limitadas, mesmo porque a fina flor do magistério da época se inscreveu no SENAI. E por quê? O Estado pagava CR\$ 840,00 por mês e o SENAI oferecia CR\$ 1.000,00, que era na época um salário realmente tentador. (...) Fui chamado de novo para fazer a segunda parte da prova, a prova aula, e o assunto que me coube foi a produção do ferro. (...) E acabei sendo aprovado em 3º lugar. Quando eu recebi o programa é que eu tive noção de que havia no SENAI um departamento chamado Divisão de Ensino, chefiada por um engenheiro formado no Instituto de Tecnologia de Massachussets (MIT), nos Estados Unidos: o engenheiro Atahualpa Guimarães" (Ferreira, 1991:62)<sup>18</sup>.*

A Divisão de Ensino era fundamental para o SENAI, pois responsabilizava-se por fazer funcionar os cursos oferecidos pela instituição, com tudo o que de complexo essa tarefa exigia, desde o planejamento de móveis e das instalações escolares até as diretrizes didático-pedagógicas. O "como ensinar" estava estabelecido a partir das experiências anteriores de Roberto Mange, que havia comprovado as vantagens de uma instrução racional e metódica. Mas "o que ensinar" deveria ser determinado pela Divisão de Ensino, de acordo com a

---

<sup>18</sup> Entrevista ao Projeto Memória, SENAI-SP, 1991.



demanda da mão-de-obra industrial, levantada nesses tempos pioneiros pelo Serviço de Cadastro e Controle.

O desafio de responder com agilidade à demanda de mão-de-obra para a indústria impunha ao SENAI um ritmo acelerado em sua organização e obrigava os profissionais de ensino, tanto de teoria como de prática, a se prepararem para suas funções com rapidez, compatibilizando conhecimentos teóricos e práticos, como lembra o professor Cleobis Francisco Tolentino, admitido no SENAI em 1944:

*"Nós tínhamos, como professores novatos, recém-saídos das Escolas Normais do Estado, uma preocupação muito grande com relação à oficina, porque nós não conhecíamos nada. E nós fomos freqüentar as oficinas de aprendizagem. Esse contato é que nos facilitou o domínio da terminologia técnica que nós tínhamos que usar em sala de aula, porque era essa a terminologia que os alunos usavam quando conversavam conosco. Além disso, quando as escolas entravam em férias em dezembro, nós íamos para a sede do SENAI, na Rua Boa Vista, e, lá, nos encarregávamos de organizar fichas patrimoniais das escolas. Dessa forma, verificando os nomes das fichas de ferramentas e equipamentos, começamos a aprender essa nomenclatura, que era nova para todos nós, jovens de 21 anos naquela época" (Tolentino, 1991:89)<sup>19</sup>.*

Notamos que a organização do trabalho, o ritmo empregado na formação da mão de obra, o currículo utilizado, bem como o perfil de trabalhador desejado e a disciplina empregada pela escola SENAI, eram regamente definidos a partir das necessidades que apresentava a indústria.

Na Divisão de Ensino, quem planejava os cursos e elaborava as diretrizes e o material necessário para o desenvolvimento das aulas

---

<sup>19</sup> Entrevista ao Projeto Memória, SENAI-SP, 1991.

teóricas e práticas eram os orientadores de cursos. Havia também os orientadores de disciplina, que tinham ao seu encargo a:

*"(...) organização de programas das aulas de cultura geral e técnica, nos limites estabelecidos pelos orientadores de curso; a orientação dos professores e a sugestão dos métodos mais aconselháveis para a aplicação desses programas; a indicação do material didático indispensável à objetivação das aulas e ainda a organização e aplicação das provas de exame e exercícios para a verificação da eficiência do aprendizado em função do que foi visto no período"* (Ferreira, 1990:76)<sup>20</sup>.

Observa-se nesta citação que o professor não tinha liberdade de escolher os métodos pedagógicos mais interessantes, ou que julgava que fossem ao encontro das necessidades do alunado, além de serem submetidos aos orientadores de cursos e disciplina que faziam sugestões e alterações para aplicação. Observa-se que a falta de autonomia era vivida como parte integrante do sistema de ensino SENAI, sendo que desde a escolha do conteúdo programático até a forma de ministrá-lo em aula era previamente verificado por outros que não o professor. Esse personagem também era submetido à disciplina e regras da instituição, da mesma forma que o aluno. Ambos viam o SENAI como uma grande oportunidade de carreira promissora no mercado de trabalho. Com isso tinha-se garantida a tradição e a transmissão de idéias que garantiam a permanência do aluno e do professor na instituição.

No início de 1946, Roberto Mange afirmou ser imprescindível conhecer o aluno típico do SENAI para fundamentar o planejamento pedagógico e, para tal, foi encarregado Antonio D'Ávila, que realizou um estudo sobre o aluno nos três ambientes em que ele se movimentava:

---

<sup>20</sup> Entrevista ao Projeto Memória, SENAI-SP, 1990.

família, escola e fábrica. D'Ávila visitou 61 fábricas e oficinas da Capital, procurando de preferência as de maior densidade de alunos ou mais características para o objetivo em vista. Ali foram entrevistados industriais, gerentes, mestres e alunos. Nessa fase de pesquisa, pode ser percebido o:

*"(...) relativo, e por vezes, total desconhecimento da obra concreta que o SENAI realiza para a indústria, com importantes e reais benefícios para aprendizes adolescentes, do que resultou uma série de medidas que foram sugeridas, permitindo coordenação de vistas e esforços entre a indústria e o SENAI" (D'Ávila, 1946:29)<sup>21</sup>.*

Fica cada vez mais evidente a estrutura de disciplina rígida imposta pelo SENAI e a valorização hierárquica. A liberdade de atuação e a criticidade não eram consideradas características fundamentais.

A segunda fase da pesquisa realizada pelo SENAI procurou conhecer o aluno em seu ambiente de origem. Foram realizadas: "(...) visitas às famílias dos alunos, residentes em pontos extremos da Capital e em habitações de vários tipos, especialmente do tipo coletivo, as quais foram estudadas em grande número" (Relatório SENAI-SP, 1944:54).

Foram entrevistados pais de alunos, outros moradores do bairro (de quem se colheu opinião sobre ensino profissional) e autoridades locais; *afirma:*

*"De tudo feito, concluiu-se estar a família geralmente satisfeita com a escola, professores e ensino, dando grande apreço aos serviços do médico, dentista e alimentação, bem como, com os realizados pela orientação moral e social dos filhos" (Relatório SENAI-SP, 1944:54).*

---

<sup>21</sup> Entrevista ao Projeto Memória, SENAI-SP, 1946.

Para uma população excluída do sistema de ensino e de condições adequadas de saúde, não é de se admirar que as famílias ficassem felizes de saber que seus filhos teriam esses benefícios e certas de que a educação moral e social que receberiam na instituição seria “melhor” do que aquela que a família poderia lhe oferecer.

Finalmente, estudou-se o ambiente escolar, entrevistando-se alunos, professores, instrutores, assistentes e diretores.

*"De todo o trabalho realizado, tornou-se possível caracterizar a situação atual do ensino, que pode ser aperfeiçoada. Sugeriu-se, por exemplo, ensino mais ativo, com maior contribuição dos professores e dos alunos, sob o ponto de vista individual e social, e ainda: estudo dirigido; experiências didáticas; problemas diversos; material adequado e atividades socializada"* (D'Ávila, 1946:8).<sup>22</sup>

Aqui temos explicitado o olhar da sociedade para os alunos do SENAI – provenientes das camadas empobrecidas da população. Importante destacar que nesta citação encontramos claramente que esses meninos tinham em comum a pobreza e o fato de serem “ponto de convergência de influências deformativas de personalidade”. Isso denuncia o preconceito à condição de pobreza, que era sinônimo de inadequação, deseducação, trabalho braçal, maçante. Por outro lado, as classes mais favorecidas não viam o ingresso no SENAI como possibilidade para seus filhos, a menos que um deles fosse visto como portador de diminuições das faculdades intelectuais.

Temos, portanto, a partir das condições sociais a determinação de possibilidades e limites estabelecidos para seus membros. O que

---

<sup>22</sup> Entrevista ao Projeto Memória, SENAI-SP, 1946.

para os materialmente desfavorecidos era uma oportunidade única de garantir a sobrevivência e conquistar a cidadania, para os mais privilegiados na sociedade isto sequer era pensado. Para os filhos das camadas médias e altas era esperado, almejado, outro trajeto, como o ingresso no ensino médio que os preparassem para ingressar em universidades e com isso reservariam as melhores posições sociais para eles, principalmente nas melhores empresas do país.

As informações obtidas nas três fases de estudo permitiram a D'Ávila traçar o perfil do

*"aluno SENAI, isto é, seu retrato psicológico. À luz de vários aspectos foi considerado como adolescente comum, porém, ponto de convergência de influências deformativas da personalidade: falta de assistência familiar, trabalho desinteressante, má habitação e alimentação, ambientes inadequados, convívio demorado com adultos deseducados, precocidade de responsabilidades, etc" (D'Ávila, 1946: 10)<sup>23</sup>.*

Tem aqui a forte idéia de que o indivíduo deve se adequar, ajustar-se à família, à corporação. Ao aluno cabe assimilar idéias, valores, conceitos e a se submeter à ordem vigente atuando como mantenedor das instituições sociais.

Nesse mesmo ano, o chefe do Serviço Social do SENAI-SP, Francisco de Paula Ferreira, publicou uma comunicação que já incorporava os resultados da pesquisa, permitindo, de certa forma, a elaboração teórica da experiência da instituição:

*"(...) a escola não é apenas auxiliar íntima da família, mas o é também do trabalho, pois lhe cabe não só preparar os indivíduos para viver em sociedade, de um modo genérico,*

---

<sup>23</sup> Entrevista ao Projeto Memória, SENAI-SP, 1946.

*como lhe cumpre o dever de armar devidamente o educando, o aprendiz, se quisermos, para a situação de trabalhador com que se deverá defrontar amanhã. Assim, as escolas que se propõem subministrar aprendizagem de ofício como que recebem um mandato da Família e da Corporação" (Ferreira, 1990:4)<sup>24</sup>.*

As famílias das classes populares acreditavam que a instituição SENAI era uma benção, pois educaria os seus filhos de maneira mais aprimorada e eficiente do que ela própria conseguiria.

Quanto aos métodos de ensino, buscava-se a educação integral:

*"(...) incentivava a utilização de todos os processos pedagógicos recomendáveis para tornar a escola ativa e interessante" e que levassem "o aluno a pensar e resolver, por si, os problemas de sua vida real". Dessa forma, tanto as matérias teóricas como as práticas tinham objetivos gerais bem definidos: "em português, procura-se ensinar o educando a falar com desembaraço e correção, através de exercícios de linguagem oral e escrita, em que são tratados assuntos de sua vida social e profissional; na matemática, busca-se desenvolver o raciocínio por meio de problemas reais do seu ofício e de acordo com seu adiantamento; em ciências, visa-se fazer o aluno conhecer os fenômenos materiais da natureza, despertando-lhe o interesse por meio de observações e experiências nas aulas e exame das matérias-primas de uso industrial (...). As aulas de tecnologia versam sobre materiais utilizados no ofício, seu processo de obtenção e industrialização, bem como sobre os problemas (cálculos) relativos às máquinas empregadas no processo de transformação desses materiais em utilidades; são ainda descritas as ferramentas de trabalho utilizadas em cada ofício, procurando-se mostrar a razão de ser dos seus feitos, ângulos de corte, qualidades, resistências, etc. (...). O ensino do desenho não visa a formação do desenhista, o que induziria o aluno a abandonar o seu ofício. Suas finalidades, são principalmente, dar aos alunos os conhecimentos essenciais, a fim de possibilitar o traçado do esboço de peças simples e a prática de leitura do desenho, de modo a permitir que o aluno compreenda sua peça de trabalho" (Relatório SENAI-SP, 1946:76, os grifos não constam do original).*

---

<sup>24</sup> Entrevista ao Projeto Memória, SENAI-SP, 1990.

Mesmo sendo por definição uma agência de formação de mão-de-obra, o SENAI acabou incorporando em sua ação educativa alguns princípios característicos da Escola Nova, para alcançar não só uma aprendizagem satisfatória, mas também fornecer uma educação integral ao indivíduo:

*"As diretrizes educacionais do SENAI foram fixadas por Dr. Mange. (...). No começo, ele tentava fazer do operário um profissional que manejasse bem as ferramentas, que aprendesse pela série metódica. (...). Depois, a filosofia dele evoluiu, evoluiu muito para um sentido humanista. Ele pensou em formar o homem, que devia ser um profissional, mas sobretudo, "um homem". (...). Essa filosofia foi-se instalando a partir do fim da guerra, mais ou menos, quando terminaram as exigências de natureza muito técnica. Ele, pouco a pouco, foi mudando. Não foi uma mudança com desprezo da parte anterior; foi um acréscimo que ele fez à própria filosofia. Era o cidadão, era o homem integral, como ele chamava" (Santos, 1990:37)<sup>25</sup>.*

Pode-se pensar que tipo de ser humano se tinha como idealizado? Havia diferenças entre o que as outras classes sociais queriam para seus filhos e o que os desfavorecidos poderiam limitar-se a desejar para os seus? Como Mange pensava em formar um ser humano com alunos provenientes de classes desfavorecidas? Parece que dando a oportunidade a eles de se constituírem operários, ou seja, realizando a prescrição social para sua classe social, que era, eminentemente, discriminatória e própria de uma ideologia classista.

Essa formação do cidadão, em que cada homem seja colocado da forma mais eficiente, tendo em vista sua aptidão e suas qualidades, era a meta de Mange; afirma Palmiro:

---

<sup>25</sup> Entrevista ao Projeto Memória, SENAI-SP, 1990.

*"(...) acima de tudo, o caráter. De nada vale um homem sem caráter. Por isso o Dr. Mange queria uma educação integral. Então ele dizia também: Trabalho e dever; trabalho e honestidade; formação do caráter. E, além de tudo isso, dar ajuda física, assistência médica, odontológica, social. Tudo o que pudesse dar. (...). Ele achava, principalmente, que tinha de desenvolver o espírito cívico. Mange colocava como objetivo criar um cidadão com capacitação técnica para ser útil à comunidade; alguém que não esquecesse que tinha deveres para com a comunidade que o ensinou. A formação profissional não era só para proporcionar uma profissão, para ganhar dinheiro, para sobreviver. O aluno não podia esquecer que estava inserido num contexto social perante o qual também tinha obrigações. (...) É o que ele denominava ensino integral que, basicamente, é a tal cultura humanista de que nós falamos. É aquela que trata não só da parte exclusivamente técnica, mas considera também um contexto social. Uma educação para a vida em sociedade" (1990:152, os grifos não constam do original)<sup>26</sup>*

Como era entendida essa questão? A constituição de uma conduta moral? Dá para refletirmos a respeito da disciplina rigorosa que o SENAI implantou em suas unidades escolares visando a priori o desenvolvimento do indivíduo, obediente e que nutre um profundo sentimento de gratidão para com a instituição que lhe conferiu uma localização social definida, uma importância dentro do tecido social, atribuindo-lhes uma identidade de direitos.

A partir da incorporação do conceito de "escola para o aluno", a organização física da escola SENAI procurou atender às necessidades da educação integral. No sentido não somente dar ao aluno os conhecimentos necessários ao exercício da profissão, mas princípios de moralidade, sociabilidade e cidadania.

---

<sup>26</sup> Entrevista ao Projeto Memória, SENAI-SP, 1990.



Ainda hoje, cada detalhe é pensado de modo que ocupe o espaço da maneira mais adequada, para que, vivendo ali, o aluno possa desenvolver o sentimento de pertencer à instituição, sentindo-se protegido e participante. Esse sentimento de pertencer a instituição, protegido e participante, lhe oferece material indispensável, chave, para a constituição de identidades sociais e políticas.

Esse sentimento de pertencer à instituição mostra como a questão da política de identidade envolve um conflito entre autonomia (discurso intragrupo) e heteronomia (discurso exogrupo, também chamada de paternalista, assistencialista e colonizadora). Essa forma, contribui para retirar a legitimidade de qualquer ação ou discurso autônomo do intragrupo, bem como proclamar a necessidade de um controle externo e admitir como legítima a heteronomia decorrente da ação e do discurso daqueles que estão fora do grupo (Ciampa, 2003).

Para Ciampa *“a psicologia das massas, ao postular a priori a malignidade da massa e proclamar a necessidade de um poder que a mantenha sob controle, torna-se instrumento da corrupção totalitária”* (2003:14). O autor deixa claro que os horrores de hoje que ameaçam o nosso mundo não são produzidos pelas massas, mas por tudo aquilo e por todos aqueles que se servem das massas, depois de terem-nas engendrado. Estes que se servem das massas seriam como “engenheiros de almas”. Ao discutirem sobre a técnica de domínio de massa, deixam claro que esta é um produto social e que as condições que permitem a sua manipulação estão socialmente condicionadas, pois pressupõem a atomização, a alienação e a impotência individual (2003).

Dessa forma, fica claro que a prioridade sistêmica compreende incrementar a opressão e a exploração, aumentando significativamente a colonização do mundo da vida, por meio de uma ação ideológica que afirma ser a busca de sentido uma questão sem sentido, pois tudo passa a ser uma questão de eficiência. Entende Ciampa que *“a freqüente contradição nas sociedades contemporâneas entre igualdade formal de direito e a desigualdade social de fato pode nos levar à descrença em soluções não violentas e não arbitrárias de conflitos de interesse e a considerar que a única opção é a renúncia à razão em geral”* (2003:2)

No Relatório de Atividades de 1945, Mange acrescentava às suas reflexões um novo conceito:

*“(...) se conjugarmos o preceito de ordem educativa e social, que fundamenta parte da atividade do SENAI, com o aspecto técnico profissional da obra que lhe compete promover, teremos realizado o que poderá ser denominado de educação integral (...). Atentemos, por exemplo, para o caso do aprendiz de nossas escolas: se bem que menor, ele não deixa de ser um pequeno operário relativamente independente, que se comporta dentro da fábrica como o homem que produz e ganha o seu salário. (...) Por isso mesmo, o aluno das escolas SENAI é completamente diferente daquele que freqüenta as demais escolas industriais e secundárias. (...) Tanto se salienta a personalidade definida do aprendiz na fábrica, como na família à qual presta a sua ajuda (...). Este tríplice aspecto de aluno, operário e membro pertencente de uma certa sociedade deve ser cuidadosamente considerado para que se tenha uma idéia real do tipo de aluno que freqüenta as Escolas SENAI”.* (Relatório SENAI-SP, 1945:64).

O SENAI não se compromete em educar para pensar ou criar possibilidades de seus alunos ocuparem outras posições sociais. Propõe-se como instituição de ensino profissionalizante a tornar

excelente, em termos pedagógicos, técnicos, de trabalho, a posição de operário.

A glorificação do trabalho levada a extremos, evidentemente não é uma criação original do SENAI; faz parte do ideário nascido no contexto histórico do Estado Moderno, nos países com organização capitalista assentada no trabalho assalariado e livre, pelo menos formalmente.

Um sujeito individual ou um grupo propõe um objetivo e escolhe os meios apropriados para realizá-lo. O sucesso da ação consiste em provocar no mundo um estado de coisas que corresponda ao objetivo proposto. Na medida em que tal sucesso depende do comportamento de outro sujeito, deve o sujeito ter à sua disposição meios que induzam no outro o comportamento desejado. É esta capacidade de disposição sobre os meios que permitem influenciar a vontade de outrem que podemos chamar de poder. Hanna Arendt (2002), reserva para tal caso o conceito de violência, porque o sujeito de ações instrumentais, interessado exclusivamente no êxito de sua ação, deve dispor de meios graças aos quais pode forçar um sujeito com, capacidade decisória, seja pela ameaça de sanções, seja pela persuasão, seja para uma manipulação hábil das alternativas de ação. Para a autora em questão o poder significa aquela probabilidade de realizar a própria vontade, dentro de uma relação social, mesmo em face de resistência.

A única alternativa à compulsão é o entendimento voluntário dos participantes entre si. O modelo teleológico da ação, entretanto, apenas considera atores orientados para o próprio sucesso e não para o entendimento mútuo. Somente admite processos de entendimento

mútuo na medida em que os participantes os vêem como funcionalmente necessários ao próprio sucesso. Mas tal entendimento, baseado de forma unilateral sob a reserva da instrumentalização para o próprio êxito, não pode ser levado a sério: não preenche as condições de um consenso alcançado de forma não coercitiva.

Ao falarmos de ação coercitiva é importante situarmos a questão do poder que em se tratando de instituição, Estado ou ideologia veicula a idéia de que o que deve ser realizado é o interesse coletivo, com objetivos coletivos. Em uma sociedade, ou mesmo em um mundo capitalista de forma hegemônica essa idéia passa a traduzir, segundo essa organização, realizações que assegurem o acúmulo de capital.

Esse conjunto de representações permeou a maioria das propostas por uma educação liberal, no final do século XIX, na Europa. Roberto Mange, suíço, calvinista, foi um dos portadores dessa bagagem ideológica para a discussão dos educadores brasileiros. As idéias do "*dever profissional*" e do acesso à cidadania por meio de uma identidade profissional, ficaram impressas nas práticas educacionais do SENAI. Nesse contexto a idéia de dever está comprometida com as necessidades de reconhecimento social e com as necessidades de mercado. No entanto, a questão do dever pode ser pensada como legítima, se levarmos em conta a expansão da consciência crítica do aluno para possibilitá-lo pensar seu mundo, sua sociedade, sua vida e buscar localizar as contradições que seu contexto contempla. Os dados coletados mostram que não era essa a intenção da instituição SENAI, a formação integral visando esse objetivo, mas inserir uma parcela da sociedade desprovida de bens, de condições precárias de vida, no mercado de trabalho ocupando posições importantes para o sistema

econômico e garantindo assim a continuidade do processo de produção capitalista.

Assim, o que pudemos constatar até aqui é que de forma análoga à escola comum, a instituição SENAI desempenhou um papel contraditório; se, por um lado, atendeu às necessidades da sociedade industrial capitalista que emergia, por outro, correspondeu aos anseios da classe dominada.

Para que possamos ter uma melhor compreensão, podemos tomar como exemplo o ingresso de Luiz Inácio Lula da Silva para a política. Embora a fábrica tenha sido sua primeira porta de entrada, sua relação com a direção da empresa não foi do começo ao fim amistosa, e nem tampouco estava só. Quando o irmão, José Ferreira da Silva, o “Frei Chico”, soldador e militante do Partido Comunista, o convidou para participar do movimento sindical, o futuro líder metalúrgico tinha 23 anos e pouquíssimo interesse pelos destinos da categoria: “O negócio dele era jogar pelada e namorar. Ele dizia: O que é que eu vou fazer no sindicato? Lá só tem ladrão e comunista”, lembra Frei Chico. Em 1968, Lula cedeu à pressão e ingressou no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo como suplente de secretário. Em 1975 foi eleito presidente da entidade e, em 1978, reconduzido ao cargo com 98% dos votos.

Para entender essa rápida ascensão, é preciso conhecer a história de vida de Lula. Um migrante pobre, do sertão nordestino, com formação em Tornearia Mecânica no SENAI, entra para o Sindicato dos Metalúrgicos, funda o Partido dos Trabalhadores e consegue projeção

no cenário nacional e internacional. Ninguém duvida de que entre suas qualidades está a extraordinária capacidade de conciliar diferenças, dono de uma personalidade forte, ótima habilidade na articulação das idéias e facilidade para expô-las, consegue chamar atenção e persuadir as pessoas a lutarem para uma causa em comum. Certamente a sobrevivência e a força atual do partido que lidera, o PT, é uma das provas dessa habilidade.

Verificamos que a emergência de contradição entre as qualidades valorizadas pelo SENAI e a constituição da identidade de Lula, como sindicalista e cidadão, foi possível a partir de sua história de vida, incluindo a passagem pelo SENAI, no Curso de Torneiro Mecânico. Essa contradição auxiliou Lula, que, conforme sua declaração, via-se como excluído da sociedade, sem direitos, e que ao ingressar no SENAI passou a perceber que ele era alguém, que tinha direito à comida boa e quente, a horário de descanso e a freqüentar lugar limpo. As transformações que essa vivência desencadearam em Lula acabaram por conduzi-lo a postos representativos de sua categoria e hoje de comando nacional. Essa trajetória torna viva a possibilidade de alcançarmos a autonomia na constituição de nossas identidades, mesmo que isso se apresente como possibilidade, que somente poderá realizar-se a partir de conscientização e reflexão de sua posição social, das contradições a que estamos sujeitos, do desenvolvimento do pensar crítico, fruto da exposição ao diferente.

## **CAPÍTULO II MÉTODO**

### **2.1- TEORIA DO MÉTODO**

Esta pesquisa tem como objetivo compreender a contribuição do SENAI na constituição da identidade de seus alunos egressos. A modalidade de pesquisa adotada é qualitativa, pois permite a apreensão dos dados de forma processual, o que é necessário para estudos dessa natureza.

A pesquisa qualitativa apresenta como possibilidade um caminho científico comprometido com a elucidação de relações e significados estabelecidos pelos sujeitos. A subjetividade implicada na pesquisa é de importância fundamental para desvelar os significados atribuídos pelos sujeitos ao SENAI e, com isso, compreender a influência da experiência vivida nos anos que permaneceram na instituição.

Os estudos qualitativos têm, em geral, enfoque na compreensão e na interpretação à luz dos significados dos próprios sujeitos e de outras referências afins da literatura. A interação entre pesquisador e pesquisado é fundamental e deve instalar uma ambiência de confiança e tranquilidade para ambos. Essa modalidade de pesquisa oferece maior liberdade teórico-metodológica para à realização do estudo como fundamento teórico-metodológico básico a compreensão de que o ser humano constitui-se em processo contínuo, dinâmico e interativo com sua realidade histórico-social, de condição complexa,

concreta e contraditória e está em permanente movimento e transformação, mas é passível de cognição, embora se apresente como uma totalidade velada. (Minayo, 2000).

Essa modalidade de pesquisa pode ser caracterizada pela exigência de contextualização histórica e social como parte inseparável das condições de pesquisa, possibilitando uma maior elucidação dos dados coletados. Permite grande variedade de procedimentos e instrumentos de coleta de dados.

## **2.2- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Seguem adiante os critérios para seleção dos sujeitos, procedimentos para coleta e posterior análise dos dados e interpretação.

## **2.3- A ESCOLHA DOS PARTICIPANTES**

Tendo como objetivo compreender a influência do SENAI na constituição da identidade de seus egressos, tendo como foco aqueles que se tornaram instrutores da instituição, entendemos que as informações oferecidas pelos entrevistados seriam indispensáveis para



compormos um panorama de como a instituição é vista por eles, que atribuições fazem a ela e quais são seus posicionamentos atuais em relação a essa escola.

Os sujeitos, da pesquisa são ou foram instrutores da escola Hermenegildo Campos de Almeida. A escolha deveu-se ao fato de que, tendo sido aluno dessa escola, mantenho relações com vários funcionários e instrutores, o que permitiu o acesso aos sujeitos que tivessem as características definidas pela pesquisa. Assim, o critério básico na escolha dos participantes da pesquisa baseou-se no fato de serem eles ex-alunos do Sistema SENAI e que foram incorporados posteriormente como instrutores da escola. Após o contato estabelecido com a unidade escolar, os sujeitos foram indicados pela secretaria da escola e pelos respectivos gerentes de áreas.

## **2.4- PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS**

Com as indicações feitas pela escola, entramos em contato com os sujeitos e marcamos um encontro, em que pudéssemos conversar no local e horário de maior conforto para os entrevistados. Todos eles escolheram as salas de aula do SENAI, que estavam desocupadas em determinado dia e horário, para a realização das entrevistas.

Foram utilizados dois gravadores, por segurança de ordem técnica e para garantir que não perdêssemos parte das narrativas por ocasião da troca de fitas. Os entrevistados foram consultados sobre esse procedimento e não levantaram nenhuma objeção a respeito deste.

Os instrumentos utilizados nesta pesquisa são *análise documental* e *coleta de narrativas de histórias de vida*, por meio de entrevistas não-estruturadas. Como etapas de desenvolvimento do estudo teremos: 1) Análise documental; 2) narrativas de histórias de vida, por meio de entrevistas não-estruturadas; 3) organização e sistematização dos dados; 4) análise e discussão dos dados obtidos.

A ***análise documental*** tem por objetivo identificar as diretrizes propostas pelo SENAI. O material analisado foram relatórios anuais publicados pela instituição, que forneceram informações sobre seus pressupostos norteadores, como concebe os alunos, as famílias e o que pretendem oferecer como formação ao alunado (exposto no capítulo anterior).

Partimos inicialmente da descrição do acervo documental, identificando e classificando os dados relevantes que antecedem o período da pesquisa, bem como no que o precedeu, para que pudéssemos compreender o processo de implementação dos cursos vocacionais no período proposto Bauer Gaskell, 2002).

Utilizamos ***entrevistas não-estruturadas***, que pudessem trazer narrativas de história de vida. As narrativas são inúmeras e nós as encontramos em todo lugar. Parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar histórias, é uma forma elementar de comunicação humana, que permite apreender a subjetividade do sujeito a partir de seu próprio discurso. A narração reconstrói ações e contexto, mostrando o lugar, o tempo, a motivação e

as orientações do sistema simbólico do narrador (Bauer & Gaskell, 2002). Ainda, segundo os autores citados:

*“Contar histórias implica duas dimensões: a dimensão cronológica, referente à narrativa como uma seqüência de episódios, e a não cronológica, que implica a construção de um todo a partir de um ‘enredo’. O ‘enredo’ é crucial para a constituição de uma estrutura de narrativa. É através do enredo que as unidades individuais (ou pequenas histórias dentro de uma história maior adquirem sentido na narrativa. (...). A narrativa não é apenas uma listagem de acontecimentos, mas uma tentativa de ligá-los, tanto no tempo, como no sentido. (...). É o enredo que dá coerência e sentido à narrativa, bem como fornece o contexto em que nós entendemos cada um dos acontecimentos, atores, descrições, objetivos, moralidade e relações que geralmente constituem a história.” (p.92).*

A idéia básica da entrevista narrativa é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quanto possível. O pressuposto subjacente é que a perspectiva do entrevistado se revela nas histórias em que o informante usa sua própria linguagem espontaneamente na narração dos acontecimentos. Sua estrutura segue um esquema autogerador.

## **2.5- PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS**

Na análise e interpretação dos dados buscamos compreender a influência do SENAI na constituição da identidade de instrutores que foram alunos do SENAI, articulando teoria e processualidade. Os dados obtidos nas narrativas de história de vida foram organizados, analisados e interpretados em categorias temáticas, articuladas com o quadro teórico-metodológico que lhes dá sustentação.

A opção em organizar os dados empíricos em categorias se fez porque, segundo Minayo (2000), a categoria empírica nos dá condições de apreender as determinações e particularidades que se manifestam na realidade empírica, as quais, ao serem interpretadas com base nas categorias analíticas do quadro teórico, possibilitam desvelar contradições.

Alguns dados coletados foram organizados em dois quadros, tais como caracterização dos sujeitos e significado e sentido do SENAI na vida dos sujeitos. Posteriormente, foi feita uma análise interpretativa dos dados aqui reunidos, visando delinear o perfil do grupo pesquisado, além de fazer algumas inferências sobre a constituição de suas identidades e a importância atribuída à instituição SENAI em suas vidas. Outros desses dados foram organizados em categorias, buscando interpretar o significado da mensagem de um discurso. De modo geral, essa técnica é usada para interpretar os dados resultantes das indagações feitas mediante instrumentos que privilegiam questões abertas e a utilização de entrevistas para a coleta de dados e informações.

As mensagens expressas nas entrevistas foram lidas, relidas, refletidas e organizadas em torno de temáticas significativas, que

possibilitaram identificar categorias de análise, que nos possibilitaram interpretar e re-interpretar nossa problemática. Nessa análise categorial, construímos cinco categorias: *família; trabalho; escolarização; trabalho como instrutor do SENAI; significado e sentido do SENAI na vida do sujeito*. Esses temas se mostraram-se recorrentes nas narrativas e foram, durante o processo de análise, essenciais para explicitar a influência do SENAI na constituição da identidade dos entrevistados. No processo de análise e síntese desses dados ainda apreendemos indícios que revelaram o sentido que os entrevistados atribuíram à instituição, os sentimentos que desenvolveram e nutrem em relação a esta e se os caminhos que estão trilhando podem se constituir em possibilidades emancipatórias.

Assim, a análise dos dados obtidos não se restringiu a uma simples descrição factual, mas a uma interpretação que levou a um processo de síntese, que explicitou como os entrevistados construíram e vivem suas profissões em diversos contextos. Essa síntese possibilitou apreendermos o movimento do processo de constituição de identidades dos sujeitos, daí prosseguirmos nossa investigação com o propósito de desvelar o movimento que descreve e explica o processo de se tornar profissional.

Depois de sistematizados os dados e submetidos à diferentes formas de tratamento, tais como organização textual e montagem de quadro comparativo, procedemos à sua interpretação, buscando expressar o significado do material investigado e analisado em relação aos objetivos estabelecidos pela pesquisa.

A interpretação procura atribuir um significado mais amplo às respostas, vinculando-as a outros conhecimentos. Ela pressupõe a exposição do significado do material apresentado em relação aos objetivos propostos e ao tema. Envolve a ligação com a teoria que sustentou a pesquisa.

## **CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS**

### **3.1- Apresentação dos Sujeitos**

Dos entrevistados desta pesquisa somente um é aposentado como instrutor do SENAI, os demais ainda exercem essa função na instituição. A totalidade dos entrevistados é proveniente de famílias pobres e teve influência de alguém próximo que pertenceu a essa escola. Somente um dos entrevistados frequentou escola particular ou privada, sendo que os demais estudaram em escolas públicas. A maioria deles teve seus filhos encaminhados ao SENAI. Quanto à origem e família de origem verificou-se que são de São Paulo, Municípios da Grande São Paulo, interior de São Paulo e interior de outros estados. Considerando a amostragem dos entrevistados, verifica-se que 87% deles trabalharam precocemente para completar a renda familiar.

Segue abaixo a apresentação de cada um dos sujeitos, contendo dados básicos para que o leitor possa compreender suas características gerais.

### 3.2- Caracterização geral dos sujeitos

**Sujeito A**<sup>27</sup>, 62 anos<sup>28</sup>, descende de espanhóis por parte de pai e de italianos por parte de mãe. Nascido em [interior de São Paulo], teve sua infância e parte da adolescência vivida no interior de São Paulo.

Estudou o antigo primário em escola pública; no período noturno estudou admissão para ingressar no ginásio, por precisar trabalhar para ajudar no orçamento familiar. Aos 11 anos de idade, incentivado pelo pai, matriculou-se no curso por correspondência em Eletrônica, Rádio e Televisão. Aos 14 anos de idade, fez o Curso de Eletricidade na Escola Industrial [nome da escola]. Formou-se, posteriormente, em Pedagogia.

Com a conclusão do primário, fez o ginásio numa escola pública Industrial. A 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. séries eram básicas, passou pelas fases iniciais dos diferentes cursos que a escola oferecia, no entanto, nas 3<sup>a</sup>. e 4<sup>a</sup>. séries optou pelo o curso de Manutenção Elétrica. Embora não tenha sido aluno do SENAI, sua entrevista foi incluída, pois a maioria dos entrevistados faz referência a sua pessoa como instrutor e gerente.

Oriundo de uma família pobre, carente de muitos recursos e com dificuldades de subsistência, começou a trabalhar aos seis anos de idade, vendendo verduras, doces, salgados, entre outras coisas. Aos nove anos acompanhava o pai em seu trabalho de instalação elétrica.

---

<sup>27</sup> Nomes de pessoas, localidades e empresas serão omitidos ou substituídos por letras.

<sup>28</sup> A idade apresentada na pesquisa é aquela que o sujeito tinha no momento em que forneceu a entrevista.



Casou-se, teve três filhos, duas filhas, ambas com curso superior e um filho que faz curso técnico.

**Sujeito B**, 32 anos, descendente de italianos, nasceu num município da Grande São Paulo. Seus avós paternos vieram da região nordeste, fixaram-se nessa cidade, na qual construíram suas histórias de vida.

Teve seus estudos iniciais em uma pré-escola privada, em seguida estudou da 1<sup>a</sup>. à 5<sup>a</sup>. série do Ensino Fundamental também em uma escola privada confessional, e da 6<sup>a</sup>. à 8<sup>a</sup>. série estudou em escola pública estadual. Posteriormente, concluiu o curso de técnico em eletrônica no SENAI. Atualmente, estuda eletrônica em faculdade pública.

Com o desejo de ter uma profissão, o entrevistado decidiu estudar eletrônica e, assim, matriculou-se numa escola técnica privada. Com a conclusão do curso e pela necessidade de mais conhecimentos fez sua matrícula no curso de Mecânica e Mecatrônica, numa das Escolas SENAI da Grande São Paulo.

Começou a trabalhar quando o pai ficou desempregado. Assim, para ajudar no orçamento familiar, conseguiu aulas particulares de reforço em matemática no período noturno.

Com a vida um pouco mais estabilizada, decidiu casar e dessa união nasceu seu filho, que está com 4 anos.

**Sujeito C**, 48 anos, descendente de portugueses. Nasceu em São Paulo, seus pais vieram do interior de Minas Gerais.

Estudou o primário, admissão, ginásio e colégio em escola pública estadual. Formou-se, posteriormente, em Pedagogia.

Por pertencer a uma família pobre e com muitas dificuldades, começou a trabalhar muito cedo, como servente de pedreiro; ajudava o pai que era motorista de ônibus e nas horas de folga trabalhava como pedreiro para complementar a renda familiar. Aos 13 anos conseguiu trabalho como frentista em um posto de gasolina.

Aos 14 anos entrou para o SENAI para fazer o curso de Tornearia Mecânica.

Depois de quatro anos de namoro decidiu-se casar; dessa união nasceram dois filhos, sendo que o mais velho fez curso de Mecânica Geral no SENAI e atualmente está estudando engenharia e o filho mais novo, seguindo os passos do irmão, também fez o curso Técnico em Mecânica, sendo que ambos hoje trabalham em atividades de mecânica geral.

**Sujeito D**, 31 anos, filho de nordestinos, nasceu e cresceu na cidade de São Paulo. Viveu sua infância em meio a outros garotos, filhos de descendentes de italianos e espanhóis. Afirma ter recebido forte influência de seus vizinhos.

Devido à necessidade de sua mãe trabalhar, dos sete meses de vida aos sete anos de idade estudou numa creche de freiras. Em seguida, estudou o Ensino Fundamental, Médio em escola pública. Formou-se, posteriormente, em Tecnologia.

Mesmo diante de dificuldades financeiras e de ter os pais analfabetos, o entrevistado recebeu todo apoio e incentivo familiar para continuar os estudos e trabalhar somente depois que obtivesse uma profissão.

Como havia sido incentivado por tios e amigos que fizeram curso no SENAI, obteve aprovação no exame seletivo para o curso de Eletricista de Manutenção; com isso, solicitou sua transferência para concluir o Ensino Fundamental no período noturno.

Casado há 4 anos, não possui filhos, mas pretende tê-los tão logo a esposa conclua o curso superior.

**Sujeito E**, 42 anos, descendente de italianos, nascido no interior de Minas Gerais, na zona rural, passou ali com pais e irmãos sua infância e parte de sua adolescência.

Seus estudos começaram aos 7 anos de idade, em uma pequena escola pública, na qual havia somente o 1º ano primário básico e o adiantado e tinha que caminhar mais de 6 km para ir à escola. Do 2º. ao 4º. ano primário foi para outra escola pública. Com a conclusão do primário, tinha que se deslocar até a cidade para fazer a 1ª. série do ginásio. Concluiu o ginásio, colegial em escola pública. Atualmente, estuda engenharia elétrica.

O sujeito pertence a uma família de origem muito pobre; o pai era lavrador e tinha um pequeno sítio; a mãe e os filhos o ajudavam no trabalho. Não havia luz elétrica e a falta de recursos era grande. Com o objetivo de melhorar as condições de vida, a convite da avó, mudaram para uma cidade da grande São Paulo.

Por interesse e incentivo da avó, passou no processo seletivo para o Curso de Eletricista de Manutenção numa Escola SENAI.

Seus pais, apesar de serem pessoas de pouca instrução, sempre se mostraram preocupados com a educação dos filhos, saúde e transmissão de valores. Assim, o sujeito e seus irmãos foram incentivados pelos pais a dar prioridade aos estudos.

Casou-se no ano de 1985 e tem um filho adotivo.

**Sujeito F**, 49 anos, descendente de italianos e espanhóis, nasceu no interior de Minas Gerais. Morava em um pequeno sítio com o pai, a mãe e mais sete irmãos, do qual tiravam a sobrevivência. Ali passou sua infância.

Por causa de uma crise financeira foram morar na cidade. O pai começou a trabalhar em várias atividades, com o objetivo de conseguir suprir as necessidades da família. Com o convite de parentes que residiam em São Paulo, decidiram mudar-se em busca de uma melhor condição de vida.

Os primeiros estudos foram realizados na escola pública que havia na zona rural, continuou na cidade, mas foi somente com a chegada em São Paulo, em 1967, que deu continuidade aos estudos, concluindo o primário, admissão e ginásio. Formou-se, posteriormente, em Física.

Sua infância foi marcada por muitas dificuldades financeiras, o que o levou desde cedo a procurar trabalhos diversos para ajudar no orçamento familiar; assim, vendia pipas, fazia carretos na feira, trabalhava em pequenas oficinas, entre outros.

Com o apoio e incentivo do pai, quando atingiu a idade de 13 anos prestou exame seletivo para o SENAI, ingressando no Curso de Eletricista de Manutenção, transferindo para o turno noturno a continuidade da 2<sup>a</sup>. série do ginásio.

É casado e tem uma filha.

**Sujeito G**, 42 anos, descendente de portugueses, nascido em São Paulo, onde passou parte de sua infância.

Foi incentivado a ingressar no SENAI por seus tios, que eram instrutores do SENAI, e de seu pai, que era instrutor do Curso de Eletricista de Manutenção, em duas escolas SENAI.

Fez o primário, ginásial e colegial em Escola Pública Estadual. Atualmente, cursa o superior em computação.

Orientado e incentivado pelo pai, priorizava os estudos, devendo trabalhar somente depois de ter conseguido uma profissão.

Aos 14 anos ingressou no SENAI para fazer o Curso de Reparador de Receptores de Rádio; não era sua área de interesse, mas optou por esse curso porque não queria ter aulas com seu pai, que na oportunidade era instrutor do Curso de Eletricista de Manutenção. No entanto, para atuar na área de Manutenção Elétrica, retornou ao SENAI para ter aulas com o pai no Curso de Comandos Elétricos.

Diz o entrevistado estar feliz e realizado no casamento. Teve três filhos homens, sendo que o primeiro fez o Curso de Eletricista de Manutenção, tendo-o como instrutor. O sujeito deixa claro que os outros dois filhos, quando estiverem em idade para o SENAI e desejarem fazer algum curso que atenda seus interesses, irá incentivá-los.

**Sujeito H**, 45 anos, descendente de italianos, nascido no interior de São Paulo. O pai trabalhou no SENAI como instrutor, aposentou-se como diretor; e devido às promoções recebidas pelo pai no SENAI, sua infância foi marcada por mudanças, morando em várias cidades da Grande São Paulo.

Fez o primário e o ginásial em três escolas públicas estaduais da cidade em que morava, na Grande São Paulo. Posteriormente cursou técnico em mecânica no SENAI e formou-se em engenharia mecânica.

Aos 15 anos entrou na Escola SENAI para fazer o Curso Técnico em Mecânica de máquinas e motores, despertando mais tarde o desejo de cursar Engenharia Mecânica.

Casou em 1988; tem um filho. Diz que se o filho demonstrar habilidades para cálculos e tiver interesse em estudar no SENAI, irá incentivá-lo da melhor forma possível.



**Sujeito I**, 47 anos, descendente de portugueses. Nascido em São Paulo, onde passou parte de sua infância; em 1964 a família foi residir num município da Grande São Paulo.

Estudou do 1º. ano primário ao colegial em escolas públicas, nessa cidade da Grande São Paulo. Posteriormente, formou-se em Pedagogia.

De família pobre, e mesmo diante de algumas dificuldades, o pai determinou que nenhum dos filhos trabalhasse antes de ter uma profissão.

Incentivado pelo pai e alguns amigos que estudavam no SENAI, prestou exame seletivo e conseguiu classificação para o Curso de Tornearia Mecânica, concluindo-o juntamente com o curso ginasial; matriculou-se no ensino médio em escola pública estadual no período noturno.

Com vida um pouco mais estabilizada, decidiu casar-se; dessa união nasceram dois filhos homens e uma mulher. Os três filhos fizeram curso no SENAI, inclusive a esposa.

### **3.3- Caracterização Específica dos Sujeitos**

Com base nos dados obtidos nas entrevistas, foram selecionadas as informações que permitem demonstrar a caracterização dos sujeitos, incluindo dados relativos à família (de origem e constituída); escolaridade, com destaque para o SENAI e trabalho. Seguem abaixo quadros sínteses dos referidos dados.

QUADRO 01

Sujeito e idade na época da entrevista	Família de Origem e Naturalidade	Família Constituída	Família e SENAI	Trabalho precoce	Escolarização antes do SENAI	Formação no SENAI	Escolarização pós SENAI (formação superior)	Trabalho	Função no SENAI
A 62 anos	italiana e espanhola nasceu no interior de SP	2 filhas (c/ curso superior)1 filho (concluindo o Ensino Médio)	Dois sobrinhos fizeram SENAI	Desde os 6 anos (vendendo doces, salgados, verduras), aos 9 ajuda o pai em instalação elétrica	Curso Técnico em Química-Escola Privada	Técnico em Elétrica / Eletrônica	Cursou Pedagogia em Faculdade Privada	Trabalhou como eletricista de Manutenção numa empresa multinacional	Aposentado, gerente na área de Elétrica/ Eletrônica
B 32 anos	Italiano-nasceu na grande São Paulo	1 filho	Primo	Não trabalhou	5ª série-Escola Pública	Eletrônica mecatrônica	Cursando Eletrônica na área Técnica Faculdade Pública.	Trabalhou na função de Técnico em eletrônica numa empresa multinacional	Instrutor elétrica/eletrônica
C 48 anos	Portuguesa	2 filhos (fizeram SENAI e são estudantes de Engenharia Mecânica)	O filho mais velho fez o curso de Mecânica Geral, o mais novo fez o curso técnico e três sobrinhos também fizeram SENAI	9 anos (servente de pedreiro)13 anos (frentista)	5ª série-Escola Pública	Tornearia Mecânica	Cursou Pedagogia em Escola Privada	Trabalhou na função de Torneiro Mecânico Oficial em uma empresa nacional	Instrutor de Mecânica Geral

D 31 anos	Nordestina- São Paulo-Capital	Sem filhos	Os tios cursaram SENAI e o irmão mais novo	Não trabalhou	Ensino fundamental na Escola Pública Estadual	Manutenção Elétrica	Faculdade de Tecnologia em Escola Pública	Trabalhou na função de Técnico em manutenção elétrica em uma empresa multi-nacional	Instrutor Técnico de Ensino
E 42 anos	Italianos e espanhóis; nasceu no interior de MG	1 filha	O sobrinho cursou SENAI	Ajudava o pai no sítio	5ª série- Escola Pública	Técnico em elétrica-eletrônica	Cursando Engenharia em Escola Pública	Trabalhou na função de Eletricista de manutenção em uma empresa nacional	Instrutor eletro-eletrônica
F 49 anos	italianos e espanhóis nasceu no interior de MG	1 filha (4º ano de curso Superior)	O sobrinho cursou SENAI	10 anos (carreto na feira, vendia pipas, ajudante em oficinas na confecção de embalagens plásticas)	5ª série- Escola Pública	Eletricista de manutenção	Concluiu o Superior em Escola Pública	Trabalhou na função de Supervisor de manutenção elétrica em uma empresa nacional	Instrutor elétrica eletrônica
G 42 anos	Portuguesa- São Paulo-Capital	3 filhos (todos fizeram SENAI)	O pai foi instrutor e hoje é aposentado, o tio é instrutor e o filho e os primos cursaram SENAI	Não trabalhou	5ª série na Escola Pública Estadual	Eletrônica e Elétrica	Cursando Faculdade na área técnica em Escola Privada	Trabalhou na função de Eletricista de Manutenção em uma empresa Nacional	Instrutor elétrica eletrônica

H 45 anos	italiana- Interior de SP	1 filho	O pai foi instrutor no SENAI, o irmão estudou no SENAI	Não trabalhou	5ª série- Escola Pública	Mecânica Geral e técnico em Mecânica	Cursou Engenharia Mecânica em Escola Privada	Trabalhou na função de Técnico de maquinas e motores em empresas nacionais	Instrutor de Me- cânica Geral
I 47 anos	Portuguesa São Paulo- Capital	3 filhos (dois fazem superior e um o curso médio de Técnico em informática).	Os três filhos fizeram SENAI	Não trabalhou	7ª em Escola Pública Estadual	Torneiro Mecânico	Cursou Pedagogia em Escola Privada	Trabalhou na função de Ins- petor de Quali- dade em Empre- sa Nacional	Instrutor de Me- cânica Geral

### 3.5- Caracterização dos Sujeitos em Porcentagem

Com base nos dados obtidos nas entrevistas, foram selecionadas as informações que permitem demonstrar a caracterização dos sujeitos, apresentadas em porcentagem, incluindo dados relativos origem, trabalho precoce, escolarização inicial, família constituída, filhos que cursaram o SENAI, formação superior. Segue abaixo quadro síntese dos referidos dados.

**QUADRO 2**

Origem	Trabalho precoce	Escolarização inicial	Família constituída	Filhos que cursaram SENAI	Parentes no SENAI	Formação Superior
Italianos e espanhóis: 58% Portuguesa: 25% Nordestino: 17%	Sim: 50% Não: 50%	Pública: 100% Privada: zero	S/ filhos: 8% C/filhos:92%	Sim: 50% Não: 50 5	Sim: 75% Não: 25%	Sim: 83% Não: 17% Exatas: 67% Humanas:16%

### **3.5- Narrativa das histórias de vida dos Sujeitos**

Buscando conhecer a identidade dos sujeitos da pesquisa fomos desconstruindo e reconstruindo as histórias de ser e fazer-se educador no SENAI, conforme a série de fatos e acontecimentos narrados sobre o passado, presente e do que projetam para o futuro. Assim, identificamos as personagens que foram se constituindo no decorrer da história de cada entrevistado durante a infância, adolescência e idade adulta e que possibilitaram a construção de um modo de ser único que vai sendo desvelado no processo de apresentação, análise e discussão das narrativas.

Na infância, as condições de vida oferecem um contexto à criança que se impõe como sua referência para ver, entender e dar significado ao mundo. As atribuições feitas a ela e às coisas do mundo são vividas e elaboradas de tal maneira a permitir a construção de uma perspectiva determinada de localização social, planos futuros, possibilidades e limites, modos de ser possíveis, construindo uma visão de si mesma, compartilhada em seu grupo de convivência.

As narrativas dos sujeitos desta pesquisa informam a respeito de como viveram a infância no âmbito familiar, cidades, condições de vida, migrações, e como essas condições foram compreendidas por eles. Os sujeitos também contaram sobre o processo de escolarização que viveram.

Observamos nos fatos relatados que a força da descrição a respeito desse processo de socialização não está somente no que dizem de si mesmos, mas no que contam sobre as condições de vida que tiveram. Essas condições influenciaram e os levaram a assumir posicionamentos, tarefas e papéis sociais que lhe foram atribuídos, incluindo a prescrição da necessidade de estudar e trabalhar para ganharem o direito de superar as condições de origem. Foi por meio do projeto de estudo que os meninos-trabalhadores superaram e definiram modos de identidade que deram um novo sentido às suas vidas. As narrativas nos levam a pressupor que conseguiram construir suas identidades com competência relacional e alguma autonomia no agir e em fazer escolhas, embora prevaleça a reposição de papéis esperados por sua realidade sócio-econômica.

Depois de lermos os relatos obtidos na entrevistas, organizamos alguns dados em categorias e subcategorias. As categorias foram assim estabelecidas: família, trabalho, escolarização, trabalho como instrutor do SENAI e significado e sentido do SENAI para os sujeitos.



### **3.6- Categorização dos dados**

#### **1) Família: ascendentes**

Essa categoria foi escolhida como foco de análise por entendermos que é importante na constituição dos sujeitos. A família é o primeiro contexto social em que a criança se insere ao nascer e é por meio do convívio com as pessoas que com ela se relacionam que a pessoa se apropria de valores, crenças, conhecimentos e constrói uma maneira própria de olhar o mundo e atribuir significados às coisas e às experiências vividas. Uma parte significativa de sua subjetividade se desenha nesse contexto de desenvolvimento. A posição que as pessoas ocupam na sociedade também sofre influência das condições familiares que tiveram. Essa instituição social sinaliza possibilidades e limites quanto à realização de projetos pessoais. Iniciamos essa recomposição da história dos sujeitos resgatando, por meio das seguintes sub-categorias: origem – diz respeito à descendência de avós e pais; família de origem – reconstrói de que cidade, estado o sujeito nasceu e morou; família constituída – oferece dados sobre a família que os sujeitos construíram de uniões conjugais; família no Senai – nos aponta dados sobre a relação de seus familiares com a instituição.

##### **1.1) Origem**

Nessa subcategoria reunimos dados a respeito da descendência e ascendência dos sujeitos, bem como da configuração de suas famílias.

A maioria dos sujeitos é descendente de europeus, mais precisamente portugueses e espanhóis, isto é, de latinos. Além disso, percebe-se que, pela descendência declarada, a maioria dos sujeitos é de raça branca.

Todos os entrevistados são provenientes de famílias denominadas nucleares. Os homens aprenderam como valor que são os responsáveis pelo sustento material do núcleo. O regime relacional é patriarcal, cabendo às esposas e filhos acompanharem seus maridos e pais. Dentre os entrevistados não encontramos um sequer que tivesse uma família estruturada de maneira diferente da família nuclear.

Essa sub-categoria foi importante para mostrar que desde a socialização primária os sujeitos vivenciaram um sentimento grande e forte de valorização da instituição familiar, que foram se constituindo no seu dia-a-dia como resultado do conjunto de valores, crenças e relações que estabeleceram.

Essa organização familiar surge no interior de uma ideologia que atribui papéis específicos para aqueles que a compõem. O poder é distribuído de forma assimétrica.

Vários sujeitos iniciam suas narrativas remetendo-se às origens de seus pais e avós, outros trazem essas informações ao longo de suas falas. Percebe-se, pois, que ao se situarem numa história de família, revelam a importância que dão a elas e a maneira como a consideram como constitutivas de si mesmos.

Nos relatos que fazem sobre sua infância fica evidenciada a questão da migração do interior para São Paulo, em busca de uma melhor condição de vida para a família. Enfatizam que viviam com seus pais, podiam brincar, receber educação em casa e na escola. Segundo seus relatos, esse tipo de educação recebida dos pais encontra-se presente até os dias de hoje no modo de ser. Quando vieram os estudos na cidade, foi um momento importante em suas vidas, mas difícil e doloroso; percebem as dificuldades que viviam com seus pais, em conseguir trabalho, alimentação, vestimenta, educação, saúde. É recorrente a idéia de que seria por meio dos estudos que poderiam obter uma profissão, principalmente para ajudar na melhoria das condições da família.

Instigados a contar a história de suas vidas, nossos entrevistados começaram suas narrativas situando os contextos sócio-histórico, cultural e familiar de que são provenientes e, com isso, definindo sua posição social e oferecendo dados sobre os papéis sociais que desempenharam em suas vidas.

O entrevistado F relata sua história a partir da vinda de seus avós para o Brasil, imigrantes europeus, que se instalaram no interior de Minas Gerais, em busca de uma condição de vida melhor.

*“Meu avô materno foi imigrante europeu, veio da Itália, desembarcou no Rio de Janeiro, do Rio foi para Minas, para a cidade propriamente dita de [...], trouxe a cultura da Europa para a agricultura do Brasil e se tornou um dos mais ricos agricultores da região, com fazendas, gados. Já meu pai é de descendência de brasileiro, deve ter alguma mistura de espanhol no meio, mas a parte da minha avó, mãe do meu pai era índio mesmo, colônia aqui do Brasil”. (F)*

Para o Sujeito C, ser de família proveniente do interior de Minas Gerais e de São Paulo, ser o caçula e ser o único nascido na cidade de São Paulo lhe dá um certo orgulho, pois atribui status àquele que nasceu em um grande centro urbano:

*“Pertencço a uma família não muito numerosa, migramos do [interior de Minas Gerais], para São Paulo com perspectivas de melhores condições de vida, tanto a família do meu pai quanto da minha mãe são de cidades vizinhas do interior de [Minas Gerais], tenho duas irmãs mais velhas e eu nasci em [São Paulo]”. (C)*

Nota-se nessa afirmativa do entrevistado que sua família migra para São Paulo na perspectiva de uma condição melhor de vida, sendo objetivo de seu pai ingressar no serviço público estadual, especificamente na prestação de serviço.

*“Meu pai veio da [cidade do Paraná] para São Paulo por volta da década de 1940 ele veio para cá já com o intuito de trabalhar na [Empresa Pública]. Conheceu minha mãe, filha de [família de origem], e casou-se na década de 50. Eu sou o 2º. filho de uma família de 4 filhos”. (I)*

Como foi demonstrado nos quadros, entre os entrevistados há um número significativo de dependentes que declaram sua descendência européia.

*“Meus avós paternos são descendentes de espanhóis e meus avós maternos, a família é descendente de italianos”. (A)*

Não é atípica a relação de culturas diferentes, como no caso do entrevistado B, que seus avós paternos são nordestinos e os avós maternos de descendência européia, o que melhor traduz a miscigenação no Brasil:

*“Os meus avós vieram do nordeste, eu tenho outro casal de avós que são de [...] mesmo, embora falecidos esse casal de avós que eu tenho por parte da minha mãe, eles são de origem européia” (B)*

Mesmo desconhecendo a origem de seu avô materno pode-se afirmar que sua descendência é de origem européia, o que parece dar orgulho ao sujeito E:

*“O meu pai é descendente de família italiana, a minha mãe também, a minha mãe por parte da minha avó é italiana, e por parte do meu avô materno, ele não é italiano, até desconheço a origem dele”. (E)*

Vê-se que os sujeitos têm origens distintas, com descendência européia pelos avós e com descendência nordestina, o que vale dizer que são brasileiros há mais tempo, podendo ter ascendentes europeus também, mais a presença indígena, como foi visto, e provavelmente afro-descendentes, que caracterizam a formação do povo brasileiro.

Todos os sujeitos afirmam que descendem de europeus e nas entrevistas eles demonstram orgulho e satisfação ao declararem essa característica. A questão da valorização de algumas origens em detrimento de outras nos revela que se apropriaram de algumas idéias, ou de uma ideologia, que os fazem perceber-se mais valorizados por serem descendente de europeus.

## **1.2) Família de origem**

Percebemos que os sujeitos nasceram em várias localidades, São Paulo, Grande São Paulo, interior de São Paulo e outros Estados do Brasil. Procuramos aqui reunir informações a respeito da trajetória vivida por essas pessoas, quais os lugares onde nasceram e onde haviam residido.

O entrevistado A é natural do interior do Estado de São Paulo. Por ser filho de um funcionário de uma determinada empresa, ele residiu no interior.

*“Nasci na Cidade de [...], num distrito chamado [...], onde meu avô era o gerente geral dessa unidade, os familiares moravam lá. Sempre morei pelo interior, por meu pai ser um [ferroviário], trabalhava na [...].” (A)*

Pertencer a determinada localidade pode ser para B um motivo de satisfação e orgulho, por saber que a história de vida de seus pais e a sua continuam em um município da grande São Paulo. Morar nesse Estado confere às pessoas certo *status*, principalmente quando se refere às questões de estudo e trabalho.

*“Eu nasci em [...], sou fruto do casamento de meu pai, [nome do pai], que nasceu na [cidade] e de minha mãe que nasceu em [...] aqui em [cidade], onde eu moro até hoje. Tiveram, eu, minhas irmãs gêmeas e mais um irmão, eu sou o mais velho”. (B)*

Em sua fala, E deixa claro que sua origem é na área rural, no interior de Minas Gerais, local em que seus pais se conheceram e ali formaram família, nasceu o entrevistado e mais duas irmãs, sendo que atualmente todos moram em São Paulo

*“Nasci em uma cidade no interior de Minas. Meu pai, não tem nada a ver com o Senai, meu pai é lavrador, meu pai trabalhava na roça, e a gente morava num sítio, minha mãe morava próximo, eles se*

*conheceram, enfim, casaram e nasceu eu e mais 2 irmãs; então tem uma irmã mais velha, eu sou o do meio, e uma irmã mais nova, todos nós moramos aqui em São Paulo". (E)*

O entrevistado é o mais novo de três irmãos oriundos de uma família do interior de Minas Gerais que migrou para São Paulo. Demonstra em sua entrevista certa satisfação em declarar-se como tendo nascido em uma cidade da Grande São Paulo, que é indiscutivelmente um dos Estados de referência tanto para atividades econômicas quanto para uma educação escolar de qualidade e maior oferta de trabalho.

*"Eu sou o último filho de uma família de pessoas que vieram do interior, a minha mãe de Minas Gerais, sul de Minas, meu pai quase perto, na divisa ali de [...] e dentre os filhos que os meus pais tiveram eu sou o caçula. O meu irmão mais velho nasceu em Minas Gerais, a minha irmã em São Paulo e eu também em São Paulo". (C)*

Os pais de D são nordestinos, de pouca instrução, o pai com problemas de alcoolismo, se conheceram e casaram em São Paulo. O primeiro de uma família de 4 filhos, D nasceu em 1973.

*"Meus pais são nordestinos, meu pai é cearense, minha mãe piauiense, criada no Maranhão. Vieram os dois para São Paulo em 66, buscar uma melhoria de vida e, acabaram se conhecendo e casando, em Dezembro de 70. Em 73 acabei nascendo e aí a família começou a crescer. Depois de 4 anos e meio veio meu irmão e depois de 10 anos acabou vindo mais 2, a minha irmã em 83, e o meu irmão em 85, o mais novo..".(D))*

Nesse trecho da fala de D ficam explicitadas as dificuldades pelas quais sua família passou, tanto no que diz respeito às questões financeiras quanto àquelas relativas à dinâmica relacional entre seus membros.

*"(...) eu acho que D hoje é uma pessoa satisfeita profissionalmente, graças a Deus, a vida não foi fácil... o meu pai deixou de beber (...)*

*eu ainda tive problemas com ele, depois dos 18 anos tive algumas atitudes que ele acabou fazendo, que queria agredir minha mãe...(...) ele era uma pessoa que bebia, não deixava ninguém quieto, ele implicava, era complicado. (...) quando a gente chegava em casa queria descansar e vivíamos em um inferno...(...) e a partir daí ele parou de beber, aí é que eu fui descobrir meu pai (...) A amizade que tenho com meu pai hoje é fora do comum...(...) aí depois que meu pai parou de beber nós compramos terreno, que hoje é o meu terreno, compramos casa para ele, eu construí uma casa, carro para cada um. (...) Hoje é uma família que a gente se relaciona muito bem, não tem intrigas...” (D)*

A pobreza é um dado comum a todos os sujeitos dessa pesquisa. Isso vem demonstrar a proposta do SENAI como instituição educativa, pois como já discutido nos capítulos anteriores, essa instituição tinha como objetivo oferecer qualificação profissional para meninos oriundos das camadas populares. A questão da “*desestrutura familiar*” apontada nos relatórios e boletins informativos da instituição mobilizava um plano educativo que visava o desenvolvimento da pessoa “*integral*”, buscando o desenvolvimento do caráter, respeito, disciplina. Como vimos nas entrevistas, quase nenhum dos sujeitos conviviam em ambientes movidos pela agressividade e desrespeito. Outra característica é a estrutura de família nuclear, que perpassa todas as narrativas. De qualquer modo a instituição era vivida pelas famílias e pelos alunos como uma referência de extrema importância na formação de seus filhos.

### **1.3) Família constituída**

Essa categoria revela valores que afirmam a reprodução pelos sujeitos, da estrutura nuclear de família que se manifesta na família que constituíram, isto é, as escolhas e os posicionamentos que assumiram frente à organização familiar.



Todos os sujeitos constituíram família. Percebe-se que todos permanecem casados, além de, em suas falas, mostrarem que dão muito valor e importância às suas famílias. Aqui se percebe uma possível influência do SENAI na forma de se relacionar com as famílias, pois era comum ouvirmos preleções sobre a importância de mantermos relações de respeito e dignidade tanto para nós, no ambiente profissional, no trabalho em equipe, quanto para com aqueles que nos rodeavam, incluindo certamente a família.

Muitos entrevistados alegam ser pessoas realizadas e felizes e bem casadas. O sujeito G é um deles. Vai além dizendo que o filho mais velho fez curso de elétrica no SENAI e está trilhando o mesmo caminho do pai nessa área. Nota-se que a instituição foi uma forte referência e que o entrevistado oferece a instituição como uma oportunidade importante para seu filho. Sente orgulho pelo fato do filho estar iniciando uma faculdade e diz ter planos parecidos para ele de continuar seus estudos. Quanto à organização familiar declara que “deve agradecer” a sua esposa pela formação da família e pelo companheirismo. Deixa transparecer uma idéia que circula em nossa sociedade sobre a divisão de papéis como responsabilidade feminina na criação dos filhos. Essa idéia está embutida na ideologia que sustenta a família nuclear burguesa.

*“Me casei, tenho três filhos, sendo que um dos meus filhos formou na área de elétrica, está terminando um curso técnico e vai começar a faculdade onde pode ser até que a gente vá acabar se encontrando dentro da sala de aula, no curso de nível superior. Devo agradecer a minha esposa a formação da família, que desde quando eu me casei com ela é uma tremenda companheira”. (G)*

Esse entrevistado abriu novas possibilidades de formação para sua filha. Não viu o SENAI como única alternativa. Por valorizar a trajetória de estudos formais, incentivada pelo pai, vislumbrou outras perspectivas que acabaram culminando na entrada dela em uma universidade pública no interior de São Paulo. Deve-se ter claro que o SENAI até hoje conta com um número reduzido de mulheres, pois desde sua origem teve como público alvo a formação profissional para meninos. O tipo de formação técnica oferecida é, ainda, na maioria das vezes, entendida como atividade “*essencialmente masculina*”.

*“Casei-me em 82, desse matrimônio eu tive uma filha e também 2 filhas gêmeas em 86, que foram prematuras e não sobreviveram... Hoje, minha filha, graças ao ensino que aprendi com meu pai que sempre devemos estudar, (...). Me sinto muito realizado com esse fato dela se dar bem no estudo e ser uma pessoa dedicada”.* (F)

O sujeito A sinaliza que não viu para seus filhos o caminho de estudo técnico no SENAI como única possibilidade. Abriu outras perspectivas de formação para eles. Com isso, podemos pensar que houve respeito pela vontade dos filhos, que não demonstraram interesse em fazer os cursos oferecidos pela instituição, conforme citação a seguir:

*“( ... ) sou casado com [...]. A nossa convivência, graças a Deus, até hoje deu muito certo, encontrei uma companheira que realmente sempre motivou e participou de todas as atividades. Dessa união tenho duas filhas formadas em curso superior, e tem um filho também que está fazendo o ensino médio no momento e com inclinação para a área da informática”.* (A)

Aqui cabe um comentário. Não se pode compreender o ser humano com base num pensamento linear. Ter frequentado uma escola com rígida disciplina, que orienta para a obediência, para a submissão em

relação aos postos mais altos de hierarquia no trabalho, não necessariamente leva a desenvolver modos de relacionar-se que não possam ser superados por experiências vividas posteriormente. Mais uma vez, friso que do desenvolvimento de relações afetivas e de respeito abrem caminhos para a constituição de identidades na contra-mão do que se tinha planejado como proposta pedagógica, vinculada à qualificação profissional técnica, comprometida com as necessidades do mercado produtivo. A vivência de relações afetivas intensas no cotidiano escolar pode ser fundamental para reposicionar as relações.

*“(...) os meus três filhos não fizeram SENAI por uma questão de opção, pois tinham outros interesses que não aqueles que eram oferecidos pela instituição. Eu me dei o direito de respeitar a vontade deles e apoiá-los nas escolhas que fizeram dentro de seus interesses”. (A)*

Os entrevistados declaram que suas famílias também participaram direta ou indiretamente de suas conquistas, oferecendo suporte para que conseguissem continuar na trajetória escolar. Esse apoio foi fundamental para que conseguissem concluir sua formação escolar. Nessa entrevista aparece a questão de que esse entrevistado, apesar de nutrir um sentimento pelo SENAI semelhante aos demais, permitiu a seus filhos o encaminhamento para outros projetos de vida.

Nessa entrevista também observamos que a família do entrevistado tem certa estabilidade emocional e, ambos, esposo e esposa, estão colocados profissionalmente.

*“(...). Casei , depois de um ano mais ou menos nasceu meu filho, (...), meu filhinho atualmente tem três anos é lindinho, olhos azuis, loirinho, (...) Minha esposa atualmente trabalha num emprego de telemarketing”. (B)*

Pode-se notar que, para o sujeito I, o SENAI serviu de referência para o encaminhamento de seus filhos para a instituição, pois entende ser este um caminho importante de formação e integração, segundo a visão de seus alunos e egressos.

*“Em 78, quando havia cumprido o tempo do serviço militar e estava fora da Aeronáutica, eu casei com a [...]. Tivemos três filhos que fizeram também curso no Senai”. (I)*

Na fala abaixo, o sujeito conta que se casou ainda jovem, que sua esposa era estrangeira, que completaram 31 anos de casamento e que têm dois filhos.

*“Sou casado com uma [européia], ela nasceu em [capital de um país da Europa] [...] e veio com seis anos para o Brasil. Nos conhecemos, eu tinha 16 anos e ainda estava no Senai, namoramos até os 20 anos e casamos. Estamos juntos a 31 anos e tivemos dois filhos”. (C)*

Essa categoria nos ofereceu dados a respeito das escolhas de parceiras feitas pelos sujeitos, organização que deram a suas vidas depois de adultos e como lidaram com seus projetos de vida e daqueles que estavam sob sua responsabilidade.

Dos sujeitos entrevistados todos são casados e mantêm seus casamentos, declarando-se felizes com as uniões escolhidas. É comum a todos os sujeitos valorizarem e elogiarem suas esposas e companheiras, sobretudo pelo desempenho de seus papéis como mães e esposas.

#### 1.4) Família no Senai

Esta sub-categoria nos forneceu informações sobre os parentes dos entrevistados e suas relações com a instituição. Os dados reunidos nesse item são relevantes, pois revelam a importância atribuída pelos familiares ao SENAI e mostra que este representava um sonho para a maioria dos sujeitos desta pesquisa.

Percebe-se que a maioria dos entrevistados tiveram no mínimo uma pessoa da família que estudou na escola SENAI, seja nos cursos de aprendizagem industrial, técnico em mecânica e outros que são oferecidos por essa instituição de ensino.

O entrevistado I demonstra que estudar no SENAI é uma prerrogativa básica em conseguir melhor posicionamento profissional, bem como em agregar importantes conhecimentos que melhor possam traduzir sentimentos de valor e importância, tanto é que sua esposa fez diversos cursos nessa escola, antes mesmo dele vir a ser funcionário da mesma, além de seus filhos também terem se formado nessa agência formadora de mão-de-obra.

*“Meu filho mais velho fez elétrica na escola Roberto Simonsen, esse curso de elétrica do C.A.I (Curso de Aprendizagem Industrial) abriu para ele o campo profissional, depois fez um curso técnico em eletrotécnica, fez cursos de aperfeiçoamento na área de informática. Hoje, ele está formado em nível superior. Minha filha fez o curso técnico de Artes Gráficas no SENAI, trabalha no setor de qualidade na empresa [...] e hoje ela está concluindo o curso superior. Meu filho caçula fez o curso de aprendizagem industrial, na parte de eletroeletrônica, depois fez o curso técnico de eletroeletrônica, e hoje ele já está numa empresa trabalhando como técnico na área dele, na área de eletroeletrônica. (...). Minha esposa [...], fez alguns cursos no Senai do Bom Retiro na parte de “silkscrean”, ela deve ter feito pelos menos uns 4 ou 5 cursos já dentro do Senai, isso antes mesmo de eu ser funcionário do Senai”. (I)*

Para C, o SENAI deixa marcas significativas na vida do jovem, como é o caso de seus dois filhos e de seus sobrinhos, que também fizeram cursos na instituição. Aliás, nesse sentido, ele alimenta uma frustração por um dos sobrinhos não ter conseguido entrar no SENAI.

*“O meu filho fez mecânica geral (...) fez o curso técnico, concluiu o curso técnico, hoje ele está estudando o curso superior que tanto desejou. Meu filho caçula, como teve problema na escola, ele poderia entrar na aprendizagem, mas não poderia entrar no técnico porque ele não tinha concluído o 1º grau, aí ele ficou 1 ano aqui, gostou muito daquilo que ele fazia, mas como pensava no curso técnico, em seguir os passos do irmão, fez o teste no Senai do Brás, passou e fez o curso técnico. Hoje ele já atua na área. Eu tenho 4 sobrinhos, somente 1 não conseguiu entrar no Senai e é uma das frustrações minhas como tio, os outros 3 sobrinhos também fizeram Senai”. (C)*

Aqui percebemos que H, sendo o irmão mais novo, segue os passos do mais velho, também optando pela área de exatas, e posteriormente vindo a ser instrutor na escola SENAI.

*“(...) meu irmão é engenheiro civil, ele também fez a área de exatas, ele também fez cursos do Senai, curso de desenho mecânico, desenhista projetista. Por muitos anos ele também deu aula no Senai”. (H)*

Nessa fala de G percebemos que parte de sua família optou por buscar formação profissional na Escola SENAI, quer dizer, não somente seu filho e seu pai seguiram um caminho de formação profissional nesta escola, bem como, tios e primos.

*“O meu pai, era da área de elétrica, (...) um dos meus filhos se formou na área de elétrica (...) E no Senai não tem só esse, tem meus tios, primos também, que são irmãos do meu pai, que também estudaram e*

*um deles é professor do Senai no interior de São Paulo, já aposentado também". (G)*

Nesse item obtivemos informações que confirmaram nossas hipóteses iniciais de que as famílias desses sujeitos viam a instituição como um importante caminho de formação, aquisição de hábitos saudáveis, de competência profissional, abertura de novas possibilidades de experiência. As famílias acreditam que a escola fornece essa oportunidade e incentivam, de modo geral, seus filhos a participarem da instituição como alunos.

## **2) Trabalho**

Consideramos essa categoria por reconhecermos sua importância na definição de si mesmo dos sujeitos. Quando construímos uma profissão agregamos mais uma referência para pensar e dizermos quem somos. Que a localização social temos, possibilidades e limites para realização de projetos de vida. Daí o trabalho ser um elemento relevante para a constituição de identidades. As sub-categorias aqui foram divididas em: trabalho precoce, esse item oferece dados sobre quando os sujeitos começaram a trabalhar, em qual atividade e como se relacionavam com o trabalho; trabalho estágio durante o Senai, aqui temos informações que permitem pensar se houve modificações nas relações estabelecidas entre os sujeitos e o estágio oferecido pelo SENAI; trabalho depois do Senai, fornece dados sobre como os sujeitos passaram a significar sua profissão e como se vêem diante dela no mundo; trabalho atual, fornece informações sobre como os sujeitos estão posicionados hoje no mundo do trabalho e quais

atividades estão exercendo. Essa divisão possibilita resgatar o processo de integração dos sujeitos no mundo da produção.

## 2.1) trabalho precoce

Nessa categoria foram agrupadas informações que revelam as atividades desenvolvidas pelos alunos ainda em tenra idade. Essas informações são importantes, pois revela sua condição sócio-econômica.

O trabalho praticamente se inicia ainda muito cedo para cinco dos sujeitos, que dizem ter que trabalhar já na infância para ajudar no orçamento familiar. O trabalho precoce significa ter sido privado de algumas condições básicas que deveriam ser direito de toda criança, revelando sua origem social.

Na fala de F, o que parece é que o entrevistado se sente mais abandonado, praticamente à mercê da sorte, na rua. Alega que não tem acesso ao dinheiro, mas sente a necessidade de trabalhar para ajudar a família a superar as dificuldades econômicas.

*“(...) Eu mesmo fazia carreto na feira, vendia pipas para os filhos das madames na feira, isso em 1971, 1970, também trabalhava em pequenas oficinas, eu me lembro eu cortava saquinhos plásticos para fazer embalagens para frutas, e ganhava um dinheirinho. A vida era difícil porque não tínhamos acesso a dinheiro, era muita dificuldade que a gente passava”. (F)*

O entrevistado A, diz que o trabalho passa a fazer parte da sua vida logo aos seis anos de idade, pois o faz devido às dificuldades que sua família passa. Mesmo sem conhecer o valor do dinheiro, o identifica pela cor



ênfatizando sua habilidade em reconhecer o valor do dinheiro. Nota-se que ele desenvolveu um olhar sobre si mesmo que o coloca em uma posição de importância e competência.

*“(...) comecei a trabalhar muito novo, devido as dificuldades da minha família, com seis anos de idade, eu vendia verduras na rua, eu não conhecia dinheiro, e o dinheiro eu conhecia por cor, fazia mentalmente códigos e nunca ninguém me enganou”. (A)*

Na fala do entrevistado C, podemos perceber que, por uma questão de necessidade de complementação de renda familiar, ainda muito cedo vai trabalhar como ajudante de pedreiro do pai e em seguida como frentista de um posto de gasolina.

*“Bem jovem eu auxiliava o meu pai como servente de pedreiro, o meu pai era motorista de ônibus e nas horas vagas construía a sua própria casa e de outros, e eu era o servente de pedreiro dele. Isso foi até os 12 anos, quando eu arrumei um emprego de frentista de posto de gasolina; trabalhei nesse posto durante o intervalo de 2 anos, sem registro”. (C)*

Notamos que o trabalho para os meninos adquiria o sentido de auxiliar em casa, complementando a renda familiar. Não manifestaram qualquer indício de terem tido prazer em realizá-lo. Daí podermos dizer que, se por um lado era uma atividade que desenvolviam por necessidade, por outro lhes trouxe conhecimentos precoces que pelo menos para um dos sujeitos o auxiliou na identificação do dinheiro. O funcionamento de alguns aspectos do mundo se apresenta a esses garotos precocemente, fazendo com que eles tivessem abreviado parte de seu tempo com as brincadeiras.

## **2.2) trabalho/estágio durante os estudos no Senai**

Nesse item reunimos informações sobre as experiências vividas pelos alunos no estágio que fizeram como alunos no SENAI. Essa experiência teve um sentido de vivenciar, treinar novas habilidades adquiridas, por ocasião da formação profissional oferecida pela escola. Isto significava a porta de entrada para o mundo do trabalho qualificado e respeitado pelo mercado produtivo.

O estágio passava a ser obrigatório para todo aluno que tinha vínculo de “contrato de aprendizagem industrial”, firmado entre o pai ou responsável pelo aluno, a empresa e o SENAI. Todos os entrevistados tiveram desde o início do curso um contrato firmado com uma empresa, o que lhes garantia remuneração, benefícios e um local para desenvolverem o estágio prático.

Na empresa, F adquire mais conhecimentos, passando por vários setores, mas com a chegada da maioria é demitido, por estar em “fase de exército”.

*“Estagiei na [...] do Brasil, lá passei por vários setores, fiz estágio na empresa inteira, foi onde eu me desenvolvi. Consegui ver, enxergar várias áreas, porque lá fiz estágio na montagem de motor, em almoxarifado, oficina mecânica. Fiz estágio na empresa inteirinha, foi uma grande contribuição que a empresa me deu até hoje, apesar de ter sido mandado embora de lá em 75, na fase de exército”.*(F)

O entrevistado I prestou o exame de seleção, conseguiu aprovação e, por intermédio da própria escola, iniciou em seu primeiro emprego com registro em carteira. Em seu relato deixou claro que ficou feliz por ter ingressado no SENAI e poder ter a perspectiva de uma profissão, já que instituição o colocaria no mercado de trabalho com uma formação

respeitável. A partir de sua fala deixa transparecer a valorização que atribui à instituição SENAI como possibilidade de integração social.

*“Graças a Deus eu consegui passar no exame de seleção e para minha felicidade depois de um mês dentro da escola eu consegui uma empresa por intermédio da própria entidade, no ramo de mecânica pesada, então, em 1974, quando ingressei no Senai, no 1º. mês de escola eu já estava com a minha carteira, com meu primeiro registro”. (I)*

Aqui, D demonstra que atribui ao pai a responsabilidade em conseguir uma carta de apresentação de uma grande empresa, sentindo-se gratificado pelo aprendizado prático que obteve em sua vida profissional, paralelo com o SENAI.

*“(...) a empresa que consegui estágio tinha esse trabalho como aprendiz do Senai, e aí meu pai foi procurar na época, fiz inscrição, fiz prova, e acabei passando na prova. Para mim aquilo lá foi uma vitória, acabei entrando em uma empresa de fundição. Esta empresa foi para mim foi uma escola muito grande, além do Senai, em paralelo com o Senai”. (D)*

O entrevistado H concluiu o curso técnico de máquinas e motores, fez cursinho, cursou o nível superior e, em seguida, estagiou em diversas empresas, da cidade de São Paulo e Grande São Paulo. Nota-se que a experiência obtida nos estágios realizados em algumas empresas foi determinante para a escolha do curso superior.

*“Enquanto fazia o curso de técnico em máquinas e motores tive a oportunidade em estagiar em diversas empresas. Foi um período muito importante, porque esta experiência adquirida ajudou-me a decidir que a área de mecânica era aquela que melhor correspondia aos meus interesses e, portanto, deveria dar continuidade em meus estudos, para fazer cursinho e prestar o vestibular para o curso superior em [...] Foi justamente o meu interesse pela área de exatas,*

*ter ingressado no curso técnico de mecânica no SENAI e os estágios que realizei que ajudaram-me na minha formação superior”. (H)*

Em sua fala, o entrevistado E deixa claro que o trabalho desenvolvido em seu estágio prático foi a prerrogativa básica para que obtivesse sua efetivação na empresa, após conclusão do contrato de aprendizagem.

*“Dado o término do curso no Senai, fui trabalhar em uma empresa Eletromecânica; comecei a trabalhar em uma empresa nacional e depois que terminei o estágio eles me contrataram”. (E)*

Como pudemos observar nos trechos que selecionamos, os sujeitos ao conseguirem estagiar em uma empresa como aluno do SENAI concretizavam uma grande expectativa e demonstram em suas entrevistas entusiasmo ao contarem essas experiências. O estágio representava para eles uma grande oportunidade de aprenderem mais sobre suas novas profissões e, ainda por cima, receberem por esse trabalho. A valorização, a dignidade, a esperança de uma melhoria efetiva em suas condições de vida deixavam de ser somente um sonho para adquirir materialidade.

### **2.3) Trabalho após o curso do SENAI**

Reunirmos aqui dados que pudessem nos revelar as experiências que tiveram os sujeitos de nossa pesquisa após o término do curso no SENAI. Essas informações mostram a importância dessa instituição de formação e como esta influenciou os alunos na maneira de ver o mundo, de se ver como pessoas, de perceberem seu valor, de experimentarem

simultaneamente o interesse de mais de uma empresa interessada em seu trabalho e como essa nova condição influenciou cada um deles.

Com a conclusão do curso no SENAI, os jovens deveriam dar continuidade a sua vida profissional, atuando em funções outras nas empresas em que haviam realizado estágio, não mais na condição de “menor aprendiz”, mas obedecendo a uma nomenclatura utilizada pela empresa que melhor representasse a ocupação do curso de formação inicial do profissional.

Após ter concluído o SENAI, D evolui mais rápido do que se sentia preparado; afirma que o destaque obtido seu trabalho foi devido ao fato de gostar do que faz.

*“(...) Me formei no Senai, acabei indo para a empresa, eu acho que eu evolui muito mais rápido do que eu estava preparado, porque quando a gente faz o que a gente gosta a gente acaba se destacando um pouco”. (D)*

Mudar de emprego para o entrevistado não seria apenas uma situação cômoda, por encontrar-se com a vida mais estável, mas o desejo de trabalhar com atividades de que gosta, faz com que se sinta realizado.

*“(...) Em 1990 eu resolvi sair da empresa que eu estava, que era a [...], para mudar de área, porque eu trabalhava na parte de montagem e fui para uma outra empresa trabalhar com manutenção, que era o que eu gostava de fazer, então eu fui para [...], e trabalhei por 5 anos lá, até 1995”. (E)*

Depois de ter cursado o SENAI G, trabalhou em várias empresas da área elétrica, chegando a desempenhar a função de assistente técnico

de aparelhos odontológicos. Deu prosseguimento a seus estudos cursando o colegial técnico na área de elétrica.

*“(...) Assim que terminei o Senai em 77, fui trabalhar na área de elétrica. Trabalhei em várias empresas como eletricista na área de manutenção, cheguei a trabalhar também como assistente técnico de aparelhos cirúrgicos odontológicos”. (G)*

Paralelamente aos estudos, lecionava na mesma unidade do Senai em que iniciou o curso técnico profissionalizante.

*“Enquanto eu fazia [...] já dava aula a noite no Senai. Foram 5, 6 anos dando aula na Roberto Simonsen, quando surgiu a oportunidade de eu entrar numa sociedade junto com o meu irmão que é engenheiro civil”. (H)*

O entrevistado B faz uma tentativa de trabalhar e conhecer a rotina diária de uma atividade bancária, mas é frustrado por não gostar do trabalho que fazia, não ganhava bem e só recebia ordens. Assim, decide lecionar no período noturno durante três anos.

*“Trabalhei no [...] e conheci a rotina de escritório, fiquei uns 3 ou 4 anos, só que aquele negócio de escriturário contínuo, office boy, não achei muito interessante, até porque não ganhava bem e só recebia ordens. Comecei a dar aulas à noite, porque eu tinha aquela tendência desde novinho de querer ajudar os amigos. Fiquei 3 anos mais ou menos nessa vida de dar aula a noite” (B)*

Os relatos mostram que as oportunidades de trabalho vão aparecendo para os sujeitos, que se sentem disputados como profissionais pelas empresas e isso permitiu que fizessem escolhas que fossem ser para eles mais vantajosas. Ter conquistado o status de ex- aluno SENAI e em seguida a qualificação de profissional técnico formado por essa escola era, sem dúvida, uma oportunidade importante sob o ponto de vista da constituição de suas identidades.

## **2.4) trabalho atual**

Nessa categoria foram agrupados dados que delineiam as atividades desenvolvidas pelos sujeitos no momento em que os dados foram coletados. Os recortes selecionados demonstram como a instituição é valorizada por seus egressos que, quando convidados a ministrar aulas, sentiram-se honrados com o convite. Os alunos, ao saírem da escola, levam consigo um sentimento de gratidão e saudade dos tempos que lá viveram; com isso, ao terem oportunidade de lecionar na instituição sentem muito prazer com essa possibilidade, pois podem até rever colegas e professores. Ao executarem suas atividades como professores relacionam-se com seus alunos com envolvimento afetivo, acreditando na formação oferecida pela instituição e buscando fazer o melhor possível. Como veremos a seguir nas citações que fizemos de trechos escolhidos das entrevistas.

Na função de instrutores da Escola SENAI, os entrevistados demonstram sentir-se realizados, que alimentaram o sonho de um dia retornarem ao SENAI, que vêem na instituição de ensino uma condição de adquirirem conhecimento, desenvolverem pesquisas, contribuir com o aprendizado de seus alunos, identificarem-se com a função de docentes, sentirem-se reconhecidos e valorizados principalmente pelos alunos pelo trabalho que fazem.

B foi absorvido pela instituição como professor, o que lhe aumenta ainda mais a satisfação de um dia ter pertencido a essa escola e ter novamente sido acolhido para que tivesse a oportunidade de ensinar a outros meninos o que aprendeu e o que desenvolveu. Faz referência à

instituição como um laboratório em que ele encontra recursos, espaço e liberdade para testar novos experimentos.

*“Como acontece com a maioria dos professores que estão aqui, é o que todos dizem, os caras gostam tanto do Senai quando entram que, por força da natureza, acabam voltando agora como professores. (...) É bom que você entrando, você pode explorar outros recursos de matérias que você não conhecia também, você dando aula, por exemplo, eu que acabei virando um pesquisador autônomo e um autodidata, então várias matérias eu tenho uma curiosidadezinha e não tinha onde testar isso, eu vejo que o Senai tem um laboratório para isso, tem um material didático que eu possa correr atrás e aprender umas coisas por conta ou então com a ajuda de outros professores com mais experiência, mais vivência na coisa, e até por ter essa detecção de dados mais rápida” (B)*

Em 1987, F começa a trabalhar como instrutor de Elétrica no Senai, inicialmente nos cursos noturnos e em 1988 assume os períodos diurno e noturno.

*“O meu ex-instrutor, o Professor [sujeito A], através de um sobrinho meu que estava fazendo um curso aqui na época, ele reconheceu o sobrenome, [...] e me convidou em 87 para vir dar aula no Senai. Eu trabalhava a noite nessa época, até novembro de 88, trabalhava nos cursos noturnos; depois consegui uma oportunidade, em novembro de 88 para vir a trabalhar durante o dia também como instrutor da elétrica, passei a fazer o período noturno e diurno”. (F)*

Mesmo depois de formado, I continua fazendo cursos de aperfeiçoamento no SENAI. Ingressa no SENAI como funcionário no período noturno. Trabalhar no SENAI, segundo o entrevistado, foi gratificante por ter reencontrado seus docentes, que agora seriam seus colegas de trabalho. Em 1989 abre uma vaga para trabalhar no SENAI no período diurno, ele decide concorrer à vaga e é aprovado, passando a acumular dois períodos na instituição.



*“Entrei no Senai como funcionário por meio de um anúncio de jornal para justamente trabalhar na parte que eu gostava que era parte de retificador ferramenteiro (...) Foi muito gratificante ter feito o teste, passado e reencontrado os docentes que passaram a ser colegas de trabalho (...) em 89, abriu uma vaga no Senai para retificador mecânico durante o dia, e me ofereceram essa vaga na escola Roberto Simonsen. A partir de 89 eu estava então trabalhando no Senai durante o dia como retificador mecânico e à noite como retificador ferramenteiro”. (I)*

O sujeito A presta concurso para trabalhar no SENAI. Fica um ano em uma escola do Tatuapé e depois vai para uma cidade da Grande São Paulo trabalhar como Instrutor Eletricista. Ele monta cursos, desenvolve equipamentos e dispositivos facilitadores para os alunos, professores e para a instituição.

*“Fiz concurso para o Senai, entrei na Escola [...], no bairro do [...], na parte de instalações elétricas. Trabalhei 1 ano lá, vim para [...] trabalhar como Instrutor Eletricista, trabalhei vários anos aqui. Comecei a montar cursos, desenvolver equipamentos e bolar novos dispositivos que facilitassem a vida do aluno, do professor e da própria instituição” (A)*

C faz teste no SENAI e começa lecionar, até o ano de 1978 o entrevistado acumula dois empregos, a Indústria e o SENAI, quando surge uma vaga diurna e ele a preenche.

*“Tive a oportunidade de fazer um teste no Senai e comecei a dar aulas no Senai por volta de 1977. Trabalhei até 1978 na indústria e no Senai a noite; por volta de 1978, surgiu uma vaga durante o dia em decorrência da promoção de um colega, fui convidado para preenchê-la e assumi. Estou desde 78 somente durante o dia”.(C)*

Esses dados mostram, a importância do tema trabalho para os entrevistados. Antes de entrarem no SENAI viam-se de uma dada forma e, a cada conquista, a cada nova posição ou função assumida, ocorreram

modificações na maneira com que os entrevistados se descreviam, demonstradas quando relatavam essas experiências. Essa atividade é de fundamental importância como elemento identificador do sujeito, assim como referência para se auto definir.

### **3)Escolarização**

Essa categoria foi selecionada para mostrar a trajetória dos sujeitos em um sistema de ensino formal e é um importante caminho de socialização secundária. Chamamos de socialização secundária, porque a família como primeiro contexto de desenvolvimento, realiza a primeira etapa de socialização da criança. Resgatar esse processo de escolarização dá subsídios para entendermos sob que condições os sujeitos desta pesquisa viveram e perceberam o processo educacional. Mais uma vez, temos dados sobre a constituição de relações e das subjetividades dos entrevistados. Falar de identidades é necessariamente ocupar-se com subjetividades e intersubjetividades. As sub-categorias aqui apresentadas são: antes do SENAI, que posiciona a respeito da escolarização dos sujeitos antes de ingressarem no SENAI; em seguida vem SENAI, oferecendo informações a respeito do percurso dos sujeitos na instituição; Depois do SENAI, mostra por que caminhos os sujeitos enveredaram após sua experiência na instituição. Com essas informações será possível termos uma idéia mais ampliada do processo percorrido pelas pessoas que entrevistamos, antes, durante e depois de passar por essa instituição educacional.

#### **3.1) Antes do Senai**

Os dados que concentramos nesse item poderá dar uma idéia de quais eram as concepções sobre educação que as famílias tinham, como conduziam suas ações nesse sentido e qual o encaminhamento que davam a seus filhos.

A preocupação com os estudos em muitas das entrevistas aparece como uma constante. Isso sinaliza que vinculam um maior grau de escolaridade a melhorias no trabalho, maior chance de empregabilidade e melhores condições de vida. Essa perspectiva, esse anseio, está presente em quase todas as entrevistas, conforme relato abaixo:

Aparece aqui o reconhecimento de E, como filho, de que seus pais se preocupavam e se ocupavam dele, com seu bem estar, e não deixavam de fazer o que era necessário para garantir boas condições de vida a ele e seus irmãos, apesar de serem analfabetos e viverem em precárias condições econômicas. Nessa fala emerge a questão do cuidado que os pais tinham pelos filhos, a importância das crianças em suas vidas e o valor atribuído aos filhos. Esse contexto influi para que o entrevistado desenvolva uma maneira de olhar a si mesmo com respeito e atenção. Isso, segundo o relato, o entrevistado aprendeu com seus pais. Demonstra, assim, um elemento importante de seu processo de socialização.

*“Na época que a gente era pequeno, meu pai e minha mãe sempre preocupados com essa coisa de estudo, apesar de não ter dinheiro, mas meu pai ia lá, vendia uma bezerra, botava os 3 filhos para tratar dos dentes, então com 9 anos de idade eu fui para o dentista, era assim a preocupação, apesar deles serem praticamente analfabetos, mas essa coisa, eles tinham uma visão muito boa disso, da educação, do respeito e da saúde, de cuidar da saúde e tal, então isso aí eu acho que não tem dinheiro no mundo que pague isso, isso aí foi uma coisa assim muito legal mesmo que eles ensinaram para a gente”.*(E)

Todos os sujeitos são oriundos de famílias pobres e com dificuldades financeiras. O início da escolarização, segundo a maioria deles, deu-se em escola pública. Por parte das famílias dos sujeitos de nossa pesquisa, notamos que elas valorizavam a escolarização, os estudos, e alimentavam a esperança de que seria por intermédio da educação escolar, da qualificação profissional que seus filhos poderiam superar as condições difíceis de vida que seus pais tinham. A educação e a escola representavam uma importante oportunidade de superação do modo de vida atual e projetaria seus filhos para uma vida melhor, mais digna e promissora.

O entrevistado relata o início dos seus estudos em uma escola pública modelo e da necessidade que teve, ainda em sua infância, de trabalhar para ajudar o pai, exigindo, assim, que transferisse seus estudos para o período noturno. Isso tem um significado positivo na fala do entrevistado, ele faz esse relato com certo orgulho por ter estudado em uma escola modelo. Demonstra sentir uma certa desvantagem por ter que transferir seus estudos para a noite, mas parece que isso de certa forma se compensa com o fato de ajudar em casa com seu trabalho. Nessa fala, o entrevistado expressa a posição de importância e respeitabilidade que conquistou em seu grupo familiar.

*“Eu estudei o primário na Escola Estadual [...], era uma escola modelo, onde havia formação de professores. Do primário fiz a admissão naquele tempo à noite, porque era de família pobre, e já ajudava minha família trabalhando na parte elétrica em algumas coisas”. (A)*

O entrevistado afirma ter estudado em duas escolas públicas antes de conseguir sua aprovação nos exames de seleção da Escola SENAI.

*“Estudei em escola municipal, a primeira que eu estudei foi a que é hoje a Escola Estadual [...], mas antes ela era, provisoriamente, de frente ao [...], lá eu fiquei até a 4ª. série. Depois eu fui para Escola Estadual [...], onde eu fiz até a 7ª. série do ginásio”. (I)*

D demonstra que, pelo fato da mãe trabalhar, teve que ficar dos 7 meses até os sete anos de idade em uma creche da rede municipal; daí foi para uma escola pública estadual, em um bairro da Grande São Paulo, por ser uma escola de referência, onde estudou até a 8ª. série.

*“Fiquei desde os 7 meses de idade, até os 7 anos numa creche de freiras que tinha na Vila [...], tem até hoje, sai de lá eu fui para o primeiro ano, de 1ª a 8ª série lá na Escola Estadual [...], que era uma escola referência da região ali do bairro da [...]”. (D)*

O sujeito D, estudou até a 5ª série em escola particular, depois foi para escola do Estado. Percebeu que o conteúdo aprendido o favorecia em relação aos demais, tanto que desde cedo auxiliava os colegas em matemática.

*“A 1ª, a 2ª, a 3ª e a 4ª série eu fiz numa escola particular de freiras; fiz até a 5ª série, quando eu saí de lá e fui para uma escola estadual, eu percebi que eu estava num nível maior do que a maioria em relação ao ensino público; aí, inclusive, nessa época, eu era bem novinho, eu já ajudava os meus amigos de classe nas dificuldades que eles tinham em matemática, uma matéria assim que eles estavam mais atrasados, eu estava bem adiantado, tanto é que eu passei a 6ª e parte da 7ª série eu tinha ainda conteúdo da 5ª série que eu aprendi na escola particular”. (B)*

O entrevistado H, quando adolescente decide fazer curso técnico em mecânica, ingressando em uma das unidades do Senai.

*“Iniciei o primário aqui em [...] na Escola Estadual [...], depois continuei na Escola Estadual [...], no Bairro do [...], onde minha mãe era professora, e eu acabei estudando com ela o 3º e 4º ano de primário. Então mudei para o Instituto de Educação [...], que também é uma escola estadual. Quando eu fiz o meu ginásial, no [...], e no colegial surgiu a idéia de fazer o curso técnico em mecânica, máquinas e motores, foi onde eu entrei na Escola Roberto Simonsen para fazer o curso técnico de Máquinas e Motores, o que direcionou a minha vida para a área de mecânica”. (H)*

Percebemos aqui que esses trechos das entrevistas mostram a conduta dos sujeitos em relação à educação obtida na escola e como valorizavam essa formação. Esse fato permite dizer que a valorização e conduta de seriedade frente aos estudos foram construídas ao longo de sua educação no âmbito familiar e reforçada pelo projeto pedagógico do SENAI.

### **3.2) Durante o curso no Senai**

Buscamos concentrar, nesta parte, as informações que pudessem demonstrar os planos que os sujeitos tinham em relação a essa escola, como a instituição era vista pelas pessoas próximas aos sujeitos, como ingressaram no SENAI e o que contam sobre essa experiência.

A maioria dos entrevistados ingressou no SENAI com 14 anos de idade, após ter completado parte do, atualmente denominado, ensino fundamental.

Nessa fala fica evidenciado o esforço feito por parte das famílias para conseguirem encaixar seus filhos no SENAI. Essa instituição é vista como um porto seguro tanto no que diz respeito à formação moral e disciplinar de suas crianças quanto para encaminhá-los profissionalmente.

*“A minha avó tinha um amigo que era seu inquilino. Ele trabalhava na empresa [...]. A pedido de minha avó ele conseguiu uma carta de apresentação para mim e eu fui parar no Senai. Comecei a fazer o curso, não sabia nem aonde passava a parte elétrica na minha vida, nem sonhava. Comecei a fazer o curso que era em 2 anos (...), a gente tinha na época o ginásio. Esse era concluído junto com o curso profissionalizante, e quando o terminei fui trabalhar na empresa [...]. Terminei o estágio e eles me contrataram”. (E)*

Na fala transcrita abaixo aparece a representação do SENAI como marco na vida do entrevistado. F diz que conseguiu trilhar uma trajetória profissional ao iniciar o curso no SENAI, conforme relato anterior. Aqui podemos pensar que o SENAI, inicialmente pensado por Mange com o intuito de, simultaneamente, suprir as necessidades do mercado produtivo com mão-de-obra qualificada e servir de referência educacional para os filhos das famílias desfavorecidas cumpre sua função. Esse entrevistado expressa a apropriação de valores que vão ao encontro daqueles expressos pelos relatórios do SENAI na época em que foi construída a instituição. Vê-se aqui que as concepções expressas nos relatórios integram parte significativa do universo de valores do entrevistado, que, por sua vez, interfere na constituição de sua identidade.

*“(...) eu entrei no Senai e aí começou a mudar a trajetória da minha vida porque eu saí das ruas e consegui vir estudar no Senai em 72; meu pai me trouxe, fez minha inscrição, consegui passar na prova de seleção e consegui entrar no curso de eletricista de manutenção, e foi aí que comecei minha carreira profissional”. (F)*

O entrevistado I deixa subentendido que as informações recebidas de seus colegas sobre o SENAI o fez animar-se e incluir esse caminho como um projeto de vida. Fez sua inscrição na instituição, mesmo sem saber direito que curso gostaria de fazer. Fica explícito nessa declaração que não

importava, pelo menos em um primeiro momento, o curso que faria, pois o ingresso na instituição é o que importava. A partir de sua fala deixa transparecer a valorização que atribui à instituição SENAI como possibilidade de integração social.

*“Pelas informações que meus colegas do ginásio me passavam, vim até o Senai, fiz a inscrição, na verdade nem sabia direito qual era a profissão que eu estava me candidatando, na época era torneiro mecânico, posso até dizer que na época para mim torneiro mecânico era fazer torneira, não tinha nada a ver com isso, mas eu queria aprender uma profissão, não importava qual”. (I)*

Nota-se que o entrevistado D, considera-se privilegiado por ter entrado no SENAI, sendo para ele uma vitória, que se traduz em destaque, por poder sair do anonimato, da exclusão, contar significativamente para a sociedade e ganhar poder para se realizar em um mundo excludente. O ingresso na instituição, mais uma vez, aparece como um marco significativo, pois inicia uma nova fase na vida do entrevistado, fase esta marcada pela integração social e aquisição de poder, o que lhe confere dignidade e respeitabilidade, características importantes na constituição de sua identidade.

*“(...). Dos netos da minha avó, fui o primeiro a entrar no SENAI, mais por influência dos meus tios, que falavam “olha, vai entrar no Senai, faz o Senai porque nós mesmos fomos formados no Senai”. Meu pai foi procurar a empresa na qual trabalhava na época e conseguiu uma carta de apresentação para mim. Fiz inscrição, fiz prova, e passei para o curso de Manutenção Elétrica. Foi uma das primeiras vitórias da minha vida”. (D)*

Em sua fala, C demonstra a preocupação que teve na época em que passou no exame seletivo do SENAI; sem vínculo com nenhuma empresa, teria que fazer o primeiro termo na escola SENAI por um período



de 5 meses e cumprir outros 7 meses de estágio prático em uma empresa, correndo o risco de ter que ficar em casa.

*“Com 14 anos eu comecei aqui no Senai de Guarulhos a fazer o curso de Tornearia Mecânica. . Fiz o 1º termo<sup>29</sup>, naquela época o Senai mantinha o aluno aqui durante 5 meses e os demais 7 meses para ensinar o 1º termo eram de estágio, isto é, para quem tinha empresa, e na época eu não tinha empresa, provavelmente ficaria os 7 meses em casa”. (C)*

Sentindo a necessidade de mais conhecimentos, B soube do curso de mecânica e mecatrônica, ministrado na Escola Senai de São Caetano do Sul e decidiu prosseguir seus estudos.

*“Fiquei sabendo do curso do Senai de São Caetano do Sul, que era período integral, em mecatrônica; Então fui para a Escola Senai e fiz primeiramente o Curso de Aprendizagem Industrial em Eletrônica e por ter uma das melhores classificações e as melhores notas no curso, ingressei no curso de mecatrônica”. (B)*

O entrevistado H decide por fazer curso técnico em mecânica, ingressando em uma das unidades do Senai.

*“Quando eu fiz o meu ginásial, na Escola Estadual [...], e no colegial surgiu a idéia de fazer o curso técnico em mecânica, máquinas e motores na época, foi onde eu entrei na Escola Roberto Simonsen para fazer o curso técnico de Máquinas e Motores, o que direcionou a minha vida para a área de mecânica”. (H)*

Essa citação evidencia que o plano pedagógico oferece direções, caminhos pedagógicos para o desenvolvimento do trabalho educativo. No entanto, acontecem coisas no cotidiano escolar, entre as pessoas no âmbito do relacionamento que, apesar de não estarem previstas em planejamento, nos parece redirecioná-los, ou pelo menos oferecer outros caminhos para o

---

<sup>29</sup> Períodos de um semestre dos cursos regulares oferecidos pelas Escolas SENAI.

aluno. A fala desse sujeito deixa explicitado o sentido de formação como pessoa, pois ao terem abertura para conversar com os professores a respeito de “psicologia”, “sexologia” e outros assuntos que eram tabus para serem abordados por seus pais, recebiam essas informações dos professores na escola. Esses docentes passavam a ser referência de vida, modelos mesmo de conduta e estabeleciam vínculos afetivos intensos com os alunos. Quando o entrevistado diz que o professor era como seu “segundo pai”, deixa evidente a importância que essas pessoas tiveram em sua formação e que, apesar de não vê-lo mais, ele está vivo em sua lembrança, apontando caminhos e maneiras de relacionamento com o mundo e com as pessoas.

*“(...) Eu me lembro até hoje de um professor de educação física, que era o [...] e ele para mim foi assim um segundo pai, porque... eu já vou ficar emocionado com a coisa aí, porque tudo a nível de pessoa, ele parava às vezes lá no vestiário para conversar com a gente, e era muito bom, a gente tirava muita coisa boa, eu tenho muita... Como é que se fala? Eu tenho um retrato do que ele falava. E acabei levando para a minha vida toda, a respeito da prática de esportes, a nível de vida, de caráter da pessoa, conduta, carinho com a família, cuidado com drogas que ele passava muito, psicologia, sexologia, que na época era um tabu, eu lembro que eu pensava... Eu tentava resgatar alguma coisa com o meu pai, que saia pela tangente. O [...] deixava aberto para a gente conversar qualquer dúvida, a gente acabava tendo toda essa liberdade, e para mim ele foi assim um retrato, e o que aprendi com ele levo até hoje, porque a gente acaba adquirindo um pouco de cada professor também, e hoje acabo levando isso para os alunos também, às vezes eu acabo conversando a respeito de vários assuntos aí mais ligado a vida, não só a técnica”. (D)*

A afetividade como vínculo relacional intenso tem o poder de construir uma visão de si mesmo favorável, que possibilita à pessoa ressignificar-se, reposicionar-se frente às coisas do mundo e a si mesma. Entendemos que aqui se abre um importante fator para a constituição da identidade em direção à autonomia, regada com acolhimento, aceitação,

importância, respeito, amizade, envolvimento, ingredientes fundamentais para a constituição de identidades emancipadas. Essa condição pode facilitar e concretizar um outro plano identitário que aparece explicitado na intersubjetividade.

### **3.3) Depois da conclusão do curso no Senai**

Recolhemos os dados nessa sub-categoria que pudessem dar uma idéia de como os sujeitos se saíram após o término da formação técnica, como foram integrados no mercado e como isso foi vivido por eles.

Mediante modificações na nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9394/96) e por mudanças havidas no próprio SENAI, passou-se a exigir de seus professores o curso superior. Assim, os entrevistados se vêem na necessidade de buscar formação específica que possa dar o direito de continuar atuando em suas funções.

Atualmente o entrevistado G cursa a faculdade. Ir para a faculdade não foi uma escolha espontânea, ela foi motivada pelas exigências legais e do próprio SENAI. Tendo que cursar um curso superior, G procura, então, um curso que o habilitasse e o auxiliasse em suas aulas na área de elétrica, busca um curso que trata de área nova, que enfatiza a parte de informática e comunicação, parte que acredita ser uma de suas deficiências. Escolhe um curso na área de redes de computadores.

*“Retomando um pouco a seqüência da vida profissional ai, mediante as mudanças da LDB e outras mudanças que teve na instituição, o Senai começou a exigir o curso superior, onde eu me vi na necessidade de voltar a estudar novamente com 42 anos de idade acabei indo buscar um curso de*

*nível superior na área de redes de computadores, aonde era uma parte de comunicação que eu achava que era falha minha e acabei indo buscar essa (...)" (G)*

Ao demonstrar certa preocupação com que os outros dizem à respeito dos seus rendimentos financeiros, B afirma agora estar justificando o que dizem, mediante a escolha de cursar automação industrial em uma escola pública de ensino superior.

*"Então eu comecei fazer o superior; falei, agora eu já estou engrenando naquele nível para justificar que o pessoal acha que ganho muito, mas não ganho. Entrei na Federal que é a Escola Técnica Federal de São Paulo, faço curso superior de automação, estou na metade do curso mais ou menos". (B)*

O entrevistado C cursa Pedagogia, tendo em vista sua importância para as funções que desempenha, visando o seu futuro dentro do próprio SENAI, mas não era a sua opção inicial. Escolhe esse curso pelas facilidades de acesso e permanência.

*"Para quem lida na área da mecânica sempre o sonho é ser engenheiro; muitos tentaram, mas para nós na época não dava, ninguém faz engenharia duas vezes por semana, é muito complicado, não dava, não tinha jeito, aí eu fiz o curso de pedagogia, não que isso fosse uma coisa facilitada para mim, mas já é diferente, as condições que são exigidas é menor do que um curso de engenharia por ex., (...), então eu pensei em fazer pedagogia nessa faculdade, objetivando o futuro na empresa em que eu trabalhava, eu não pensava em sair do Senai em nenhum momento, pelo contrário, eu queria fazer algo que me perpetuasse ou me facilitasse a vida dentro do meu próprio emprego; então eu busquei a pedagogia, porque ela tem tudo a ver com o que eu faço no meu dia-a-dia, fiz o curso de pedagogia, sou pedagogo, sou licenciado em administração escolar (..)". (C)*

H concluiu o curso técnico de máquinas e motores, fez cursinho, cursou o nível superior em uma universidade da cidade de São Paulo, estagiou em diversas empresas, sempre na área de manutenção mecânica.

*“Fiz cursinho para entrar na faculdade e acabei entrando no curso de [...], no Município de [Grande São Paulo], onde eu fui estagiar também em uma multinacional em [Grande São Paulo]; desta empresa, a minha vida foi se direcionando para a área de mecânica. Da faculdade que comecei a estudar eu me transferi, porque estava muito longe para dar continuidade em meus estudos, transferi aqui para a cidade de São Paulo, na Universidade [...], que na época se chamava [...], depois que concluí o meu curso sempre atuei na área de formação” (H)*

O entrevistado F retoma seus estudos, agora para fazer o curso superior, trabalhando paralelamente como instrutor. Diz que além da satisfação pessoal, o curso escolhido o auxilia na prática pedagógica.

*“Eu trabalhava como instrutor de elétrica-eletrônica e com muita dificuldade em 1989, eu falei: “porque não agora terminar meu curso superior, já que estou numa instituição de ensino”, aí fui para a Universidade de [...], onde comecei a estudar [...] e mais ou menos em 1996 eu consegui concluir. (...) O curso, além de me satisfazer como ser humano, que é sempre buscar o progresso, me deixa confortável para ministrar as aulas de eletrônica porque tenho um conhecimento bem profundo na área”. (F)*

Os sujeitos, conforme os depoimentos acima selecionados, foram incentivados a continuar seus estudos devido as novas condições que se apresentavam em suas vidas. O SENAI, para enquadrar-se nas novas leis, passa a exigir curso superior de seus profissionais e assim os impulsiona, mais uma vez, a continuar seu processo de formação profissional. Os entrevistados declaram que cursaram faculdade e voltaram a sonhar com uma formação de nível superior, dando a entender que em algum momento

de suas vidas essas ambições ficaram adormecidas, voltando a despertar graças às exigências da instituição.

#### **4) O trabalho como instrutor do Senai**

Essa categoria busca trazer informações a respeito da reintegração de seus ex-alunos na instituição em questão. Os dados obtidos mostram muitos dos, significados atribuídos pelos sujeitos nessa nova experiência. Depois de algum tempo, vivendo outros espaços de trabalho, retornam à instituição com a função de cuidar da formação de outros alunos. É simultaneamente um reviver seu tempo de menino e uma responsabilidade quanto àqueles que estão, hoje, sob suas responsabilidades. Aqui tem-se a vivência de uma polaridade intensa, identificação/diferenciação, que está no centro da constituição de identidades.

No relato dos entrevistados, atuar como instrutor no SENAI é fazer parte de uma grande família, gostar do que faz, sentir-se realizado, feliz, satisfeito, é relacionar constantemente a teoria à prática, é ter espaço, ambiente para desenvolver um bom trabalho, é saber que os dias não são iguais, não tem como as pessoas serem iguais, e quem dá aula, tem que respeitar a individualidade do outro.

Apesar de estar aposentado, o entrevistado A continua desenvolvendo trabalhos para a associação dos empregados do SENAI.

*“(...) eu digo que o Senai está na minha vida, continuo trabalhando para a nossa associação dos empregados do Senai, atualmente fazendo um projeto para a nossa associação lá, estou para fazer um projeto em Tocantins, e estou trabalhando no desenvolvimento de*

*outros equipamentos, que em algum momento alguém vai bater na minha porta ou então eu vou bater na porta de alguém e falar, tem todo esse material aqui, vocês querem otimizar? (...) embora esteja aposentado, mas tenho a minha ocupação inteirinha” (A)*

Nessa fala, C afirma a importância de gostar do que faz, sentir-se realizado. Lecionar para ele é algo gratificante, não há rotina, porque a convivência e a responsabilidade em ensinar é agradável, ressalta que quem é professor tem que respeitar a individualidade do outro, pois sem isso não é possível ter acesso ao aluno. Deixa claro que o SENAI propicia a melhor relação professor-aluno, uma vez que passam um tempo significativo juntos; outra coisa importante é que as pessoas encontram-se em transformação constante.

*“No SENAI é muito gostoso de se trabalhar, o seu dia-a-dia nunca é igual porque como você lida com pessoas e tem que ensiná-las, o seu dia a dia não é igual, não tem como, as pessoas não são iguais e quem dá aula tem que respeitar muito a individualidade, se você não conhecer o seu aluno individualmente você não tem acesso e o Senai te propicia, porque você fica muito tempo com o aluno, então o seu dia-a-dia nunca é igual porque as pessoas são suscetíveis às mudanças, ainda mais o adolescente, ele muda diariamente, então o Senai nunca foi um tédio, pelo contrário, sempre foi uma coisa muito motivadora.” (C)*

Hoje, o professor H leciona na mesma escola que o formou, lecionando aulas de desenho mecânico. Está efetivado no Senai, mas já ministrou aulas em grandes empresas, ligadas à instituição.

*“Hoje dou aula para os alunos da Aprendizagem na Roberto Simonsen, eu dou aula de desenho mecânico para eles. A outra escola que eu dou aula é aqui no [...] em [...], Centro de Pesquisa Tecnológica, dou aula à noite na área de mecânica, metodologia, mecânica dos fluidos, desenho; hoje, desenho já é no Autocad, no computador... Estou efetivado aqui no Senai e estou direto na escola, mas já dei muitas aulas nas empresas por aí pelo Senai. Dei aula na*

[nome da empresa], *dava aula na [nome da empresa], na [nome da empresa]. Fazia a parte de treinamento nas empresas.* (H)

O entrevistado E deixa claro que a sala de aula é seu ponto alto de satisfação, realização, em transmitir com muita confiança o que aprende em seu curso superior de engenharia. Afirma estar consciente de contribuir com a qualidade de suas aulas na formação dos seus alunos, é isto que lhe garante alegria e conforto.

*“Eu me sinto muito realizado quando eu entro na sala de aula e posso transmitir com muita confiança aquilo que estou aprendendo no curso de [...], então isso me traz uma alegria tremenda, isso me deixa muito confortável, e o que eu puder fazer, no sentido de contribuir com a qualidade da minha aula eu vou fazer, não tenha a menor dúvida disso”. (E)*

O entrevistado é um professor que gosta de disciplina, aplica isso com os alunos, traz essa postura da época em que era aluno, qualifica como postura profissional, mas também é amigo, fala dos valores da vida.

*“Eu sou um professor que gosto da disciplina, que aplico isso, exijo isso dos alunos e aplico isso também, eu acho que eu trago isso um pouco de trás, daquela disciplina que a gente teve no Senai e acaba trazendo tudo isso que tinha atrás e acaba aplicando”. (D)*

A função de instrutor para todos os sujeitos é exercida com carinho, dedicação e regada de muita paixão pelo que fazem e pela instituição na qual trabalham. Acreditam em seu trabalho, no potencial do aluno. Fazem da profissão sua vida, e isso faz a diferença, pois existe o envolvimento com a atividade que executam e com as pessoas que estão sob sua responsabilidade.

## **5) O significado e o sentido do Senai na vida dos sujeitos**



Essa categoria tem como objetivo focar a questão da atribuição de significados e o sentido que o SENAI teve e tem na vida dos sujeitos, Como essa experiência vivida na instituição foi constitutiva de suas vidas.

No quadro a seguir serão apresentados os dados que julgamos mais significativos para desvelar esses significados e sentidos que o SENAI tem para os sujeitos de nosso trabalho. Fica explicitado pelos recortes que fizemos que a escola SENAI se diferencia, pois os seus alunos e egressos vêem os anos que lá passaram com muito prazer, muita aprendizagem, muita esperança em uma vida melhor, fizeram amizades com seus colegas de turma, com seus professores e funcionários. Enfim, a escola não é para eles aquele lugar que só se vai para estudar, de relacionamentos meramente formais, distantes, ambiente recheado por vaidades, rigor e exigências disciplinares, mas ao contrário disso, as exigências, a disciplina imposta, é vista como uma maneira de manifestação de afeto, de preocupação com sua educação e com o seu futuro. Daí os sujeitos declararem que no SENAI sentiam-se acolhidos, fazendo alguma diferença na sociedade e nos círculos de sua convivência. Apropriavam-se da idéia de que as condições que viviam seriam para dar-lhes o que havia de melhor em termos de formação e colocá-los em uma condição de respeito profissional, dignidade como cidadãos e, por fim, abrir-lhes novos caminhos de esperança e sonho. Essa escola não passou pela vida deles, mas como alguns declaram, fazem parte dessas vidas. Os sentimentos que nutrem em relação à instituição parece ser um dos bens maiores que essa instituição conseguiu construir, pois a cada ano mais pessoas aderem a sua causa. Essa aderência não é movida por fatores financeiros ou interesses

individuais isolados, mas se dá por aderirem a sua filosofia, por terem tido a oportunidade de ser um membro dessa instituição e movidos pelo sentimento de pertencimento, de identificação, gratidão, de privilégio por terem passado por essa formação. Nutrem o desejo, sonho de retornarem à escola e poderem contribuir com a formação de outros jovens e assim dar continuidade a um trabalho que, como um dos entrevistados declarou, *“mudou e muda a vida de milhões de pessoas”*. A instituição SENAI e a experiência que os sujeitos viveram lá representam um forte e importante ponto de ancoragem na constituição de suas identidades. A seguir, apresentar-se-á um quadro que reproduz as falas dos sujeitos sobre a presença do SENAI em suas vidas, incluindo trechos de entrevistas e depoimentos do Presidente Luís Inácio Lula da Silva sobre o mesmo assunto.

QUADRO 3

<b>Sujeito</b>	<b>O significado e sentido do Senai para os sujeitos</b>
A	“Digo que o Senai não passou na minha vida, ele está na minha vida, porque eu estou impregnado da causa Senai, que tem feito aí mudar a vida de milhões e milhões de pessoas, tem mudado a situação sócio econômica de milhares de pessoas, os alunos que passaram por mim, a maioria tudo bem colocado, bem formados, os que continuaram na área técnica, muito bem posicionados, chefe, responsáveis, gerentes, engenheiros, e outras áreas, médicos, que a gente sempre encontra por aí”
B	“Fazer Senai me deu o que eu queria, por exemplo, um emprego numa multinacional, depois me deu carteira suficiente para eu ficar pulando de um emprego para outro, eu pude escolher, inclusive aqueles salários, embora técnico, mas os topos. É aquela coisa, a pessoa tem que ter vontade, tem que

	<p>correr atrás do objetivo e tendo conteúdo, que foi o caso que o Senai me deu, aí a pessoa está bem preparada; é lógico que tem o componente sorte, a pessoa não está no lugar certo na hora certa, mas pelo menos na minha experiência de vida, me resolveu bastante”</p>
C	<p>“Eu me considero um privilegiado, primeiro por ter tido essa oportunidade de ter estudado no Senai, ter vivenciado tudo isso, ter ingressado na profissão, tê-la desenvolvido por todos esses anos, tive a oportunidade de trazer muitas pessoas para o Senai, na divulgação corpo a corpo conversando com as pessoas, informando essa importância, sempre fiz questão de dar essa ênfase do Senai para o adolescente principalmente, o Senai é a melhor casa, porque você tira da rua, você habilita ele para o mercado de trabalho, enfim, eu me sinto privilegiado por isso. Um, por ter passado por aqui e por último por trabalhar em uma entidade como o Senai. O Senai me deu a oportunidade de aprender muita coisa. Para mim o Senai continua sendo uma entidade de elite, de suma importância dentro do mercado profissional, porque nós não temos não, escola similar, mas com a contundência que o Senai tem eu ainda não consigo vislumbrar. A não ser que tenha e eu não conheça, mas o Senai ainda é o elo entre a indústria e as profissões”</p>
D	<p>Eu nunca perdi o vínculo com o Senai, achava que um dia eu ia voltar, porque a gente acaba se espelhando e achava importante esse trabalho do Senai. Mesmo fora acabei procurando o SENAI, fiz alguns cursos que as vezes nem precisava tanto profissionalmente, mas o fato de a gente poder estar estudando, porque quando eu terminei a faculdade eu fiquei algum tempo parado. O SENAI me abriu novos horizontes, eu tenho outros planos quanto ao SENAI, enquanto ele me quiser eu estou aqui dentro, eu só saio se for enxotado. É isso, o Maurício hoje é uma pessoa satisfeita profissionalmente, feliz e realizado graças à Deus, pois a vida não foi fácil . Eu acho que me achei aqui dentro do SENAI de novo.”</p>
E	<p>“... O SENAI me ajudou muito na minha vida profissional, o SENAI me ajudou construir a minha família, as coisas que tenho é tudo em função hoje do SENAI”. O SENAI que me proporcionou isso daí, um pouco de empenho da gente e dedicação, e hoje eu sou bastante feliz em estar aqui transmitindo os meus conhecimentos, e obviamente tentando aprimorar para cada dia o meu trabalho”.</p>
F	<p>“... Eu obtive através do SENAI duas conquistas, uma quando fui aluno, a oportunidade que eu obtive aqui na escola, talvez não seja possível fazer uma análise, mas talvez eu seria um pintor, um encanador como outros colegas meus da infância foram, ou então teria seguido outra carreira, mas o divisor mesmo de águas da minha vida foi o SENAI, e outra, enquanto aluno fui reconhecido pela instituição e passei a ser um instrutor da escola onde estudei. O SENAI é ponto de honra , é motivo de orgulho, mesmo para um aluno que conseguiu sair do nada, como também me desenvolvi muito depois que entrei para o SENAI, então não tenho queixas. Só tenho a agradecer, só tenho que falar bem da instituição, porque em matéria de Recursos Humanos quando aqui</p>

	cheguei em 1987 eu acabei de me desenvolver como ser humano”
G	“Nessa minha parte profissional, a ajuda que o Senai poderia dar foi bastante significativa. E no Senai não tem só esse, tem meu tio também, que é irmão do meu pai, que também é professor do Senai em São Carlos, já aposentado também, então quer dizer, o Senai ajudou a nossa família ai em várias etapas”
H	“Para mim o SENAI foi a vida, eu sou filho do Senai, não por ser filho do meu pai, mas eu vivi a vida inteira na escola do Senai; ela é tudo de mais importante na minha vida, eu dei essa mudada para o comércio, mas acabei com vontade de retornar e acabou dando tudo certo, retornei e estou de novo dando aula no Senai. (...) Para nós o Senai foi a vida, o meu pai se aposentou com 40 anos de Senai, só de Guarulhos foram 25 e eu se contar o tempo que eu já estou no Senai, eu estou trabalhando há mais de 10 anos, porque na época que eu trabalhei durante 6 ou 7 anos, depois eu trabalhei por conta do meu comércio e retornei agora, já estou há mais 3 anos. E eu pretendo continuar, seguir a minha carreira até me aposentar.”
I	“Eu devo muito à questão do Senai nessa minha jornada, que se não tivesse sido o Senai, sinceramente, eu não sei o que eu iria fazer nessa questão profissional .O SENAI está envolvido em nossa vida há muitos anos, a gente tem o SENAI como fazendo parte do nosso cotidiano como uma grande família. Aquilo que você aprende profissionalmente pesa muito com o que você vai ter como definição de carreira. Enquanto que as pessoas que simplesmente vão indo conforme as coisas vão acontecendo, sem procurar um projeto de vida, a situação fica realmente complicada. As pessoas ficam largadas a própria sorte.”
Luís Inácio Lula da Silva	“O SENAI mudou completamente a minha vida. Você passava a ter um tratamento digno, tinha esportes, aulas teóricas, convivia com pessoas que estavam trabalhando em outras fábricas. Eu acredito que, se não foram os três anos mais importantes da minha vida, forma anos que eu, efetivamente guardarei para sempre, porque foram três anos em que eu me senti gente... Foi o paraíso! A impressão que tenho é que conquistei o direito de cidadania quando entrei no curso de Torneiro Mecânico. O SENAI foi a melhor coisa que apareceu na minha vida. Porque? Porque eu fui o primeiro filho da minha mãe a ter uma profissão, o primeiro a ter diploma do até então curso Primário, eu fui o primeiro filho da minha mãe a ter uma geladeira, o primeiro a ter uma casa e um carro. Se eu não tivesse um curso do SENAI possivelmente eu não teria sido dirigente sindical. Quem sabe, eu seria igual a milhões de pessoas que estão aí perambulando.” (Revista do SENAI/SP, ano I nº 2, p. 6). “Eu queria dizer para vocês que o SENAI é uma marca na minha vida. Eu, graças ao SENAI, mudei o meu destino. Foi o SENAI que me deu uma profissão, foi por conta do SENAI que eu arrumei um emprego razoável, foi por

	<p>conta do SENAI que eu deixei de ganhar o salário mínimo, foi por conta do SENAI que eu fui para São Bernardo, foi por conta do SENAI que virei dirigente sindical, foi por conta do SENAI que criei tudo mais na minha vida. E, foi por conta do aprendizado que tive no SENAI que eu cheguei a Presidente da República”.</p>
--	--

Observamos nas falas dos entrevistados um discurso muito semelhante sobre o significado do SENAI em suas vidas; reputam a essa agência formadora de mão-de-obra a responsabilidade por ter mudado os destinos de suas vidas profissionais, em ter acrescentado mais significados do que poderiam ter conseguido se não tivessem passado por ela.

Abaixo fica evidente o quanto o SENAI significa na vida desse entrevistado. Diz que a instituição não passou, mas o constituiu e ainda sente que ela está presente em sua vida. Aponta que muitos daqueles que conheceu na escola estão bem colocados, conseguiram se integrar na sociedade de forma respeitável e digna.

*“Digo que o Senai não passou na minha vida, ele está na minha vida, porque eu estou impregnado da causa Senai, que tem feito aí mudar a vida de milhões e milhões de pessoas, tem mudado a situação sócio econômica de milhares de pessoas, os alunos que passaram por mim, a maioria tudo bem colocado, bem formados, os que continuaram na área técnica, muito bem posicionados, chefe, responsáveis, gerentes, engenheiros, e outras áreas, médicos, que a gente sempre encontra por aí”. (A)*

Na de B fala também transparece a importância do SENAI como instituição que o preparou para conseguir um trabalho que pode escolher. Fala que, apesar de ser técnico, era bem remunerado por seu trabalho. No entanto, aponta a questão de *sorte*, que define como *estar no lugar e hora certos*.

*“ (...) Fazer Senai me deu o que eu queria, por exemplo, um emprego numa multinacional, depois me deu carteira suficiente para eu ficar pulando de um emprego para outro, eu pude escolher, inclusive aqueles salários, embora técnico, mas os topos. É aquela coisa, a pessoa tem que ter vontade, tem que correr atrás do objetivo e tendo conteúdo, que foi o caso que o Senai me deu, aí a pessoa está bem preparada; é lógico que tem o componente sorte, a pessoa não está no lugar certo na hora certa, mas pelo menos na minha experiência de vida, me resolveu bastante”. (B)*

Uma leitura atenta desses trechos das entrevistas mostra que há muito em comum nas falas dos entrevistados, como reconhecimento ao SENAI por ter sido em suas vidas mais do que uma escola para ensinar uma profissão, mas de representar uma vivência profunda de estabelecimento de vínculos afetivos, de ter sido uma experiência em ambiente que os reportam a um convívio familiar. Essa intensidade experimentada nas relações, os cuidados recebidos, criaram marcas profundas em suas subjetividades, que todos dizem levar em suas vidas em outros muitos contextos que participam. No trecho selecionado a seguir, há novamente destaque sobre a questão dos vínculos, da continuidade desses sentimentos e do reconhecimento de que a instituição funcionou como importante agência formadora e integradora para suas identidades.

*“Eu me considero um privilegiado, primeiro por ter tido essa oportunidade de ter estudado no Senai, ter vivenciado tudo isso, ter ingressado na profissão, tê-la desenvolvido por todos esses anos, tive a oportunidade de trazer muitas pessoas para o Senai, na divulgação corpo a corpo conversando com as pessoas, informando essa importância, sempre fiz questão de dar essa ênfase do Senai para o adolescente principalmente, o Senai é a melhor casa, porque você tira da rua, você habilita ele para o mercado de trabalho, enfim, eu me sinto privilegiado por isso. Um, por ter passado por aqui e por último por trabalhar em uma entidade como o Senai. O Senai me deu a oportunidade de aprender muita coisa. Para mim o Senai continua sendo uma entidade de elite, de suma importância dentro do mercado*

*profissional, porque nós não temos não, escola similar, mas com a contundência que o Senai tem eu ainda não consigo vislumbrar. A não ser que tenha e eu não conheça, mas o Senai ainda é o elo entre a indústria e as profissões”. (C)*

O entrevistado D afirma que nunca perdeu o vínculo com o SENAI, acreditava que um dia voltaria, que a pessoa acaba levando a bagagem recebida pelo SENAI por toda sua vida. Afirma que o SENAI abriu novas perspectivas de vida, que possui outros planos com relação à instituição e ali pretende ficar como quiserem.

*“Eu nunca perdi o vínculo com o Senai, achava que um dia eu ia voltar, porque a gente acaba se espelhando e achava importante esse trabalho do Senai. Mesmo fora acabei procurando o SENAI, fiz alguns cursos que as vezes nem precisava tanto profissionalmente, mas o fato de a gente poder estar estudando, porque quando eu terminei a faculdade eu fiquei algum tempo parado. O SENAI me abriu novos horizontes, eu tenho outros planos quanto ao SENAI, enquanto ele me quiser eu estou aqui dentro, eu só saio se for enxotado. É isso, o (D) hoje é uma pessoa satisfeita profissionalmente, feliz e realizado graças à Deus, pois a vida não foi fácil. Eu acho que me achei aqui dentro do SENAI de novo”. (D)*

Em sua fala E atribui ao SENAI a responsabilidade por sua trajetória profissional, bem como ajudando-o a construir uma família, a realização dos seus sonhos; demonstra sua gratidão e fala da felicidade de poder transmitir seus conhecimentos aos alunos.

*“(…) O SENAI me ajudou muito na minha vida profissional, o SENAI me ajudou construir a minha família, as coisas que tenho é tudo em função hoje do SENAI”. O SENAI que me proporcionou isso daí, um pouco de empenho da gente e dedicação, e hoje eu sou bastante feliz em estar aqui transmitindo os meus conhecimentos, e obviamente tentando aprimorar para cada dia o meu trabalho”. (E)*

O entrevistado F coloca a instituição SENAI como um divisor de águas em sua vida, atribui a essa agência de formação profissional o mérito de ter mudado sua trajetória de vida, enfatiza a honra de ter estudado nessa escola e do reconhecimento que teve ao integrar o quadro de docentes.

*“(...) Eu obtive através do SENAI duas conquistas, uma quando fui aluno, a oportunidade que eu obtive aqui na escola, talvez não seja possível fazer uma análise, mas talvez eu seria um pintor, um encanador como outros colegas meus da infância foram, ou então teria seguido outra carreira, mas o divisor mesmo de águas da minha vida foi o SENAI, e outra, enquanto aluno fui reconhecido pela instituição e passei a ser um instrutor da escola onde estudei. O SENAI é ponto de honra, é motivo de orgulho, mesmo para um aluno que conseguiu sair do nada, como também me desenvolvi muito depois que entrei para o SENAI, então não tenho queixas. Só tenho a agradecer, só tenho que falar bem da instituição, porque em matéria de Recursos Humanos quando aqui cheguei em 1987 eu acabei de me desenvolver como ser humano”. (F)*

Para o entrevistado G o SENAI contribuiu significativamente em sua vida profissional, não parando somente nele, mas ajudou também sua família.

*“Então nessa minha parte profissional, a ajuda que o Senai poderia dar foi bastante significativa. E no Senai não tem só esse, tem meu tio também, que é irmão do meu pai, que também é professor do Senai em São Carlos, já aposentado também, então quer dizer, o Senai ajudou a nossa família ai em várias etapas”. (G)*

Afirma H que credita todo o seu sucesso, estudantil e profissional, ao SENAI. Nota-se que vê na instituição SENAI a possibilidade de seguir os caminhos do pai para a aposentadoria.

*“Para mim o SENAI foi a vida, eu sou filho do Senai, não por ser filho do meu pai, mas eu vivi a vida inteira na escola do Senai; ela é tudo de mais importante na minha vida, eu dei essa mudada para o comércio, mas acabei com vontade de retornar e acabou dando tudo certo,*



*retornei e estou de novo dando aula no Senai. (...) Para nós o Senai foi a vida, o meu pai se aposentou com 40 anos de Senai, só de [...] foram 25 e eu se contar o tempo que eu já estou no Senai, eu estou trabalhando há mais de 10 anos, porque na época que eu trabalhei durante 6 ou 7 anos, depois eu trabalhei por conta do meu comércio e retornei agora, já estou há mais 3 anos. E eu pretendo continuar, seguir a minha carreira até me aposentar. (...) E como eu falei, o que me levou para a Roberto Simonsen foi o curso técnico, eu passava o dia inteiro na escola, ficava de manhã e de tarde lá fazendo o técnico em máquinas e motores, depois eu fiz engenharia, quando eu fazia engenharia eu dava aula, então para mim a base que o Senai deu foi muito bom". (H)*

Segundo I, seu sucesso profissional deve-se ao SENAI. Em sua avaliação, o aprendizado profissional assume um peso muito grande em sua colocação no mercado de trabalho e influencia fortemente seu projeto de vida; entende que aquelas pessoas que se deixam levar pelos acontecimentos sem um planejamento que expresse suas intenções de realizações ficam “*largadas à própria sorte*”.

*“Eu devo muito à questão do Senai nessa minha jornada, que se não tivesse sido o Senai, sinceramente, eu não sei o que eu iria fazer nessa questão profissional. O SENAI está envolvido em nossa vida há muitos anos, a gente tem o SENAI como fazendo parte do nosso cotidiano como uma grande família. Aquilo que você aprende profissionalmente pesa muito com o que você vai ter como definição de carreira. Enquanto que as pessoas que simplesmente vão indo conforme as coisas vão acontecendo, sem procurar um projeto de vida, a situação fica realmente complicada. As pessoas ficam largadas à própria sorte”. (I)*

Fica evidenciado nessa categoria a enorme importância e significado que o SENAI tem na vida daqueles que passaram por lá, como uma referência de localização social, *identificação/ diferenciação* em relação aos demais grupos da sociedade. Sua influência, como pudemos notar, teve força constitutiva sobre as identidades dos sujeitos entrevistados, e o que é interessante perceber, é que os discursos são muito semelhantes. Todos

afirmam terem sido privilegiados pela oportunidade de estudarem naquela escola, atribuem a essa formação todas as conquistas que conseguiram em suas vidas, e deixam de forma clara que existe uma linha divisória em suas vidas que podem ser traduzidas como: antes e depois do SENAI, mostrando a força de transformação que essa experiência teve em suas trajetórias.

Como síntese, transcrevemos abaixo algumas palavras de nosso Presidente da República:

*“O SENAI mudou completamente a minha vida. Você passava a ter um tratamento digno, tinha esportes, aulas teóricas, convivia com pessoas que estavam trabalhando em outras fábricas. Eu acredito que, se não foram os três anos mais importantes da minha vida, foram anos que eu, efetivamente guardarei para sempre, porque foram três anos em que eu me senti gente... Foi o paraíso! A impressão que tenho é que conquistei o direito de cidadania quando entrei no curso de Torneiro Mecânico. O SENAI foi a melhor coisa que apareceu na minha vida. Por quê? Porque eu fui o primeiro filho da minha mãe a ter uma profissão, o primeiro a ter diploma do até então curso primário, eu fui o primeiro filho da minha mãe a ter uma geladeira, o primeiro a ter uma casa e um carro. Se eu não tivesse um curso do SENAI possivelmente eu não teria sido dirigente sindical. Quem sabe, eu seria igual a milhões de pessoas que estão aí perambulando.”*

*“Eu queria dizer para vocês que o SENAI é uma marca na minha vida. Eu, graças ao SENAI, mudei o meu destino. Foi o SENAI que me deu uma profissão, foi por conta do SENAI que eu arrumei um emprego razoável, foi por conta do SENAI que eu deixei de ganhar o salário mínimo, foi por conta do SENAI que eu fui para São Bernardo, foi por conta do SENAI que virei dirigente sindical, foi por conta do SENAI que criei tudo mais na minha vida. E, foi por conta do aprendizado que tive no SENAI que eu cheguei a Presidente da República”. (Luiz Inácio Lula da Silva)*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com nossa pesquisa entendemos que o SENAI tem um plano de ação educativa voltado para a constituição de identidades subservientes, pois já na história de sua criação, com a figura de Roberto Mange era possível vermos alguns dos critérios colocados por essa instituição para a aceitação ou rejeição de um jovem candidato. Constatamos nos documentos avaliados por nós que alguns dos critérios de seleção utilizados era que o jovem viesse de família pobre, indicado por uma empresa, quisesse estudar, ser aplicado e não tivesse nenhum envolvimento político e nem mesmo seus familiares. Isso demonstra que uma das preocupações era de que os alunos SENAI, e depois os profissionais formados pela instituição, não viessem a acarretar nenhum tipo de problema, como militância sindical, colocando-se contra as indústrias que financiavam sua formação.

A disciplina rígida é imposta pela instituição, agindo sobre comportamentos e desempenhos na escola e fora dela, quase como um rol de condutas morais. A obediência a esse conjunto de regras é obtida pela promessa de emprego, função, salário, benefícios e colocação em empresas consideradas boas empregadoras. O “suposto” sucesso na superação das condições originais de vida é o tempo todo demonstrado, cotidianamente escancarado para o aluno, tomando como exemplo os instrutores. A partir de nossa pesquisa, entendemos que a maioria conseguiu se dar bem e superar as condições de pobreza inicialmente evidenciadas e colocar-se de forma mais confortável e digna perante a sociedade, com garantia de

emprego, possibilidade de estudar e prosseguir com os estudos, sobrevivência digna para a família e para si mesmo.

As matérias priorizadas pela instituição também mostraram que não há preocupação com disciplinas que trabalham com conhecimentos gerais, que oferecem subsídios para a construção da capacidade de pensamento crítico. O aluno do SENAI, ainda hoje, é exposto a um currículo que prioriza e enfatiza a execução de tarefas e a habilidade técnica.

A instituição preocupou-se, desde seus primórdios, com a orientação de jovens provenientes de famílias pobres. Essas eram consideradas, segundo os documentos analisados, como precárias para oferecer condições à educação de seus filhos. A concepção que se tinha da pobreza era de uma carência geral de higiene, valores inadequados ao bom convívio, tendência à marginalidade, famílias “*desestruturadas*”, o que para eles significava família não nuclear, com valores muito diferentes daqueles valorizados pela ideologia dominante e pela moralidade vigente. Entendiam que esses alunos, imersos em uma ambiência desfavorável para sua formação de caráter, poderiam ser uma ameaça à ordem social posta. Com essa concepção, ofereciam o norte da construção e implantação do SENAI. Roberto Mange explicitou que uma das funções pensadas para a instituição era dar condições e valores que pudessem contribuir para a formação de um “*caráter idôneo*” dos jovens, oferecer possibilidade deles terem uma profissão e contribuírem para o contexto social, exercendo uma profissão que alavancasse a produção brasileira e abastecesse as necessidades do mercado produtivo, além de intervir na diminuição dos índices de marginalidade social, que poderia comprometer a ordem existente na sociedade e se tornar uma ameaça aos demais cidadãos.

As construções das unidades SENAI primam pela limpeza, boas instalações, alimentação bem cuidada e todas as atividades são programadas e com horário previamente estabelecido. Essa organização tem como objetivo educar os jovens para que aprendam a conviver em um ambiente de ordem, limpeza e solidariedade. A vivência nesse ambiente, para muitos dos alunos, os colocava na condição de poderem freqüentar um lugar tão bem arrumado e participarem de esportes, estudarem para obter uma profissão e ainda receberem uma pequena ajuda de custo, que os auxiliava com outros gastos e de suas famílias. Ao experimentarem essas novas condições de vida, muitos começavam a se dar o direito de sonhar e planejar mais para suas vidas, que fosse além da mera sobrevivência. Passavam a se ver mais como cidadãos de direito, acolhidos e integrados na sociedade.

Essa situação imposta pela escola estende-se para o trabalho, buscando formar bons funcionários, adaptados e integrados ao ambiente empresarial, técnicos de alta qualidade e obedientes. Estende-se também para outros campos da vida: família nuclear constituída que se mantém unida (ao contrário do que se vê no resto da sociedade: aumento de separações, divórcios, abandono, etc). Estabelece-se um modelo de cidadão que é trabalhador competente tecnicamente, obediente, conformado, pai de família, integrado à sociedade. Essas condições oferecidas pela escola, somadas aos vínculos intensos de afetividade com professores, e todos aqueles que cuidavam do andamento da instituição, as amizades conquistadas naquele espaço, o cuidado constante dispensados aos alunos promovia, segundo nossa análise, gera uma forte contradição entre o que a instituição pretendia formar, pessoas tranqüilas e obedientes, que

soubessem ouvir, obedecer e executar, e o que efetivamente formava, pois passavam a dar condições para eles se perceberem como pessoas importantes para a sociedade, construindo suas identidades de maneira a planejar seu ingresso na universidade, obtendo maior titulação e qualificação que aquela proposta pelo SENAI, ou, ainda, escolher outros caminhos como, por exemplo, ser líder sindical e lutar pela melhoria das condições sociais de sua classe, conforme a história de Lula. Este, ao mesmo tempo que se tornou o ideal proposto pelo SENAI, foi também seu reverso; por isso tornou-se presidente.

Luis Inácio Lula da Silva não está na categoria de sujeito dessa pesquisa, mas foi chamado para essa discussão, pois sua história singular reflete a história de muitos daqueles que passaram pela instituição SENAI.

Lula precisou trabalhar precocemente para ajudar em casa, vendia amendoim, tapioca e laranja na rua; estudou em escola pública. As condições de vida que sua família tinha era de muita pobreza e dificuldades de muitas ordens. Sonhava em ter um pai que o levasse para passear e que o ajudasse nos deveres da escola, e se emociona quando diz que “(...) *por causa da política não pude dar aos filhos o que sempre quis (...)*”. Sua mãe queria que ele fosse mecânico e ouviu em uma fábrica de parafusos que estavam precisando de um menino para mandar para o SENAI. Segundo ele “(...) *No primeiro teste que fiz, só tinha vaga para fundidor e eu não queria, porque minha mãe dizia que eu tinha que ser mecânico. Depois consegui entrar no curso de Torneiro Mecânico no SENAI do Ipiranga*”. A alegria que a mãe de Lula sentiu naquele momento, segundo ele, se compara:

*“(...) à alegria de uma mãe que vê o filho passar no vestibular ou de se formar na universidade. Para uma pessoa de classe média, o filho não chegar à universidade é uma frustração muito grande, mas para uma família pobre, que vem do nordeste ou mora na periferia, o filho chegar a ter uma profissão já é uma coisa fantástica”.*

Nessa sua fala fica evidente a importância de ter uma profissão e conseqüentemente a importância de uma escola que possa dar essa formação. Esse dado está de pleno acordo com todos os entrevistados dessa pesquisa.

O Presidente Lula formou-se torneiro mecânico em 1963 no SENAI e, em 1964, transferiu-se para a Metalúrgica Independência. Foi aí que perdeu o dedo mínimo da mão esquerda em acidente.

O Presidente começou a despertar para os problemas sociais, o trabalho duro na fábrica, a pobreza que parecia não ter fim, as enchentes que chegavam e destruíam tudo. O desconforto e a desesperança que batiam no fundo do coração de cada um chamaram a atenção de Lula, que ia tomando consciência daquilo.

Até seu primeiro dia de trabalho como torneiro mecânico, Lula havia feito poucas escolhas na vida. Não decidiu mudar-se para São Paulo e tampouco optou por ser metalúrgico. Na verdade queria ser motorista de caminhão, mas a mãe havia resolvido que, ao menos o caçula dos meninos teria um diploma do SENAI.

Com essas informações, obtidas por meio de revistas e boletins informativos do SENAI, evidencia-se que nas condições em que Lula foi criado, o que imperava era uma educação de obediência aos desejos e

decisões de sua mãe que concentrava autoridade sobre seus filhos, já que os criou sozinha. Com isso não estranhou o regime de disciplina do SENAI, o rigor de regras e normas; ao contrário, sua entrada na instituição foi marcada por um sentimento de pertencimento e ampliação de possibilidades, de importância perante a vida, a sociedade. Ele descreve bem isso, quando diz que ao entrar no SENAI “(...) *descobriu que tinha direito a boa comida, e quente, a um lugar limpo e à educação*”. Com essa experiência muitos caminhos e possibilidades começam a fazer parte de sua realidade, o que permite que ele, assim como os sujeitos dessa pesquisa, sonhassem com coisas que antes não lhes ocorria ser possível e redirecionassem suas vidas.

O Presidente refere-se ao SENAI como “(...) *a melhor coisa em sua vida*”, fala que foram os três anos mais importantes de sua vida, que guardará para sempre. Diz que o SENAI foi a porta de entrada para tudo o que aconteceu em sua vida, e que “(...) *se não tivesse aprendido uma profissão, não estaria na condição de Presidente da República*”.

Essa questão de atribuir as conquistas posteriores ao ingresso no Senai também coincide com os sujeitos de nossa pesquisa. Assim, vai ficando claro o quanto essa instituição formadora de mão-de-obra, comprometida com o abastecimento do mercado produtivo, tem sido importante na vida de muitos meninos, que, depois dessa experiência, sentem-se seguros para sonhar mais alto. Entendemos que temos aqui desvelada uma realidade que se desenha, simultaneamente, com um objetivo de educação subserviente, se considerarmos seu projeto político pedagógico, e com uma vivência que acontece no dia-a-dia da escola, com envolvimento de todos alunos, professores e funcionários, que acreditam



fortemente na educação oferecida e que seus alunos se destacarão no mercado, estabelecendo com eles uma relação de confiança, transparência, consideração e respeito; conseguem por esse caminho, muitas vezes, inverter os resultados do planejamento que está estabelecido, pois este está no papel, sem vida, até que pessoas o coloquem em ação com suas crenças, convicções, sentimentos e com as relações que estabelecem. Fica para nós que a maneira como se coloca em ação um plano, os ingredientes que se utilizam para executar um plano diretor, faz toda a diferença nos resultados que obteremos.

Os sentidos e os significados que se constroem ao longo da experiência vão colorindo ou acinzentando aquilo que vivemos. No caso do SENAI, os significados que, de modo geral, nossos entrevistados, o Presidente Lula e muitos outros construíram em relação à Instituição justificam a importância, a lembrança que têm e sentimentos que sustentam em relação a essa escola.

Muitos dos entrevistados ingressaram em cursos superiores e continuaram estudando. Outros estavam realizados por terem conquistado uma profissão e prestarem serviço junto à instituição, só que hoje eles ocupam a função de instrutores. Esses instrutores ou professores também nutrem uma paixão pela escola e passam isso para seus alunos. Procuram realizar suas tarefas e atividades da melhor forma possível e de fato se interessam por ver seus alunos bem colocados no mercado de trabalho e poderem realizar-se em suas vidas, acreditando em suas capacidades e entendendo que seus sonhos deveriam ser conquistados e com isso se efetivaria a educação no SENAI.

O SENAI tem exercido uma importante função social, que é de integrar jovens pobres na dinâmica social e econômica em que vivemos. Isso é incontestável, na medida em que avaliamos o número de pessoas que por lá passaram e que depois de muitos anos ainda atribuem àquela instituição a responsabilidade e oportunidade de suas conquistas. Muitos dos entrevistados conseguiram constituir família e se posicionar razoavelmente na sociedade, graças à profissão que desenvolveram nos tempos de escolaridade SENAI.

Permitimo-nos pensar que tendo reconhecido essa função integradora da instituição, nos damos ainda o direito de ousarmos pensar que essa integração poderia ser ainda mais eficiente se o plano de ensino sofresse algumas modificações curriculares e seu compromisso fosse explicitamente com o aluno e sua família, invertendo dessa forma a situação da instituição. Não somos ingênuos para não percebermos que se isso acontecesse de forma drástica a instituição perderia as verbas que a sustentam, que vem de contribuições da própria indústria que espera receber mão-de-obra qualificada. Temos aqui posta uma questão bastante delicada.

Em termos curriculares, se fossem contempladas as matérias de Português, Sociologia, Psicologia, Filosofia e outras, a instituição estaria oferecendo aos alunos melhores condições para o desenvolvimento de um pensamento crítico e integrando-o no mundo daqueles que têm acesso ao saber construído pela humanidade. A análise dessas entrevistas, somadas a nossa experiência pessoal, proporcionou-nos maior clareza quanto à questão que sempre nos colocamos: como uma instituição planejada para atender fundamentalmente aos interesses do capital; com uma visão da pobreza como algo que deveria ser rapidamente atendida para se evitar o

aumento da criminalidade (como se somente essa condição já bastasse para criar desvios de comportamentos); disciplina excessivamente rigorosa e um plano pedagógico voltado para a servidão, subserviência, execução de tarefas e desenvolvimento de habilidades técnicas, poderia, ao mesmo tempo, formar pessoas como Luis Inácio Lula da Silva, atual presidente do país; o pesquisador deste trabalho, com formação acadêmica densa e variada, professor universitário há vinte anos; Flávio Navalho Machado, formado em engenharia, com curso no exterior e atualmente empregado em uma empresa multinacional automobilística com o cargo de gerente da engenharia de qualidade; Marcos César Pontes, primeiro astronauta brasileiro, integrado ao Programa de Formação de Astronautas da Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço da NASA (EUA); José Luiz Brum, proprietário da Eletro Metalúrgica Brum; José Juarez Guerra, diretor comercial da Finder Componentes Ltda; Daniel de Jesus Leite, diretor titular da CIESP diretor titular da CIESP Regional de Sorocaba e proprietário da DANNER Escapamentos; Romeu Covolan, proprietário da Têxtil Canatiba; Lara Vollmer, proprietária da Vollmer Design; assim como Vicentinho, líder sindical e quadro político do Partido dos Trabalhadores, e tantos outros bem sucedidos profissionais e empresários. Todos nós, de alguma forma, compartilhamos um sentimento semelhante em relação ao tempo vivido na instituição SENAI. Sentimento este de agradecimento por termos sido acolhidos, envolvidos por relações respeitadas, por olhares crédulos em nossa capacidade profissional, intelectual e afetiva e isso contribuiu para que pudéssemos, a grande maioria de nós, nutrirmos saudade por aqueles velhos tempos. Tempos esses que tínhamos, é verdade, muitas coisas a fazer, mas éramos, em contrapartida, respeitados e protegidos por professores e funcionários, que como nós, egressos da escola, sentiam-se orgulhosos e honrados por serem orientadores na instituição. Nós, alunos

naquela época, sentíamos-nos igualmente privilegiados por estarmos adentrando essa instituição, que em nosso meio era valorizadíssima.

Esse contexto relacional e afetivo trouxe-nos ousadia para acreditarmos em nós mesmos; apesar de tantos olhares desqualificadores que presenciávamos, nos sentíamos fazendo parte de um meio que era solidário, amigável e comprometido com nosso desenvolvimento, por acreditarem estar fazendo o melhor que era possível. Apesar de o plano pedagógico apontar em uma direção de personagens submissas e subservientes, fica evidenciado, neste trabalho, que as condições que se têm somado à maneira e ao envolvimento das pessoas realizarem suas atividades podem determinar as conseqüências de seu trabalho, ou seja, nesse caso, contribuir para a formação de identidades autônomas.

As condições que o SENAI nos proporcionou, somada às relações afetivas que se teciam e se mantinham naquele convívio diário, nos proporcionou repensar, rever muitas questões de vida, de posicionamentos pessoais, bem como reavaliar o peso que tínhamos e que temos na sociedade como cidadãos participativos. Isso transformou muitos dos significados em nossas vidas e nos possibilitou, cada um a seu modo, nos constituirmos como somos hoje.

Discutir identidade é discutir relação, e esta por sua vez, envolve aspectos de qualidade, afetividade e poder, dando o colorido às coisas que vemos.

Como conclusão de nossas idéias até aqui, dizemos que a afetividade dentro dessa dinâmica relacional - intersubjetividade -, assim como as

condições materiais a que o indivíduo está imerso são tão fortes e intensas, que são constitutivas do sujeito e que são delas que podem emergir, efetivamente, a possibilidade de constituição de identidades emancipadas.

Precisamos nos manter atentos para não fazermos análises superficiais de uma situação ou de um fenômeno nos atendo somente aos dados mais aparentes. Em nosso caso, com o estudo do SENAI, com o resgate histórico não se podem negar os motivos que levaram à criação de uma instituição como o SENAI. A história está recheada de fatos incontestáveis. No entanto, quando se busca compreender o sentido e os significados construídos pelos sujeitos envolvidos em um processo de formação, muitas surpresas podem apresentar-se a nós. Entendemos que depois de estudar cada detalhe contextualizado do SENAI, temos a possibilidade de colocar essa instituição na posição de vilã, daquela que oferece uma educação apontando para a subserviência, para a heteronomia de seus alunos e que mantém um vínculo estreito com o mercado produtivo, uma vez que é mantida pelas empresas. Isso de fato acontece. No entanto, outra possibilidade é de nos despojarmos de nossas certezas, de uma suposta criticidade que tangencia a estreiteza e limitação, para nos dispormos a ver aquilo que muitos outros não conseguiram, presenciando as mesmas condições, vivendo as mesmas situações.

Cabe um questionamento aqui. Quais têm sido as chances sociais abertas efetivamente para os meninos oriundos de famílias pobres? Que tipo de assistência social eles têm? Como vivem? O que sonham? Que condições de vida possuem? É possível desenvolver-se diante de situações e condições semelhantes a de muitos brasileiros que mal conseguem sobreviver?

Depois de feitas essas perguntas, dentre milhares de outras que caberiam aqui, proponho pensarmos que o SENAI exerce uma função social importante, com isso poderíamos, a partir do que já sabemos, buscar aprimorar o que pode ser melhorado, ou mesmo modificado. Essas colocações têm como objetivo alertar para o perigo de construirmos críticas que acabem por eliminar não só o que esperamos ser eliminado, mas de incluir nessa extinção uma matéria prima que deveria ser preservada. Como naquele ditado que diz: em prol das atualizações e da modernidade jogaram fora toda a água suja da banheira, mas esqueceram de preservar o bebê que nela se banhou.

## BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, F. *História da sociedade brasileira*, 2 ed., Rio de Janeiro, 1985.

ANTUNES, M. A. M. *O processo de autonomização da psicologia no Brasil – 1890/1930: uma contribuição aos estudos em história da psicologia*, São Paulo, Tese de Doutorado apresentada ao Programa de estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUCSP, 1991.

\_\_\_\_\_. *A psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição*, SP:UNINARCO/EDUC,1998.

ARENDT, H. *O que é Política?: fragmentos das Obras Póstumas compilados por Ursula Ludz*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

ARENDT, H. *A Condição Humana*. 10a. Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

BAUER, M. W. e GASKELL, G. *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático*. Petrópolis, R.J: Vozes, 2002.

BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. *A Construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis. R.J.: Vozes, 1985.

BERNAKOUCHE, T. *O ensino técnico brasileiro face à globalização: entre a inclusão e a exclusão*. In: In: SCHERER-WARREN, I. e FERREIRA, J.M.C. *Transformações sociais e dilemas da globalização: um diálogo Brasil/Portugal*. São Paulo: Cortez, 2002, pp.167-180.

BOLOGNA, I. *Formação de Pessoal para as Estradas de Ferro: a atuação do centro ferroviário de ensino e seleção profissional*, São Paulo:CEFESP,1940.

\_\_\_\_\_. **Roberto Mange e sua obra**, Goiânia: INIGRAF, 1980.

**CABRAL, A. C. M. A Psicologia no Brasil**, São Paulo: Instituto de São Paulo USP, 1950.

**CARVALHO, M. M. J. Orientação Profissional em Grupo: Teoria e técnica.**  
WORKSHOPS, São Paulo, 1994.

**CASTRO, C.M. Educação Brasileira - consertos e remendos.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

**CFESP. Relatório dos serviços do Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional.** São Paulo, 1935.

\_\_\_\_\_. **Relatório dos serviços do Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional**, (elaborado por Roberto Mange), São Paulo, 1936.

\_\_\_\_\_. **Relatório dos serviços do Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional**, exercício de 1937, São Paulo, 1938.

**Estrada de Ferro Sorocabana (serviço de ensino e seleção profissional). Relatório referente aos anos de 1930 à 1933.** São Paulo, 1934.

**CIAMPA, A. da C. A Identidade Social como Metamorfose Humana em Busca da Emancipação: articulando pensamento histórico e pensamento utópico.** Peru. Revista Interamericana de Psicologia da SIP (ISSN 0034-9690), 2003.

\_\_\_\_\_. **Pluralismo moderno e pensamento pós-metafísico na discussão das práticas alternativas.** São Paulo: Texto mimeo, 2001.

\_\_\_\_\_. **Carreiras sem fronteiras: Identidade humana e Identidade profissional.** São Paulo. PUC, 2000.



\_\_\_\_\_. **Objeto da psicologia: ética e pesquisa.** In. Conselho Regional de psicologia, 6ª região. *Práticas alternativas: campo da Psicologia.* São Paulo: CRP, 1998.

\_\_\_\_\_. *A Estória do Severino e A História da Severina.* 5ª edição. São Paulo. Editora Brasiliense S.A, 1996.

\_\_\_\_\_. **Identidade.** In: LANE, S.T.M; CODO, W. (orgs.). *Psicologia Social: o homem em movimento.* São Paulo: Brasiliense, 1994, p.58-75.

\_\_\_\_\_. *A Identidade Social e Suas Relações com a Ideologia.* Dissertação de Mestrado. São Paulo. PUC, 1977.

**COSTA, L. C. B. F.** INEP: *Novos Rumos e Perspectivas.* Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, 1984.

**CUNHA, L. A.** *O ensino de ofícios artesanais e manufactureiros no Brasil escravocrata.* São Paulo. Ed. Unesp; Brasília: Flacso, 2000c.

**FILHO, L.** *Visão Histórica de Lourenço Filho Sobre a Psicologia no Brasil,* Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada. Rio de Janeiro, v. 23, n.º1, p. 1/164, Jan/Mar. 1971.

\_\_\_\_\_. A Psicologia no Brasil nos últimos 25 anos, *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada.* Rio de Janeiro, v. 23, n.º1, p. 143-151, Jul/set. 1971.

**FONSECA, C. S.** *História do ensino industrial no Brasil.* Rio de Janeiro: SENAI, 1986.

**FREITAS, Z. R.** *História do Ensino Profissional no Brasil,* São Paulo, s.c.e. 1954.

**GATTI, B.** *O que é psicologia da educação? Ou, o que ela poderia vir a ser como área do conhecimento.* In Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação da PUC-SP, São Paulo; RDUC, 1998, p. 73-90.

**GÓES FILHO, Joaquim Faria.** *O SENAI: traços do seu passado e perspectivas emergentes.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1981.

**GOFFMAN, Erving.** *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.* 4ª edição. Rio de Janeiro, 1988.

**HELOANI, J. R.** *Organização do trabalho e Administração: uma visão multidisciplinar.* 4. ed., São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. *Gestão e Organização no Capitalismo Globalizado.* São Paulo: Atlas, 2004.

**KOLYNIK, H.M.R.** *Identidade e Corporeidade: prolegômenos para uma abordagem psicossocial.* São Paulo: PUC-SP, Tese de Doutorado, 2002.

**KOVÁCS, I.** *Qualificações e ensino/formação na era da globalização.* In: SCHERER-WARREN, I. e FERREIRA, J.M.C. *Transformações sociais e dilemas da globalização: um diálogo Brasil/Portugal.* São Paulo: Cortez, 2002, pp.147-166.

**LANE, S.T.M.** *A Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia.* In: DANIELS, H. (org.). *Psicologia Social: o homem em movimento.* São Paulo: Brasiliense, 1994, pp.111-137.

**LAURINDO, A.** *Cinqüenta anos de ensino profissional: Estado de São Paulo, 1911-1961,* São Paulo, Fundo do ensino profissional, 1962.

**LEMME, P. *O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e sua Repercussão na Realidade Educacional Brasileira.*** Revista Brasileira de Estudos pedagógicos, INEP, Brasília, 1984

**LUNA, S. V. *Planejamento de pesquisa: uma introdução,*** São Paulo:EDUC,1986.

**MASSIMI, M. *História da psicologia brasileira: da época colonial até 1934,*** São Paulo: EPU,1990.

**MICELLI, P. C. *Além da Fábrica: O projeto industrialista em São Paulo - 1928-1948,*** São Paulo: Federação das Industrias do Estado de São Paulo, 1992.

**MINAYO, M.C. de S. *O desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.*** São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

**MONTANA, P. J.; CHARNOV, B. H. *Administração.*** São Paulo, 1 ed., São Paulo: Saraiva, 1998.

**NASCIMENTO, O. V. *O ensino industrial no Brasil, 75 anos: do ensino técnico ao superior,*** Rio de Janeiro: SENAI, 1980.

**PATTO, M. H. S. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia.*** 2ª edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000

**PESSOTTI, I. Dados para uma História da Psicologia no Brasil, *Revista Psicologia,*** ano 1, n.º 1 - São Paulo, 1975.

**PIÉRON, H. Dicionário de psicologia. Trad. e notas de Dora de Barros Cullinan – Ed. Globo – Rio Grande do Sul, 1969.**

***Psicologia,*** ano 1, n.º 1 - São Paulo, 1975.

**PFROMM NETTO**, S. A Psicologia no Brasil, *In: História das Ciências no Brasil*, FERRI, Mário Guimarães & MOTOYAMA, Shozo (coord.), São Paulo: EDUSP, 1979-1981.

**RATNER**, C. A . *Psicologia Sócio-Histórica de Vygotsky: aplicações contemporâneas*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1995.

**Revista do Senai SP**. Ano 1- n. 2 - novembro/dezembro de 2002. Publicação do SENAI / Departamento Regional de São Paulo.

**Revista Olimpíada do Conhecimento**. Publicação do SENAI. n. 36. Encarte especial da Revista Indústria Brasileira n.43 setembro 2004.

**RODRIGUES**, M.C. das. *Educação comparada*. São Paulo: editora Nacional, 1938.

**ROMANELLI**, O. O. *História da Educação no Brasil*, 8 ed., Petrópolis, R.J.: Vozes, 1986.

**SANTOS**, Oswaldo de Barros. Aconselhamento Psicológico: teorias e técnicas de Carl Rogers , *SENAI*, n.º 17, São Paulo, 1966.

\_\_\_\_\_. Teorias e técnicas de Carl Rogers, *Revista de Psicologia Normal e Patológica*, ano XIV, n.º 3-4, São Paulo, 1968.

**SEVERINO**, N. J. *Metodologia do trabalho científico*, 20 ed., São Paulo: Cortez, 1996.

**SEVERO**, R. *O Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo: história, estatutos, regulamentos, programas, diplomas, 1873-1934*, São Paulo, 1934.

**SILVA**, S. B. & **ROSAS**, P. (orgs.). *Mira Y Lopes e a psicologia aplicada no Brasil*, R. J.: FGV, 1997.

TEXEIRA, A. *Estudo Preliminar sobre a Escola Nova : introdução*. In: Dewey, J. *Vida e Educação*. 5. Ed. São Paulo, Editora Nacional, 1959.

TUPINANBÁ, A. C. R. A Psicologia organizacional no Brasil: sua evolução e situação atual. *Revista de Psicologia*, v.5, n.º 2, p. 104, Jul/Dez 1987.

VENÂNCIO FILHO, A. Constituição de 1934. IN: Fundação GetúlioVargas/CPDOC. Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro: 1930-1983. Rio de Janeiro, Corrente Universitária, FINEP, 1984.

## Fontes Documentais

MANGE, Roberto. *Parecer emitido com respeito ao inquérito de 1926*. In: Azevedo, Fernando. *A educação na encruzilhada*. São Paulo, s.d.

\_\_\_\_\_. *Curso de psicotécnica*, São Paulo, 1934.

\_\_\_\_\_. *O centro ferroviário de ensino e seleção profissional em São Paulo*. Tese apresentada ao 1º Congresso de Engenharia e Legislação Ferroviária, em Campinas. São Paulo, CFESP, 1936.

\_\_\_\_\_. *Missão do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial*: resumo da conferência feita. São Paulo, 1943

SANTOS, O. B. Propósitos, Princípios e Programa Básico de Orientação. *Revista de Psicologia Normal e Patológica*, São Paulo, n.º 1-2-3, 1961, 396-401

\_\_\_\_\_. A Divisão de Seleção e de Orientação Profissional do SENAI e suas Principais Atividades. *SENAI*, n.º 16, São Paulo, 1965.

SENAI. *De homens e máquinas*, São Paulo:SENAI,1991, *In Projeto Memória SENAI-SP*.

\_\_\_\_\_. *O giz & a graxa: meio século de educação para o trabalho*, São Paulo: SENAI, 1992, *In Projeto Memória SENAI-SP*.

\_\_\_\_\_. *Relatório do departamento regional de São Paulo de setembro de 1942 à dezembro de 1943*. São Paulo, 1943.

\_\_\_\_\_. *Relatório do departamento regional de São Paulo dos trabalhos realizados no ano de 1944*. São Paulo,1944.

\_\_\_\_\_. *Relatório do departamento regional de São Paulo dos trabalhos realizados no ano de 1945*. São Paulo, 1945.

\_\_\_\_\_. *Relatório do departamento regional de São Paulo dos trabalhos realizados no ano de 1946*. São Paulo, 1946.

\_\_\_\_\_. *Relatório do departamento regional de São Paulo dos trabalhos realizados no ano de 1947*. São Paulo, 1947.

\_\_\_\_\_. *Relatório do departamento regional de São Paulo dos trabalhos realizados no ano de 1948*. São Paulo, 1948.

\_\_\_\_\_. *Relatório do departamento regional de São Paulo dos trabalhos realizados no ano de 1949*. São Paulo, 1949.

\_\_\_\_\_. *Relatório do departamento regional de São Paulo dos trabalhos realizados no ano de 1950*. São Paulo, 1950.

**Projeto Memória SENAI-SP: depoimentos (programa de história oral)**

1. **Palmiro**, Gentil. Gentil Palmiro: depoimento (17/08/1989). São Paulo, 1990.
2. **Santos**, Oswaldo de Barros: depoimento (12/06/1990), São Paulo, 1990.
3. **Menezes Filho**, José Ribeiro de. Depoimento (12/10/1989), São Paulo, 1990
4. **Ferreira**, Luiz Gonzaga. Depoimento 10/08/1989), São Paulo, Projeto Memória SENAI-SP,1990
5. **Cleobis** Francisco Tolentino. Depoimento (reunião Técnica divisão de Seleção/Projeto Memória, 12/09/1991), São Paulo, 1991
6. **Pires**, Nelson de Campos. Depoimento (reunião Técnica divisão de seleção) Projeto memória, (12/09/1991), São Paulo, 1991